

Defesa Nacional



DE JUNHO
9 4 4

NÚMERO
3 6

CEL. RENATÓ BATISTA NUNES

TEN.-CEL. BENJAMIN GALHARDO

TEN.-CEL. LIMA FIGUEIREDO

CAP. JOSÉ SALLES

DE JANEIRO

B R A S I



A NOVA ESCOLA MILITAR, em Resende, que se ergue majestosa neste sítio das Agulhas Negras, é dotada das mais modernas instalações, que oferecem o máximo de eficiência e conforto na preparação dos futuros oficiais do nosso Exército, e dá testemunho das altas qualidades do comando por elaud MAIA, que orgulha de ter contribuído para a realização deste maravilhoso empreendimento de progresso.



EDITORIAL

Por ocasião do recente transcurso do 10.^º aniversário de sua morte, mereceu Pandiá Calogeras a lembrança e a homenagem dos mais diversos setores da vida nacional.

De fato, a sua figura multiforme de político, estadista, diplomata, economista, historiador, industrial, projeta-se com um brilho inconfundível no cenário republicano. Calogeras apresenta-se, limpidamente, como uma das expressões máximas do Brasil contemporâneo.

O Exército muito especialmente participa dessa justa consagração, pois teve em Calogeras, ao lado do Marechal Hermes e do General Eurico Dutra, um dos seus três grandes Ministros, desde o advento da República.

A obra de Calogeras à testa do Ministério da Guerra caracteriza-se, como bem o sabemos, por dois extraordinários empreendimentos: a construção de quartéis e o contrato da Missão Militar Francesa.

Com essas duas realizações eram atendidas as necessidades fundamentais do Exército, das quais, por assim dizer, todas as outras decorriam.

Os numerosos quartéis que lhe devemos, sem luxo é verdade, mas sólidos, decentes e espaçoso, vieram proporcionar às nossas guarnições longínquas, pela primeira vez, uma apresentação digna, além de condições elementares de higiene, de conforto e de conservação do valioso material de guerra.

O contrato da Missão Militar Francesa, embora não tenha sido iniciativa sua, mas do seu antecessor, o Gen. Cardoso Aguiar, consoante acen-

tucu em depoimento recente o Gen. Castro e Silva, constitue inquestionavelmente uma realização sua, pois foi na administração Calogeras que a Missão se constituiu, chegou ao Brasil e começou a funcionar.

Assim, a passagem de Calogeras pelo Ministério da Guerra foi substancial, marcou uma fase da evolução do nosso Exército: aparelhamento material (quarteis, hospitais, estabelecimentos) e elevação do nível profissional (Missão Francesa).

* * *

Tuiutí é a batalha que recordaremos com orgulho e interesse sempre crescentes. Está longe, naturalmente, das batalhas da atualidade, que se prolongam por muitos dias, às vezes por meses, e envolvem países inteiros, arrazam cidades, aniquilam populações, desmantelam exércitos. A nossa grande batalha, situada naquele remoto 24 de maio de 1866, foi um choque de poucas horas, desenrolado na área de um acampamento, conduzida a vozes de comando de chefes que se deslocavam entre os combatentes em galopadas épicas, vencida à custa de muito sangue, de muita bravura pessoal, de muito amor à Pátria. Mas é justamente isso que faz de Tuiutí o lance exemplar da nossa história guerreira. Naquele campo famoso documentámos, de uma forma inequivoca, o valor do nosso soldado.

Dessa forma, não podia ser melhor escolhida uma data para a apresentação pública do Corpo Expedicionário. Vinte e quatro de maio inspirará aos soldados que em breve partirão para os campos de batalha da Europa, todas as virtudes e também todas as responsabilidades do soldado brasileiro, sintetizadas na personalidade dominadora

de Osorio, o General que em Tuiutí derramou o seu sangue como qualquer soldado, que como qualquer soldado combateu no entrevero perigoso.

* * *

Neste mês de maio, no dia 30, o Exército comemorou o centenário de um dos seus heróis, o Gen. Manuel Luis da Recha Osório, sobrinho do Marquês de Herval. Soldado da mesma estirpe, não desmereceu a grandeza do vencedor de Tuiutí. Aliás, na função de ajudante de campo tomou parte na batalha de 24 de maio, e nela, como o seu grande parente, recebeu um ferimento. No posto de tenente e depois no de capitão, ambos atingidos por atos de bravura esteve presente em todos os lances importantes da guerra do Paraguai: Tuiucuê (onde foi novamente ferido), Humaitá, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Augustura, Peribebuí. Terminada a luta continuou a sua carreira, sempre servindo em guarnições da fronteira, destino que não modificou nem ao ser promovido a General, em 1890, pois lhe coube então comandar a fronteira do Chuí.

Sua vida é uma vida típica de soldado. Na guerra, ferido várias vezes, sagrou-se um herói; na paz foi um oficial exemplarmente devotado à caserna, sempre entregue ao desconforto e ao trabalho obscuro das guarnições fronteiriças.

Por tudo isso não podia passar despercebido o centenário do nascimento do Gen. Manuel Luís Osorio, e o Sr. Ministro, determinando que a data fosse festejada em todos os corpos de Cavalaria e nos estabelecimentos de ensino militar, teve as seguintes palavras, que fixam o sentido especial do culto dos nossos heróis nesta hora dramática:

"No momento em que o mundo se materia-

liza, os povos que se nutrem da tradição estão fadados a vingar todas agruras oriundas do tufão social que varre com sangue a face do planeta".

* * *

O Exército teve em 18 de maio, data natalícia do Ministro Gen. Eurico Gaspar Dutra, uma oportunidade para manifestar o seu reconhecimento é a sua admiração àquele que vem sendo, vai para 8 anos, o gestor incansável, energico e lúcido da Pasta da Guerra.

Em estudo biográfico, agora incorporado ao volume "Grandes Soldados do Brasil", de autoria do Ten.-Cel. Lima Figueiredo, S. Excia. é cognominado "o reformador". Está, efetivamente, nesse feliz cognome a definição do Gen. Eurico Dutra. O reformador, o grande reformador do Exército, é o que é S. Excia.

Trabalhador extraordinário, inteligência pronta e superiormente aparelhada no trato das coisas militares, espírito compreensivo e justo, vontade firme, caráter impoluto, patriotismo inexcedível, conhecimento pessoal, através de longo tirocínio de caserna, dos problemas profundos do nosso Exército, o Gen. Eurico Dutra trazia consigo a predestinação da obra que havia de realizar.

Naturalmente o seu julgamento pertence ao futuro, é empresa do historiador servido por documentos idôneos e colocado a uma distância cronológica suficiente para criar uma perspectiva histórica sobre os fatos de hoje. A nós, em todo caso, corre o direito de reconhecer e proclamar os fatos que testemunhamos. E dentro desse critério temos a data aniversária do Ministro Eurico Dutra como uma efeméride essencialmente grata ao Exército.

A GUERRA ATUAL

989

Ten.-Cel. Lima Figueiredo

Já se foi o tempo em que uma grande vitória podia decidir uma guerra. Na História Militar topamos inúmeros exemplos de generais disporem com sabedoria seus meios, imporem uma batalha num terreno favorável e ganharem a guerra. Vencido o exército, estava vencido o povo que se submetia sem reação à tirania do vencedor. O efetivo, o material e o chefe eram três elementos que se integravam para a conquista do triunfo.

Um condutor de homens como Napoleão podia vencer um inimigo numericamente mais forte ou melhor armado. A esse respeito contam que, em certa ocasião, ao ser informado de que o adversário era três vezes mais forte, respondera epicamente: — “Tenho 50.000 homens e eu, o que perfaz 150.000”.

Um Waterloo ou uma Tsushima já não decidem, hoje, do destino do vencido, porque na luta não se engajam apenas soldados e marinheiros, mas os povos das nações em beligerância que foram, há um quarto de século, psicologicamente e materialmente, preparados para a guerra. Os combatentes se empolgam no combate, porque lhes armam os braços não apenas o cumprimento do dever de desagravar a pátria, duma afronta ou o desejo de fazê-la maior e mais rica, porém uma ideologia que julgam capaz de realizar o milagre duma humanidade feliz. Um soldado forte e bem armado, batendo-se sem o filapso dum ideal, sucumbe diante de outro mais fraco que tenha a guiá-lo a luz duma mística, o magnetismo duma idéia, o calor duma crença, porquanto vence me-

lhor aquele que, em seu corpo animal ou pneumático, no dizer de S. Paulo, possui mais desenvolvido corpo psíquico.

Se o jovem povo germânico não tivesse sido, desde o berço, alimentado do que chamam ideal nazista, já teria a Alemanha imitado a Itália, ao sentir-se arrazada pela saravada de bombas que caem dos bombardeiros e ao sofrer os desastres sucessivos impostos aos seus exércitos em todas as frentes de combate. Terá de sustentar mais duro e persistente castigo, até sentir maiores dores na alma do que experimenta no corpo.

O final desta guerra irá marcar o início de uma nova era; e o que chamamos **HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA** irá ter outro nome, porque acontecimentos de muito maior importância irão surgir, fazendo pequenino e apagado o prestígio da revolução francesa.

A guerra atual envolve todo o planeta. Ha peleja em todos os continentes e em todos os oceanos. Jamais o mundo foi de tal forma convulsionado. Há luta em altura, em profundidade, em largura e em comprimento.

O homem a ferro e fogo modifica a paisagem terraquea, armada por Deus ou transformada pelo homem inspirado por Ele.

Na Europa a luta que começou nas planícies da Polônia, alastrou-se e com tal impetuosidade que ela mesmo tomou a denominação de **RELAMPAGO**, nome que outrora fora dado a um indivíduo apenas — Amilcar Baica. Nem a neve nem o calor a fizeram parar. Nem montanhas, nem rios, nem desertos, nem florestas. Nem aviões, nem submarinos, nem tanques. Ela continua acesa como uma fogueira com muita e bôa lenha...

A guerra foi feita em todos os seus aspectos. Nas planícies, obrigando aos exércitos transporem rios caudalosos, para o que surgiram variegados meios de passagem entre os quais os botes pneumáticos. Nas montanhas da Grecia, no alcantilado da Noruega e no terreno difícil da Itália combateu-se e combate-se usando, muitas vezes, ardís e processos do tempo

de Temístocles, de Aníbal e de Cesar. Os aclives mobilizam os muares para o transporte em pleno século da aeronáutica e dos engenhos motorizados.

No deserto africano surgem o emprego a larga das minas anti-tanques e a luta pela conquista de uma posição defensiva, num fluxo e refluxo de ações, em pleno oceano de areia.

Na península de Malaca e na Birmânia é o devassamento da floresta e a disputa em plena jangla, onde a febre de mil nuances mata mais que a bala inimiga.

Nas ilhas dos Mares do Sul é o emprêgo insofrido das operações anfíbias, para a conquista das ilhas e dos arquipélagos. Homens amassados uns contra os outros nos bojos dos navios, descem para embarcações especiais e navegam sob a proteção da aviação e da artilharia de bordo, para conquista de uma cabeça de praia, tomado do defensor o terreno palmo a palmo, empregando ora o corpo a corpo do tempo de Alexandre, ora o ultra-moderníssimo lança-chamas que tudo enegrece, estorrica e queima. E depois de tomada a ilha outra luta se agiganta — vencer o meio empoeirado pelos miasmas, pelas lezírias, pelos cadáveres apodrecidos... E depois de sacrificados tantos, esforços não são poupadados para salvar a vida de alguns, sentindo-se, nitidamente, nesse tranze, a linha de contacto entre a barbárie e a civilização, entre o que o homem tem de fera e tem de santo.

Os antigos processos das guerrilhas também estão sendo utilizados, com todas as artimanhas, na aplicação do preceito — surpreende, fere e foge. As montanhas, as florestas e os mares favorecem os guerrilheiros. Os píncaros, os planaltos de difícil acesso, a selva entresachada de lianas, são os esconderijos desses combatentes que pululam na China, nos Bálcãs e na Birmânia. Nos mares “os comandos” são os mais modernos guerrilheiros, surpreendendo os defensores dum posto, dominando-os e arrazando tudo que encontram, para em seguida abandonarem a terra devastada.

Diante da guerrilha não há fortaleza. Afirmou Dmitry Merejkowsky que “os homens são fracos porque distraídos; e

gênio é a atenção e a atenção é a vontade do espírito". E quasi nunca os guerrilheiros topam com gênios!

Mil processos de guerra foram experimentados; variadas armas novas foram inventadas; e até o velho rojão com nome de "Bazooka" é o terror dos blindados...

Tudo que é capaz de destruir foi posto em dinamismo, menos uma cousa — o gaz de combate. Mesmo assim não é porque ainda haja um resquício de bondade no coração humano, mas sim porque não é bom bulir em casa de maribondo. A guerra química toma um incremento incrível, incontidável, fantástico, contudo não saiu do âmbito dos laboratórios e dos campos de instrução. Tanto as medidas de ataque, assim como as de defesa, tomaram um desenvolvimento indizível. E cada grupo beligerante não ataca porque teme a represália. Apenas isso.

E' essa a guerra que o Brasil vai enfrentar. Guerra de ideologias, guerra de ódios, guerra de vencer ou morrer.

Façamos do nosso ideal o mesmo que levou Tiradentes ao holocausto sublime — morrer ou vencer pela liberdade dos povos, pela melhor compreensão entre os homens, pela independência absoluta da nossa terra. Basta êsse ideal para que o gigante Brasil tenha em cada filho a sua miniatura.

993

ARTILHARIA ANTI-AEREA NO ESCALÃO D. I.

Pelo TEN. CEL. ROGER W. MOORE

Extraido do *Coast Artillery Journal* pelo Major
Newton Franklin do Nascimento

Repetidas vezes, temos apresentado aos leitores varios estudos explicativos concernentes ao emprego tático da artilharia anti-aérea. Nesses estudos, demos atenção particular à defesa das retaguardas e aeródromos. Contanto que a tática e técnica de tal defesa sejam bastante complexas, em face do grande número e variedade de meios utilizados, a aplicação de seus princípios é simples, em comparação os que se relacionam com a defesa anti-aérea na frente da zona de batalha.

Para abordar um problema tático, o estudo dos meios tem influência capital. No presente trabalho, limitar-nos-emos ao estudo no escalão D. I. A dotação normal de uma D. I., em meios anti-aéreos, consiste em um grupo móvel de peças automáticas. Embora êsse tipo de armamento apresente certas deficiências inherentes à guerra de movimento é, todavia, o melhor que tem sido produzido até a presente data. Algumas autoridades no assunto acreditam que a auto-propulsão do grupo poderia ser melhorada. Sob muitos aspectos, isso é verdadeiro e deve constituir o judicioso armamento de uma D. I., definitivamente motorizada.

O armamento do grupo supre o Comandante da D.I., com 32 peças anti-aéreas. Para assistí-lo técnica e taticamente, fun-

ciona em seu Estado Maior como orgão especializado, o próprio comandante do grupo.

A missão normal da artilharia anti-aérea consiste na proteção das unidades e instalações terrestres contra ataques aéreos. A missão secundária reside na defesa anti-mecanizada ou anti-naval. O comando deve utilizar a artilharia anti-aérea na tarefa para a qual ela foi adextrada e equipada. Somente após cuidadoso exame da situação, poderá ser atribuída a missão secundária. Normalmente, o armamento anti-aéreo só é empregado contra objetivos terrestres quando a posição se acha ameaçada.

EMPREGO TÁTICO

A aviação de caça constitui a defesa primária do flanco aéreo (1) e o primeiro papel da anti-aérea será, portanto, proteger os aeródromos de caça. Desde que, porém, o domínio do ar não pode nunca ser completo, alguma artilharia anti-aérea será destinada à defesa de pontos de passagem obrigatória, concentrações de tropa, etc., contra ataques do inimigo aéreo que conseguiu penetrar em nosso anteparo de combate. Essa tarefa incumbe ao grupo atribuído a D. I. Os aeródromos serão defendidos, normalmente, pelas unidades anti-aéreas do Corpo e do Exército.

A artilharia anti-aérea fornecerá uma defesa razoável dos elementos vitais. Pode parecer um axioma que não existe sempre artilharia anti-aérea suficiente para suprir a defesa adequada de todos os objetivos prováveis. É preferível, portanto, defender poucos pontos, judiciosamente escolhidos, a dispersar os meios sobre muitos e fraca mente.

O comandante da D. I. é quem estabelece a ordem de prioridade da defesa anti-aérea. Cabe-lhe organizar a lista de todos os pontos vitais que interessam à sua missão, grupando-os segundo a ordem de importância. Trata-se, assim, de uma

(1) *Flanco aéreo* é uma locução vaga, sem sentido perfeito, pois, o inimigo tanto pode investir de flanco, como de frente e pela retaguarda. Mas, para não desvirtuar o original, respeitemo-la — *Nota do tradutor.*

responsabilidade do comando, mas o comandante do grupo anti-aéreo deve ser ouvido nessa decisão. Para isso, o comandante do grupo deve estar perfeitamente familiarizado com o plano de operações da D. I. No caso de os canhões, bem como as peças automáticas, serem empregados na D.I., deve-se organizar uma lista separada de prioridade para cada espécie de armamento.

A defesa anti-área, tanto passiva como ativa, deve ser perfeitamente coordenada e o comandante do grupo é o coordenador indicado. Para preparar judiciosamente um plano eficaz de defesa anti-aérea, o comandante do grupo deve familiarizar-se com os planos da D. I., tanto táticos como dos serviços.

As unidades terrestres cuidarão de sua própria defesa, contra aviões voando baixo, pelos meios passivos e emprego de seu armamento orgânico.

A anti-aérea deve proteger os pontos sensíveis, no eixo de marcha e para esse fim, as unidades anti-aéreas devem possuir prioridade nas estradas.

A abertura ou cessação de fogo de artilharia anti-aérea não deve revelar o dispositivo nem os planos de manobra.

O comando centralizado é usado sempre que possível.

As unidades de artilharia anti-aérea devem achar-se em posição e prontas para abrirem fogo, antes do momento em que o ataque aéreo é esperado.

ATAQUE

Durante a preparação e execução de um ataque, as tropas de combate são particularmente vulneráveis aos ataques aéreos e à observação do inimigo, não somente devido à sua densidade de concentração, mas também pelo interesse de o inimigo empregar todo o esforço para eliminar qualquer ameaça à sua segurança. Portanto, a artilharia anti-aérea é empregada para proporcionar o máximo de proteção a êsses elementos, cuja destruição ou desorganização ponha em risco o êxito da missão.

Em geral, os canhões anti-aéreos do Corpo protegem da observação inimiga as forças encarregadas do esforço principal, as reservas e a artilharia de apoio imediato. A defesa é coordenada tanto quanto possível. No ataque, os elementos de combate são puchados para a frente, o que permite aos canhões anti-aéreos se aproximarem o mais possível das baterias avançadas da artilharia divisionária. Isso permite melhor proteção dos elementos de combate e facilita, largamente, os deslocamentos para a frente. Normalmente, as baterias de artilharia mais avançadas não ficam a menos de 1.000 m. atraç da base de partida, dependendo da sua colocação no dispositivo das forças terrestres e da configuração do terreno. Dependendo das disponibilidades de meios, os seguintes elementos podem ser incluidos na defesa anti-aérea:

- unidades de assalto, especialmente as encarregadas do esforço principal;
- reservas e estradas destinadas a seus movimentos;
- zonas de artilharia;
- centros de abastecimentos;
- pontes sensíveis na linha de comunicações.

Os elementos acima não estão grupados por ordem de importância. Convém lembrar que a situação é que indica a ordem de prioridade, bem assim que escolhemos as zonas ou locais de instalação segundo a ordem de urgência, e começamos por dar-lhe uma defesa adequada na ordem de importância, até o esgotamento dos recursos anti-aéreos.

Os meios do grupo são dispostos para protegerem êsses elementos vulneráveis dos bombardeios em vôo baixo ou mergulho e varreduras a metralhadoras.

Êsses elementos são:

- tropas incumbidas do esforço principal;
- reservas;
- zonas de posição da artilharia;
- postos de comando;

- depósitos de munições, trens e centros de abastecimentos;
- outros elementos à retaguarda das tropas de combate em posição;
- pontos sensíveis na linha de comunicações.

Os órgãos de fogo do grupo são deslocados tanto para a frente quanto a situação o permita, mas nunca, ou raramente, a menos de 800 m. Essas unidades são desenfiadas e disfarçadas, para se occultarem à observação terrestre e aérea. As tropas de combate são responsáveis por sua própria proteção, mas em combate efetivo necessitam da proteção de meios suplementares.

Os projetores são empregados, normalmente, apenas na retaguarda da zona de combate. Sua missão consiste em iluminar objetivos para os canhões anti-aéreos e aviação de caça. Os canhões serão empregados raramente, na frente de combate, em outras missões afóra a de impedir a observação. A aviação de observação, em vôo alto, é extremamente limitada, mesmo nas noites de luar. Pôde-se afirmar, pois, que o projetor será de emprego eventual na D. I..

MARCHAS

Durante a marcha de fortes efetivos, pôde ser necessário descentralizar o comando da defesa anti-aérea pelos comandantes de colunas. Isso parece uma violação aos princípios do comando centralizado, porém, certas situações podem exigir essa violação. Quando se inicia o movimento, os planos de deslocamento, das tropas e dos serviços, precisam ser conhecidos em suas minúcias, antes de serem preparados os planos de defesa da artilharia anti-aérea. O Exército prescreve, normalmente, o limite posterior da zona que cabe à artilharia anti-aérea do Corpo. O Exército protegerá os elementos à retaguarda desta zona, podendo ser prescrito que seja assegurado por esse último a defesa da artilharia anti-aérea da área posterior do

As instalações da D. I. não são objetivos normais nem aproveitados aos bombardeios médios ou pesados. Os objetivos apropriados para esse gênero de aviões devem ocupar uma área de 400 ms. de diâmetro, no mínimo. Nenhuma instalação ou elemento da D. I. deve concentrar-se em zonas de tal dimensão.

As medidas contra a observação aérea constituem exigências elementares de marcha. Para isso, é necessário manter a aviação inimiga tão alta e tão distante que não lhe seja permitido observar com eficiência. Para os movimentos diurnos, o Corpo estabelece a cobertura com canhões anti-aéreos. Na falta de cobertura com canhões, a dispersão dos elementos é a melhor garantia contra a observação. Durante os movimentos noturnos, as peças automáticas atribuídas à D.I. podem impedir a observação aérea, desde que seja mantida uma rigorosa disciplina de marcha. As medidas passivas são utilizadas ao máximo, para a proteção contra a observação a grandes altitudes, tanto de dia como de noite.

Os canhões anti-aéreos do Corpo e do Exército cobrem os pontos sensíveis ao longo da zona de marcha, tais como passageiros de cursos d'água, ou terrenos montanhosos. Marcham, em geral, com a vanguarda e são destacados para os pontos a serem defendidos. De acordo com a regra já enunciada, devem estar em posição e prontos para abrirem fogo antes do momento em que se espera o ataque aéreo.

As tropas de marcha são vulneráveis aos bombardeiros em vôo baixo e às varreduras a metralhadoras, mormente na passagem de pontos críticos, tais como pontes, cidades de ruas estreitas, desfiladeiros, etc. Órgãos de fogo do grupo anti-aéreo serão destacados para esses pontos críticos antes da chegada das tropas em marcha e permanecerão aí até o escoamento completo da coluna.

As unidades de artilharia anti-aérea destacadas para a defesa de pontos críticos marcham com a vanguarda, abandonando-a ao atingirem os pontos a serem defendidos.

Cada homem na coluna, empregando todas as armas dis-

poníveis, é um defensor em potencial. Todo o fuzil ordinário ou automático e toda a metralhadora munida de reparo anti-aéreo, deve ser usada contra os ataques em vôo baixo. Cada grupo de quatro caminhões de 2 1/2 toneladas ou mais deve dispor de uma metralhadora, calibre 50, para sua defesa. Essa metralhadora é montada sobre a cabine da viatura.

No caso de ser necessária a defesa de pontos críticos, durante a marcha através do território inimigo, as fotografias obliquas aéreas têm grande valor. Uma vez organizado o plano dessas fotografias, é preciso cingir-se rigorosamente a él. Si, porém, ao chegar ao aludido ponto, o comandante da bateria, ou da secção, considerá-lo sem interesse especial para a proteção anti-aérea, deverá comunicar o fato ao comandante do grupo.

Durante a marcha, pôde ser aconselhável que se conservem alguns orgãos de fogo disponíveis junto, ou próximo à testa da coluna, para atenderem a qualquer ataque imprevisto.

SURPRESA

A surpresa é um fator tão importante na defesa anti-aérea, como em qualquer outra forma da guerra. Devemos evitar a surpresa, ao mesmo passo que nos esforçamos para surpreender o inimigo.

Um serviço de alarme eficiente é essencial, não só para evitar fadigas inúteis à tropa, mas ainda para assegurar apreensão do objetivo. Os orgãos de fogo anti-aéreo são equipados com sistemas de alarme que quase eliminam a possibilidade de um ataque inesperado.

Os orgãos de fogo que não possuem tais equipamentos restringem-se à apreensão do objetivo apenas pela vista e pelo ouvido. Sistemas de alarme regulares não são práticos para os orgãos de fogo da D.I., em determinados movimentos.

Durante a campanha da Tunísia, uma unidade anti-aérea empregou um sistema de alarme improvisado, numa aproximação ao longo de avenidas. A experiência tinha mostrado que

os ataques viriam na direção dessas avenidas. Dessa forma, a unidade eliminou, praticamente, a surpresa.

Para surpreender o atacante, precisamos utilizar ao máximo todos os subterfúgios. Isso será obtido usualmente por meio de um bom desenfiamento e mudanças periódicas das posições dos canhões e reter a abertura do fogo até o último momento possível.

DEFESA

Durante a defesa, não há a concentração de tropas que ocorre durante a preparação e execução de um ataque. As tropas na zona avançada da posição principal de resistência devem ficar bem dispersas. O dispositivo é mais profundo e a artilharia fica distante da linha de contato.

Os elementos que exigem proteção são:

- tropas na zona de frente da posição principal de resistência;
- artilharia de apoio;
- reservas e estradas para seus deslocamentos;
- postos de comando;
- centros de abastecimento.

Esses elementos não foram grupados por ordem de importância. A artilharia de apoio e as reservas, porém, estarão sempre em primeiro lugar.

Em uma guerra de movimento, a defesa é, em muitos casos, somente uma fase temporária para reinício do ataque ou começo da retirada. Raramente, a defensiva se mantém estática por muito tempo. No entanto, durante esse interregno, o comandante do grupo se ocupa em atender às necessidades do momento, bem como prepara o plano de defesa anti-aérea para a fase de operação seguinte.

Durante a fase da defensiva, é um imperativo que o corpo empregue canhões anti-aéreos para impedir a observação. O

sucesso da operação seguinte, seja um ataque, seja uma retírada, depende sobretudo, em evitar a observação inimiga. O reconhecimento aéreo pode ser esperado em grande escala, quando nenhuma mudança da operação está sendo preparada.

Também durante a defensiva, o inimigo diligenciará para neutralizar a artilharia. A experiência tem mostrado, largamente, que a artilharia desempenha um relevante papel, desatirando os ataques inimigos. Portanto, a artilharia em posição representa um objetivo por excelência para a aviação inimiga e, consequentemente, necessita de proteção da artilharia anti-aérea.

Uma defensiva ativa se caracteriza pelos contra-ataques. Para realizar um contra-ataque com êxito, as reservas precisam dirigir-se às posições determinadas sem serem molestadas e nem observadas. Consequentemente, as reservas e as estradas a utilizar devem ser cobertas, não só pelos canhões, mas também pelo armamento automático da defesa anti-aérea. Si está faltando uma defesa de canhões, os movimentos se restringem às horas de escuridão.

BIVAQUES E ZONAS DE REUNIÃO

A defesa de uma D. I. bivacada contra os ataques e a observação aérea, depende em grande escala da dispersão de seus elementos e do disfarce. É fácil avaliar as dificuldades para ocultar 10.000 a 15.000 homens e 1.200 a 1.800 viaturas. Mas elas não são tantas como se julga.

Durante uma fase de recentes manobras, uma D. I. blindada americana conservou-se bivacada três dias, sem ser identificada pelo partido oposto, que conhecia, a localização geral do bivaque, mas cujos reconhecimentos aéreos não precisavam a zona com exatidão. Essa divisão possuía mais pessoal e duas vezes mais viaturas do que uma D.I. normal.

Os órgãos de fogo do grupo são empregados para aumentar a eficácia do tiro e ampliar a defesa proporcionada pelos elementos orgânicos da tropa estacionada, a fim de estabelecer uma "área defensiva" onde se torne possível.

Nos lugares em que a extensão da área ou a falta de meios exigirem, será estabelecida uma ordem de prioridade entre os vários elementos e as peças do grupo serão empregadas na proteção de objetivos individuais de primeira urgência.

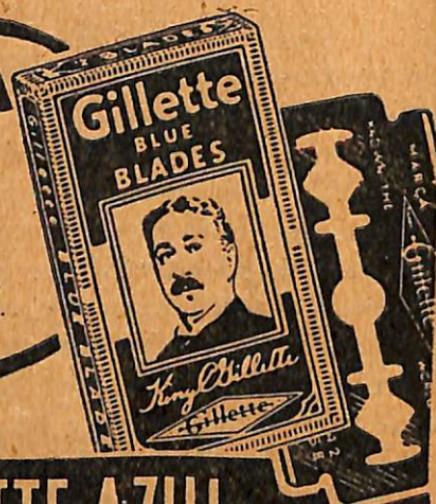
CONCLUSÃO

Em conclusão, apresentamos algumas palavras de advertência ao comandante do grupo anti-aéreo destacado junto à D.I.. Ele comanda uma unidade essencialmente especializada, que é uma engrenagem vital na máquina de guerra e, como tal, é o responsável pelo emprego judicioso da unidade, tática, técnica e administrativamente. É o conselheiro do comandante da D.I. e seu perito em assuntos anti-aéreos. Tendo sido especialmente adextrado, é responsável pelo judicioso emprego de sua unidade. Para isso, deve manter-se constantemente a par da situação e estar perfeitamente a par dos planos da D.I., quer os do ponto de vista tático, quer os do emprego dos serviços.

BÔA APPARENCIA

NÃO a tem sómente quem se veste com apuro. Ela depende, sobretudo, da barba bem escanhoada, o que só se consegue com a insuperável lâmina Gillette Azul.

Gillette



Lamina **GILLETTE AZUL**

Subsídio para o estudo da atual guerra

(Traduzido do artigo "Novo teatro de operações" da revista "LA FRANCE LIBRE" — Vol. VII — N.º 38).

Pelo CAP. GERALDO DE MENEZES CÔRTES

SUMÁRIO — As surpresas das campanhas de 1943 na frente russa.
 A batalha do DNIEPER, sua perspectiva estratégica.
 A ofensiva russa, importância de Krivoi Rog e Apostolovo.
 A contra-ofensiva alemã.
 Finalidade das diversões russas em Kiev, Gomel e Mohilev, condições para os sucessos táticos em tais métodos.
 A importância do teatro de operações — valor das distâncias. As 3 possibilidades de operações que a rede de estradas russas asseguram.
 Velocidades das ofensivas russas.

As campanhas do ano de 1943, na frente oriental, reservaram aos observadores duas surpresas:

- primeiramente, no decorrer do verão, isto é, na estação que normalmente favorece aos alemães, esses foram batidos segundo todas as regras da arte militar;
- em seguida, no inicio do inverno, estação que passa a ser vantajosa para os russos, na mesma data em que, um ano antes, a 23 de novembro de 1942, desencadearam a vitoriosa ofensiva de Stalingrad, os alemães empreenderam com êxito uma contra-ofensiva, que retardou o avanço russo sobre dois setores decisivos.

Esta divergência, entre o desenvolvimento das campanhas atual

e anteriores, só se pôde, manifestamente, explicar pela intervenção de novos fatores, suscetíveis de modificar ou mesmo de inverter as leis da alternância das situações nas estações. E, realmente, tais fatores existem. No verão, foi a superioridade numérica e material dos russos; já nesse inverno entrou em ação um fator, que não desempenhará, necessariamente, um papel decisivo, mas cuja influência já se faz sentir, isto é, o novo caráter do teatro sobre o qual se travam os combates. Brevemente, o objetivo do Exército russo será menos libertar o sólo da Pátria que perseguir o inimigo idiado cada vez mais no ocidente.

Movimento perpétuo

Toda batalha tem seu característico próprio. Para apreender o da batalha do Dnieper, que se alargou às dimensões da maior dentre as grandes batalhas, é preciso examinar os episódios e os combates, não isoladamente mas numa perspectiva estratégica de conjunto, em função das decisões visadas pelos dois partidos.

Os cálculos estratégicos dos alemães foram dominados, até o fim, pela idéia de não abandonar a linha do Dnieper, e todas as medidas alemãs ordenam-se tendo em vista esse último objetivo. Aliás os alemães não fizeram mistério disto e reafirmaram expressamente esta intenção, enquanto os combates travavam-se com furor há algumas semanas no setor de Krementchoug-Dniepropetrovsk, sobre a margem ocidental do rio, e os russos, após a travessia do Dnieper, já tinham percorrido 130 km em linha reta na direção do centro mineiro de KRIVOI ROG. "Se o comando alemão (escrevia a 1.º de novembro de 1943, no *Parieser Zeitung*, um dos melhores críticos militares alemães) se tivesse dobrado diante do avanço russo entre Krementchoug e Krivoi Rog, teria adotado outras disposições no setor ZAPOROJE - MELITOPOL. De todos esses acontecimentos, depreende-se, claramente, que a intenção de nosso comando é de manter o Dnieper e de reocupar a margem ocidental do rio que, momentaneamente, caiu nas mãos dos exércitos soviéticos. O comando resolveu intensificar a luta empregando meios mais possantes e para anular as vantagens que os russos obtiveram além da linha do Dnieper."

As considerações que inspiraram esta resolução de manter a todo custo a linha do Dnieper parecem ter sido as seguintes:

1. — Uma decisão obtida sobre o Dnieper afetaria toda a frente oriental. Se alemães forem obrigados a abandonar definitivamente a linha do Dnieper, não perderão sómente a Criméia e a bolsa do Dnieper. Como um simples golpe de vista sobre a carta é suficiente para evidenciar, análogas consequências resultariam para a longinqua frente no N., tão acima como o manancial do Dnieper. Toda a zona fortificada sobre o Lovat e o Wolchov deveria ser evacuada, o sitio de Leningrado levantado.

2. — Os alemãis devem defender o minério de manganês, tão precioso para a continuação da guerra.

3. — Sobre o Dnieper defendem tambem sua posição política e econômica nos Balkans, e o petróleo de Ploesti.

As disposições adotadas pelas fôrças russas mostravam claramente que o alto-comando de Moscou esperava obter um resultado decisivo, primeiro sobre a frente S. e, em seguida, por repercussão sobre tôda a frente ocidental. O exército de von Mannstein, de cerca de 1.000.000 homens, devia ser subdividido em pedaços ou pelo menos, substancialmente enfraquecido.

Por um nada o plano não foi arrematado. O centro ferro-viário de Apostolovo, a SL. de Krivoi-Rog, foi a chave de tôda a batalha porque constituia a última ligação ferroviária para o acidente ainda disponível para os alemãis. A ocupação deste ponto teria colocado os exércitos alemãis no interior da bolsa do Dnieper numa situação catastrófica, deixando-se-lhes apenas uma via de evasão. Várias colunas russas marchavam sobre Apostolovo e uma dentre elas, a 26 de outubro de 1943, estava só a 25 km.

Nunca, desde Stalingrad, os russos realizaram uma concentração tão grande de homens e de material sobre um único setor da frente. A ofensiva era conduzida por quatro gigantescos grupos de exércitos, se considerarmos ligado, como convém, à linha do Dnieper o ferrolho Zaporozje — Miliopol — mar de Azov que, afastado do Dnieper, cobria o acesso à Criméia. A tentativa de arremetida para SW, a partir da cabeça de ponte a W. do Dnieper e na zona de Kremenchoug, para alquirir uma importância estratégica, devia ser acompanhada duma empresa conduzida mais a L, partindo das steppes de Nogaisk para o curso inferior do Dnieper. Nesse setor operava o Grande Exército do General Tolbuchin, o IV.^o, que forçou o ferrolho alemão entre o Dnieper e o mar de Azov. No interior da bolsa do Dnieper, o II.^o Grande Exército, comandado pelo General Konjev, atacou com sucessos a partir de Kremenchoug.

O III.^o Grande Exército, do General Malinowski, tinha ocupado Zaporeje e Dniepropetrovsk, o II.^o Gr. de Exércitos tinha ultrapassado o Dnieper, de tal sorte que dois Gr. de Ex. russos, o II.^o e o III.^o, cooperavam estreitamente na bolsa, enquanto que os Exércitos de Tolbuchin caçavam diante deles as divisões do VI.^o Exército alemão. Uma coluna russa tentou repelir os alemãis da Criméia, na qual se tinham refugiado, pelas steppes de Nogaisk. Uma outra coluna investiu sobre Nikopol, para cortar aos alemãis a única rutura da frente. Alguns destacamentos russos progrediram com uma velocidade que atingiu 30 km. por dia, rendimento ainda não obtido pelos russos.

O súbito ataque do grupo de Ex. Malinowski, na parte oriental

da bolsa do Dnieper, pôs as tropas alemãs engastadas entre duas colunas russas, numa situação crítica. Várias divisões alemãs estavam cercadas, outras ameaçadas de igual destino. O grosso das forças alemãs retirou-se para o SW., lutando em velocidade, desesperadamente, com as forças russas que, ao N., tentavam cortar sua retirada. Em terra e nos ares os russos martelavam as vias de comunicações alemãs.

Mas, no mesmo momento em que os russos pareciam a ponto de tomar Krivoi Rog e de rapidamente atingir Apostolovo, produziu-se a contra-ofensiva alemã que estabilizou a situação nesse setor. Decididamente, o comando russo não pôde reforçar suficientemente sua cunha ofensiva para colocá-la ao abrigo dessa eventualidade. Por outro lado a operação de apoio do Gen. Malinowski a SW de Dniepropetrovsk tinha chegado muito tarde. A intervenção desse grupo de Ex. teria podido exercer uma decisiva influência na batalha da bolsa, se se tivesse produzido mais cedo. O Gr. Ex. Tolbuchin, que forçou o ferro-lho do S., foi a-pesar-de tudo, contido mais tempo do que o que fora previsto no plano geral da batalha. Havia forçado a passagem pela steppe de Nogaisk, mas não chegou a tempo para aí interdizer a traveSSIA de tropas alemãs e, de modo geral, para aliviar o Gr. Ex. russo em Krivoi Rog.

Assim o perigo mortal em que se encontrara o Gr. Ex. Mannstein estava provisoriamente afastado. Mas, antes mesmo que os alemãis pudessem sonhar em explorar seu êxito em Krivoi Rog, uma diversão russa, a arremetida no setor de Kiev, que atingiu Korosten e Jitomir, criou uma nova situação. Eis aí um exemplo dum método tipicamente russo, poder-se-ia dizer, da estratégia nacional russa, que Alexeiev, chefe de Estado Maior do Ex. russo na primeira guerra mundial, chamava a "infância da arte", método que consiste em suscitar, sem cessar, crises em outros setores. O método baseia-se na utilização "em largura" da superioridade em homens e em material. A superioridade deve ser bastante grande para que se ataque por toda parte com forças superiores. Desde que o inimigo esteja ocupado sobre toda a linha da frente, massas mantidas em reserva exercem uma pressão em outras zonas e encarregam-se, dessa maneira, de destruir a armadura da defesa. Os objetivos geográficos derivam das circunstâncias, o objetivo estratégico permanece o aniquilamento de forças inimigas sempre mais numerosas, donde deve resultar algum dia o inteiro esboroamento da frente.

Esta estratégia sistemática dos russos visa constantemente o inimigo no ponto mais sensível, a saber as reservas. "Sabemos muito bem, explicava um oficial do Estado maior vermelho ao representante da revista suíça *Weltwoche*, que o Alemão dispõe ainda dum potencial importante, e nós não sonhamos dar-lhe o prazer de encurtar a frente. Nossa frente de ataque tem uma extensão muito maior que

há alguns meses. Temos por objetivo obrigar o inimigo a estirar as linhas de sua infantaria afim de que se tornem cada vez mais tênuas. Esta tática está em oposição direta com a do alto-comando alemão que prefere as operações em cunha. Pensamos que é precisamente graças a esta tática que a campanha nas imensidades russas torna, para os alemães, o problema das reservas humanas mais grave ainda que aquele que o espaço acarreta."

Gomel, Mohilev, foram assim novas etapas do método que visa estirar as linhas inimigas. Todo o Ex. russo parece, por assim dizer, animado dum movimento perpétuo. O sucesso desta tática subordina-se a múltiplas condições:

1. — Exige primeiro um rendimento extraordinário do sistema de transporte, rendimento que representa certamente, um dos milagres entre os bons êxitos russos. Os grandes movimentos russos, ofensivos ou defensivos, só se tornaram possíveis pela notável organização de transportes que os russos edificaram. Esta organização precisou ser completamente improvisada, na época em que as linhas de estrada de ferro cairam, umas após as outras, nas mãos adversas; pois uma parte crescente do tráfico foi transferida das estradas de ferro para os caminhões. Na estréia, essas improvisações puderam ter toda sorte de inconvenientes, mas, com o correr do tempo, obteve-se independência parcial em relação às vias férreas. A necessidade forçou os russos a tomar medidas compatíveis com a própria evolução da técnica militar para a motorização. Todo ganho novo de via-férrea constituía um feliz suplemento a uma organização de transportes por caminhões, capaz por si só, de assegurar os deslocamentos de enormes exércitos. Para dizer a verdade, a Rússia dispunha dum trunfo indispensável a essa crescente motorização: enormes recursos em petróleo, de que estava em condições de distrair uma grande proporção para as necessidades militares e industriais, uma vez que a região ucraniana, a grande consumidora de essência em tempo de paz, estava ocupada pelo inimigo.

As riquezas petrolíferas da Rússia contribuíram muito, nos primeiros tempos, para manter a força de resistência. São agora um elemento essencial da superioridade russa. As vitórias russas são, em parte, vitórias do caminhão russo sobre as locomotivas alemãs.

Em matéria de reaprovisionamento, o estado-maior dos transportes possue hoje, no interior do alto-comando, uma autoridade absoluta. Tem sob suas ordens todo um exército de transportes, centenas de milhares de homens. Graças aos admiráveis bons êxitos desse estado-maior e desse exército de transportes, o exército vermelho poude, com uma interrupção de 100 dias, na primavera de 1943, travar sem descontinuidade formidáveis batalhas "encadeadas" e realizar um avanço de 1.200 km. em linha réta. No verão de 1943 o reaprovisionamento

tinha igualmente enormes distâncias a percorrer, em largura, em grosso 1500 km., em linha réta de Neval a Novorossisk no S.

2. — A estratégia, que consiste em provocar, sem cessar, novas crises, exige uma excepcional habilidade tática. Trata-se, antes de tudo, de surpreender o inimigo, o que é particularmente difícil sobre a frente russa do S. Numa planície, imensa, indefinida, toda plana, só se pôde provocar surpresa pelo movimento, antes de tudo pelo movimento noturno. Nem vales, nem florestas, nem rodeios permitem avançar-se e ocupar posições de combate sem se ser localizado. A noite protege e dissimula as colunas na escuridão. Assim é que, nas steppes do Dnieper inferior, a guerra tornou-se uma guerra de marchas e combates noturnos. Dniepropetrovsky foi tomada de assalto por uma manobra noturna. Gomel situada bem mais ao N., caiu nas mãos russas uma noite, após um contato de oito semanas.

3. — Os redobrados ataques, as bréchas, obrigam a realizar concentrações de fogo sempre mais fortes, nas quais intervêm blindados e artilharia. Segundo os relatórios alemãis e à superioridade dos blindados que os russos devem, em primeiro lugar, suas grandes vitórias. Basta dizer que no S. engajaram 20 corpos inteiros de blindados. Dispõem dum gigantesca produção, julgada até há pouco como impossível. Utilizam, atualmente sobretudo, três tipos, o T34, bem conhecido, o leve T70 e carro pesado de rutura KVI. A enorme produção é suficiente ao renovaamento, a despeito das perdas que arrastam os grandes combates alemãis. Na hora presente, os russos contam, segundo as fontes de informações, com perdas de 60 a 70%; sobre os 210 blindados dum corpo blindado completo, 120 a 140 são incendiados ou destruidos no decorrer dum só ataque e 40% do pessoal é perdido.

Mais característica ainda dos novos métodos russos de combate era a concentração de artilharia dum violência sem precedentes. Os centros de gravidade eram constituídos menos pelas massas de carros que pelas divisões de artilharia. Numa batalha ao N. de Krivoi Rog, por exemplo, a concentração de artilharia foi a seguinte: cerca de 250 baterias de artilharia e mais de 40 baterias de morteiros apontavam seus tubos sobre as linhas alemãs.

Lei da distância

A medida que se estende e progride a ofensiva russa, cresce o perigo de contra-ataques por forças superiores sobre um setor. O que dá aos alemãis oportunidade de êxito contra a estratégia russa de extensão da frente, é a retirada. Suas linhas de comunicações são encurtadas, as necessidades em polícia, trabalhadores, funcionários reduzem-se com o abandono do terreno; as reservas chegam mais rápido à frente. Mais perto de suas bases os alemãis melhoram as suas posições, tanto para

atacar como para defender-se. Em princípio, nas proximidades de suas fronteiras, estão em condições de reagir mais facilmente às peripécias do combate. É a esta modificação das distâncias que é devida em grande parte, o segundo sucesso alemão, o contra-ataque de Jitomir.

Os alemães conseguiram pôr em linha potência de fogo superior, encurtando suas linhas de comunicações. Tal foi o caso sobre a frente de Krivoi Rog, para a qual foram dirigidos o IV.^o Ex. Blindado assim como reforços de artilharia e formações de aviação. Particularmente, o apoio de aviação, em Krivoi Rog e Jitomir, foi nitidamente mais forte que nos combates anteriores. Provavelmente os alemães pensavam que o mau tempo reduziria sensivelmente a atividade aérea britânica em cima da Alemanha e que, consequentemente, uma menor proteção aérea seria necessária. Tinham então retirado da Alemanha e expedido para os pontos críticos da frente S. esquadrilhas e baterias anti-aéreas. Mas os ingleses tinham aprendido a tirar proveito do mau tempo e, bem longe de se enfraquecerem, os bombardeios aéreos, com surpresa para o inimigo, desfecharam golpes mais violentos ainda sobre as cidades alemãs, particularmente sobre Berlin.

A distância, que, na primeira fase da guerra, protegia os aliados, transforma-se para estes, à medida que avançam, num problema capital. Para os russos especialmente, dois inconvenientes decisivos nascem da progressão.

1. — A natureza do campo de batalha transforma-se. A organização e o armamento alemãis estavam mais adaptados aos hábitos das tropas alemãs que ao espaço russo: daí a maior parte de seus insucessos. Por exemplo, o alto comando levou em conta até o fim, insuficientemente, o clima. Tinha desconhecido a necessidade das armas e dos exércitos alternando-se nas mudanças de estações. Tinha ignorado que a cavalaria e a "charrette" ou o trenó puchados a cavalo são indispensáveis. Mas todos esses fatôres não desempenham mais o mesmo papel numa campanha conduzida mais a W. O teatro de operações modifica-se, torna-se incerto ou mesmo hostil.

2. — À medida que se afastam de suas bases, os russos são, eles também, como os alemãis eram em sua ofensiva, submetidos à lei segundo a qual a força ofensiva diminui com o aumento das distâncias. Os russos afastam-se cada vez mais de seu maior centro de concentração e distribuição: Moscou. Tinham já percorrido enormes distâncias sem que sua potência ofensiva sofresse com isso. A razão disso é que, até o presente, em todos os pontos de seu avanço, de Stalingrad no extremo L até Krivoi Rog e Jitomir no extremo W, as distâncias à base central de Moscou não tinham sensivelmente variado. Stalingrad, como Krivoi Rog e Jitomir, estão na ordem de 800 a 900 km. de Moscou.

Era então essencial que o raio de ação, 800 a 900 km. de Moscou

no campo de batalha, não fosse ultrapassado. Em todos seus deslocamentos, um exército continua a depender das fontes de seu reaprovisionamento, e esta dependência cresce com a dimensão do exército. Mais uma base é rica, mas as vias de comunicações que para ela conduzem são numerosas e fáceis, e mais o exército adquire liberdade de manobra. Em outros termos, a grandeza de uma base de operações assegura o bom êxito dum exército e, entre esta base e o objetivo de operações, existe uma espécie de interdependência. Porque não foi liquidada pelos alemães em 1941, Moscou agiu, durante toda a duração da ofensiva do verão de 1942, como uma ameaça para, em seguida, nutrir a ofensiva de inverno.

Em um sentido largo, toda a Rússia foi, na fase precedente, a base do exército. E a ação dos camponeses foi suficiente para provar que não se tratava alí duma fórmula ilusória. Esta relação entre o país e o exército manifestou-se sob as mais diversas formas, em 1943, quando as divisões russas acometiam de vários lados contra o invasor. Mas já se produziram perturbações, provocadas pela falta de estradas e de transportes, o que contribue para explicar porque uma nova manobra de envolvimento tão inteligentemente montada como a da bolsa do Dnieper, todavia, não obteve êxito. Agora que aparece um novo teatro de guerra, as limitações devem tornar-se ainda mais sensíveis.

Com esta rigorosa exatidão, que caracteriza o trabalho do alto-comando russo, planos precisos foram estabelecidos para o avanço ulterior, como ressalta das comunicações feitas por um oficial de estado maior a um colaborador da "Weltwoche". A rede ferro-viária russa abre três possibilidades de operações:

1. — operações na direção da planície rumena do Danubio;
2. — para a planície do Vístula oeste;
3. — para Riga e a Prússia oriental, a NW.

Este avanço efetuar-se-á no quadro da ofensiva de inverno, para a qual 4 ou 5 milhões de homens são mantidos prontos. Em função do rendimento da ofensiva de verão, cálculos foram feitos sobre o rendimento eventual da ofensiva de inverno. As diferentes ofensivas parciais têm tido o seguinte ritmo: no setor de Orel, o exército russo percorreu em 65 dias 400 km., seja 6 km. por dia. A ofensiva no setor Bielgorod-Kharkov, após a queda de Orel, transpõe em 50 dias 280 km., seja 5,5 km. por dia. A ofensiva de Smolensk, a mais vagarosa das ofensivas do verão levando em conta que se realizava no melhor setor fortificado da frente alemã, levou 40 dias para transpor 200 km., seja 5 km. por dia. No Donetz, a média foi de 12,5 (400 km em 32 dias). Ao longo das costas do mar de Azov, a média foi de 13 km (320 km em 25 dias) e, na ofensiva de Kiev, 17 km. (380 km. em 24 dias).

Segundo esses dados, constata-se que Lwow será atingido em

32 dias se o rendimento for o da ofensiva relâmpago no setor de Kiew, em 110 dias se se supõe o rendimento da ofensiva de Smolensk. Para Brest-Litovsk, as cifras correspondentes seriam 32 e 120 dias, para Bucarest 65 e 220, para Riga 40 e 130, para Bielstock 45 e 150, para a ofensiva de inverno, uma duração de 90 dias, no decorrer da qual o sólo de gelo e de neve favorece o desenvolvimento de operações ofensivas.

As ações no decorrer do inverno, podem ser mais ou menos paralisadas pelo frio. Em todo o caso, aqui ainda uma circunstância deveria fazer sentir sua influência: o fato que o avanço para novos campos de batalha, as distâncias que o reaprovisionamento russo deve percorrer, de Moscou à frente, tornam-se mais longas que as distâncias que percorre o reaprovisionamento alemão entre as bases e a frente. Por exemplo, o campo de batalha de Jitomir está a 850 km de Moscou: ora várias bases industriais alemãs estão menos afastadas e, além disso a rede ferroviária alemã é mais densa, isto é, os alemãis têm a sua disposição várias ligações ferroviárias mais curtas. A indústria da Alta-Silésia (Katowice-Beuthen) e a possante região Ostrawa-Karvin no oeste só estão a 700-750 km de Jitomir. No NW, o centro industrial de Konigsberg está a 700 km.

Mais os russos avançam, mais as condições de reaprovisionamento tornam-se-lhes relativamente desfavoráveis. Deveriam encontrar aí uma incitação para organizar uma nova base, por exemplo Smolensk-Kiev mais perto da frente. Não é sempre necessário, ou mesmo simplesmente possível, que o exército permaneça em ligação direta com a mesma base principal ou o conjunto do País, é suficiente, às vezes, que mantenha esta ligação com a região que se encontra imediatamente atrás dele, e portanto por ele coberta. Nesse caso, constituem-se depósitos para os estoques, organiza-se o renovamento regular dos recursos. Esta região torna-se assim a nova base do exército e de todos os seus empreendimentos. As mudanças de base exigem sempre muito tempo e esforço. As bases não podem como partes do exército, ser, dum dia para o outro, transportadas dum local para outro — o que contribue ainda para limitar as possíveis direções das operações do exército. Além disso, na Rússia, é singularmente difícil organizar novas bases, devido às destruições sistemáticas praticadas pelos alemãis. As cidades que seriam suscetíveis de desempenhar o papel de sustentáculo, Smolensk, Dniepropetrovsk, Kiev, Gomel, estão todas mais ou menos arrasadas. A destruição foi organizada com uma minuciosa precisão. Cada cidade era dividida em quadriláteros que os destacamentos especiais faziam saltar, uns após os outros, depois que tudo, inclusive a população civil, tivesse sido evacuado. "Os russos, diz recentemente o rádio alemão, registraram, como resultado das batalhas de verão e do outono, um

ganho de território importante. Mas este espaço conquistado foi despojado de tudo que poderia ser utilizado pelo novo ocupante. Foi esvaziado não sómente das instalações técnicas, dos meios de transporte, dos edifícios mais importantes, foi igualmente esvaziado da população. Essas circunstâncias prejudicam singularmente o reaprovisionamento da frente russa a medida que ela avança".

Esse vandalismo desencadeado é parte integrante duma dupla estratégia que conduzem os alemães: uma que inspira a guerra biológica, a suprema tragédia da Europa oriental, a outra que tende atingir o fim estratégico visado acumulando as destruições, mesmo com os exércitos alemães taticamente batidos.

Mas essas dificuldades serão durante a campanha de inverno, parcialmente compensadas pelo frio que continua a favorecer os russos. Por exemplo: os vastos pantanos de Pripet, que em outras épocas ofereciam facilidades à defesa alemã, transformam-se num campo de batalha ideal para as tropas russas. Mas todas as vantagens que se aliamavam aos russos enquanto estavam na defensiva — distância, solo patrio, conhecimento do país, série de condições naturais, domínio da estratégica russa específica —, desaparecem desde quando passam ao ataque sobre um novo teatro de operações, e os russos só podem substituir vantagens desaparecidas pela superioridade do número e pelo sentimento da vitória que inspira a progressão. Ainda convém não subestimar esse último fator.

LIVRARIA ODEON

LIVROS MILITARES

Avenida Rio Branco, 157 — Tel. 22-1288

REGUA DE TIRO

Pelo Major LINDOLPHO FERRAZ FILHO

I GENERALIDADES

Muito já se tem feito para tornar o tiro da artilharia de campanha *simples e rápido*.

O tiro a vista contra objetivos fugazes, o transferidor universal e agora, já bastante difundido entre nós, o transferidor de derivas e alças (T. D. A.) de larga e fácil aplicação no tiro de grupo, são outros tantos fatores que contribuem para a realização das condições acima.

Embora os Grupos e Baterias de campanha não possuam ainda um calculador, como acontece nas artilharias de costa e ante-aérea, pode-se obter maior rapidez na obtenção dos elementos de tiro com o emprego de uma “réguia de tiro” ou “tabela de tiro gráfica”, nos moldes da que se segue.

As baterias e os postos centrais de tiro da artilharia de campanha de Tio Sam são dotados destas réguas e suas concentrações partem 2 a 3 minutos logo após o pedido de tiro da infantaria apoiada.

II — DESCRIÇÃO

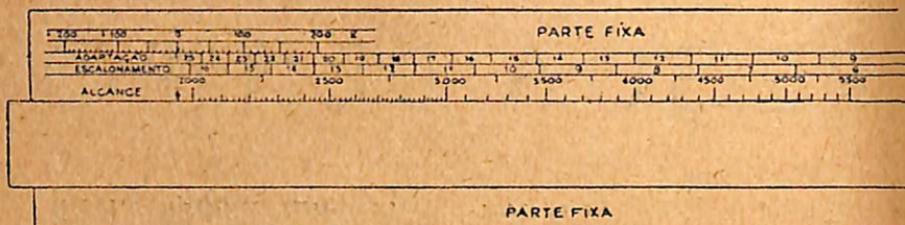
Tal como uma régua de cálculo, também construída em madeira, a “réguia de tiro” é composta de uma parte fixa, outra móvel e um cursor.

A — *Parte fixa*: Fig. n.º 1

É comum a todos os materiais e munições.

Nela encontramos, de baixo para cima, várias escalas:

Fig. 1



1 — uma para o “alcance” (distâncias) que vai de 2.000 metros até o alcance máximo dos materiais de campanha em uso;

Trata-se de uma escala logarítmica, correspondente às variações de alcance de 100 em 100 metros;

2 — outra para o “escalonamento” a comandar, partindo do feixe convergente, correspondente a um objetivo de 100 metros de frente, nas diferentes distâncias;

Apresenta a grande vantagem de servir para baterias de qualquer extensão de frente.

3 — para “adaptação do feixe” à direita do objetivo, também de 100 metros de frente e conhecido pelas coordenadas de seu centro.

4 — finalmente, uma outra para “correção do alcance”, quando se emprega o transporte de tiro pelo método do coeficiente “K”.

B — Parte móvel: Fig. n.º 2

É para determinado material, munição, carga e espoleta.

Em cada uma delas encontramos:

1 — os valores dos “ângulos de tiro”, de 5 em 5 milésimos, correspondente aos diferentes alcances da parte fixa da réqua. É também, por sua vez, outra escala logarítmica.

2 — o lanço em milésimos, “para 100 metros”, nas diferentes distâncias ou, se quisermos, o valor do “garfo”, ou mais

Fig. 2

PARTE MOVEL

CANHÃO 75 MM C	ANO DE TIRO	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	100	105	110	115	120	125	130	135	140	145	150	155	160	165	170	175	180	185	190	195	200									
GRANADA CARGA	LANÇO DE 100 M	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	100	105	110	115	120	125	130	135	140	145	150	155	160	165	170	175	180	185	190	195	200	
ESPOLETA	CLIFA	1	1	2																																						

ainda ambos os valores (lanço de 100 metros e garfo) separados por um traço ou sob uma outra convenção qualquer, como por exemplo a forma fracionária.

3 — A "ceifa" para os diversos alcances.

Se esta "parte movel" tiver uma certa largura, poderemos ter em cada lado os dados para 2 tipos de munição, como indica a Fig. n.^o 2, e, na parte inferior para mais outros dois tipos.

Assim, com uma única "parte movel" poderemos obter dados para 4 espécies diferentes de munição ou para a mesma munição mas com 4 cargas diferentes.

C — Cursor:

Transparente e semelhante a qualquer cursor de régua de cálculo, sem outros detalhes.

III — EMPREGO

Seu verdadeiro lugar é no Posto Central de Tiro do Grupo ou no Observatório do Cmt. de Bateria. No 1.^o caso a régua é manuseada pelos "calculadores de bateria" que estão na Central de Tiro; no 2.^o caso pelo próprio Capitão ou por seu sargento de tiro.

A — Objetivos de 100 metros de frente

1 — Determinação de elementos iniciais:

Introduzir na "parte fixa" da régua a "parte movel" correspondente à munição, carga e espoleta com a qual iremos atirar.

Fazer à coincidência das setas (origem) de ambas as partes — Fig. 3.

Deslocar em seguida o "cursor" para a distância em que se acha o objetivo (ou alvo auxiliar — A. A.) e tirar, progressivamente, os elementos correspondentes nas diferentes escadas, de modo a completar o comando de tiro ou colher os dados para dar início à regulação.

A Fig. n.^o 3 nos dá, para a distância de tiro de 3.000 metros e objetivo de 100 metros de frente, os elementos seguintes:

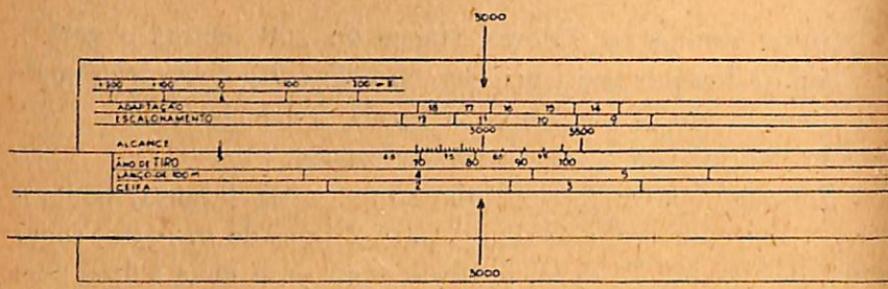


Fig. 3

- adaptação à direita do objetivo (ajustagem em direção) = — 17”
- escalonamento (partindo do feixe convergente) = + 11”
- ângulo de tiro para 3.000 m = 82”
- lanço de 100 m = 4” (ou também o valor do garfo, se já constar na escala)
- ceifa: 2 voltas.

2 — Idem, porém “K” é conhecido

Determinado, pelo cálculo, o valor do coeficiente “K” para certo alvo auxiliar (A.A.), se quisermos bater um objetivo dentro das condições normais de transporte (*), o problema da busca dos elementos de tiro na régua é o mesmo.

Exige entretanto uma operação preliminar que é a de registar o valor da correção na régua, para tirarmos então os ângulos de tiro já alterados dessa correção.

Para isto: deslocar a “parte móvel” da régua de modo a coincidir a seta (origem) com a graduação correspondente ao valor de “K”, inscrito na parte superior da “parte fixa” — Fig. n.º 1: Utilizar o traço vertical do “cursor”, para maior precisão.

Havendo mais de 1 A. A. e portanto mais de um valor

(*) — afastamento angular, medido da peça, no máximo igual à 400”

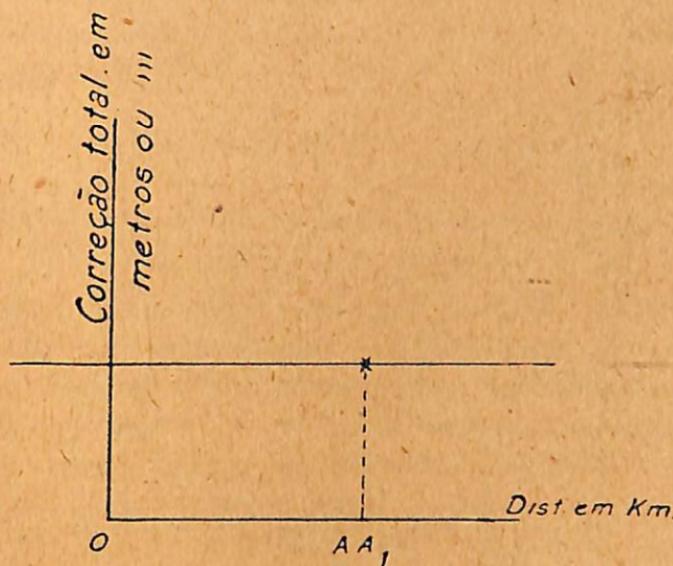
— relação entre a distância topográfica do objetivo e do A. A. deve estar compreendida entre 7/10 e 13/10.

de "K", ha necessidade de certo cuidado e de mencionar sempre em relação a que A. A. vamos realizar o transporte de tiro, para que seu valor seja registrado na régua.

3 — Determinação do valor de "K", com a "régua de tiro".

Exige o conhecimento da distância topográfica do A. A. e que se regule sobre o mesmo, para determinar-se o valor do ângulo de tiro de regulação (depurar o sítio do ângulo de elevação de regulação).

Para determinar o valor de "K":



- coincidir na régua os valores da distância topográfica do A. A. (escala dos alcances) e do ângulo de tiro de regulação (escala dos ângulos de tiro)
- correr o "cursor" até a seta (origem) da "parte móvel" e ler, na escala dos "K", o valor da correção.

Para obtermos ângulos de tiro para objetivos dentro das condições normais de transporte sobre este A. A., deve-se proceder como o indicado nos ns. 1 e 2.

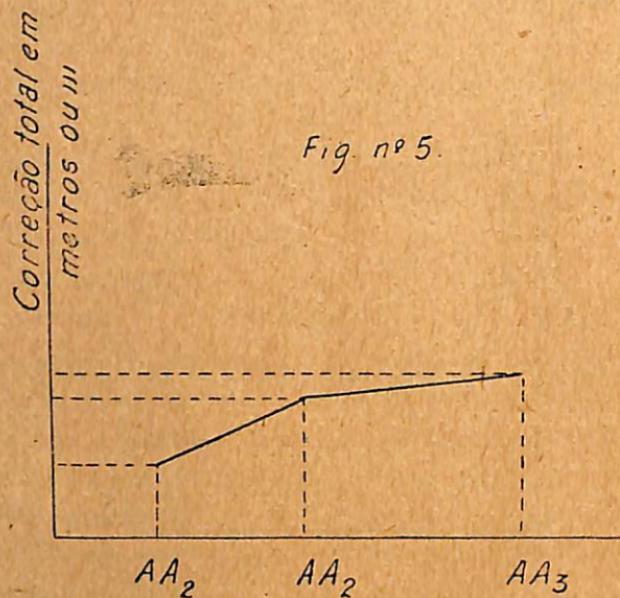
B — Objetivos com mais 100 metros de frente:

O problema é analogo ao já exposto.

Para objetivos de 200, 300, 400 metros... de frente (multiplos de 100 m) basta multiplicarmos por 2, 3, 4,... os valores encontrados para a "adaptação, escalonamento e ceifa".

Seria desnecessário dizer que os valores dos ângulos de tiro e lança de 100 m. (ou garfo) são os dados diretamente pela régua.

C — Substituição de escalas:



Preconizando nossa I. G. T. A., Edição de 1943, não mais o transporte de tiro pelo método do coeficiente "K" e sim pela *preparação experimental*; devemos procurar substituir, na "régua de tiro", a escala dos valores de "K" por uma outra (a estudar) que represente a "*correção total em alcance*" quer provenha da preparação teórica, quer da preparação experimental.

O problema apresentar-se-á o mesmo.

Ao em vez de irmos buscar nas curvas da preparação ex-

perimental — Figs. ns. 4 e 5 — o valor da correção total em alcance para introduzirmos nos elementos de tiro, regista-se na régua e procede-se como nos casos enumerados em 1 e 2 da letra A.

Não precisaríamos esclarecer que, para o caso do emprego da "régua de tiro", mais fácil e rápido seria sempre operarmos por "transporte de tiro" (um único valor para cada A. A.) Fig. n.º 4, que por "preparação experimental completa" (vários valores) Fig. n.º 5.

Nesse ultimo caso a correção em alcance, a adicionar ao elemento topográfico do objetivo, tem como valor o da ordenada correspondente à distância em que se encontra o objetivo (abcissa).

IV — CONCLUSÃO

Muito ainda poderemos fazer em prol da rapidez e simplicidade do tiro da artilharia de campanha.

Estamos certos que é mais fácil interpolar valores numa escala gráfica que numa numérica. Manuseadas por sargentos e cabos as tabelas de tiro numéricas e as "tabelas de tiros gráficas", nos moldes da que apresentamos, pensamos que não haverá dúvidas quanto aos resultados a alcançar.

Os enganos serão postos quasi à margem e a precisão dos valores nada deixará a desejar; será uma questão de escala.

Pequenos detalhes ainda poderão ser introduzidos para facilitar a busca dos elementos na régua, tal como seja o de colorir certas escalas.

Sua confeção não será onerosa se, ao em vez de fazermos a graduação na própria madeira, imprimirmos em cartolina e, após cortadas, cola-las sobre as réguas de madeira.

Muitos poderão objetar que ela só se presta a objetivos com frentes multiplas de 100 metros, porém seremos forçados a repetir a grande sentença:

"Na guerra só dá resultado o que é prático".

Nada de pensar-se em bater objetivos com 277 m. de frente por 123m. de profundidade, ou cousa semelhante. Isto apareceu na França, na Guerra de 1914-1918 nos grandes períodos de estabilização, mais como um recreio intelectual para os artilheiros franceses que um resultado prático a alcançar.

Parece-nos que já vai longe a época dos ábacos e réguas de correções planimétricas, do plano perspectivo, dos objetivos métricos, etc; fiquemos com o nosso croquis panorâmico (tiro a vista), as neutralizações rápidas, o transferidor universal, o transferidor de derivas e alças, os objetivos hectométricos, quiçá auxiliados pela "réguia de tiro", e, pensamos podemos cumprir as missões que o futuro nos reserva.

A CONTRABATERIA ORGANIZAÇÃO E CONDUTA

A tradução do Ten.-Cel. Armando Vasconcelos, sob o título acima, que deveria ser publicado no número passado, e que deixou de sê-lo por motivos independentes da nossa vontade, sairá no número vindouro.

Qual será a fórmula político-social de após guerra?

Major XAVIER LEAL

O presente conflito mundial, envolvendo nações e continentes, tem, acima das influências de raça e das ambições territoriais e de matérias-primas, um característico fundo político: — ideológico. Está mais que sabido que esta luta é uma luta de ideologias. Os fatores: — raça, matérias-primas, território, riquezas, figuram nos motivos da contenda, até onde podem influir no motivo principal, como complemento, e, por outro lado, como resultado das maquinações de um cérebro alucinado que procurou durante muito tempo os melhores artifícios e os mais atraentes argumentos para justificar a sua obsessão, a sua megalomania e a melhor maneira de convencer e arrastar o seu povo e outros povos a supostas reivindicações e desforras. Entretanto, para os observadores da evolução político-social do mundo, a partir de 1935, tudo indicava o choque próximo entre doutrinas ideológicas antagônicas, choque êsse que haveria de assumir proporções catastróficas, como de fato está acontecendo.

— Democracia, Comunismo, Totalitarismo, três fórmulas do quadro político social deste século, procuravam sobreviver, impôr-se e destruir-se reciprocamente. A permanência em comum dessas doutrinas, o seu domínio simultâneo, como não podia deixar de acontecer, trouxe a intranquilidade e a efervescência política para o mundo; do mesmo modo que, nos primórdios da civilização, a luta entre os homens se situou no plano da existência individual, a luta do século XX se situou no plano da sobrevivência das nações. As teorias e dou-

trinas políticas que vinham amadurecendo, após as reações e aceitação nos seus próprios ambientes, expandiram-se e tentaram infiltrar-se em outros ambientes, encontraram acolhida em alguma parte, repulsa em outros setores, lançaram a confusão em muitos espíritos e explodiram afinal no mais tremendo conflito que a História tem registado.

Esta guerra é, pois, antes de outra classificação, uma guerra ideiológica. Qual será a ideologia vencedora ou quais serão as consequências político-sociais de após guerra. Não é preciso ser sociólogo ou profeta para prever que a fórmula democrática vencerá. As Nações Unidas, com tudo, estão representadas na luta pela combinação Democracia-Comunismo, englobando ainda um regimen político *sui-generis*, qual o regimen brasileiro, que poderemos classificar como um regimen democrático-autoritário, uma democracia em que, por necessidades ambientais, por força das circunstâncias, o Chefe do Executivo centraliza uma grande soma de poderes. A questão de nome — Democracia-autoritária, Governo centralizado ou Estado-Novo não influi; o fato é que a nossa atual fórmula de governo representa o meio termo entre os regimens democráticos e totalitários, modalidade inteligente e essencialmente brasileira. Se, pois, as Nações Unidas representam a aliança de três sistemas político-sociais diferentes, aí incluindo o nosso sistema, como, então, prever qual a fórmula vencedora? O que parece à primeira vista uma afirmação sem base, pode, no entanto, ser explicado à luz da observação e do raciocínio. Das três fórmulas político-sociais resultará, por intermémentos e pactos, forçosamente, a fórmula meio termo, cujo nome, como no caso brasileiro, não influirá, mas que assumirá o aspéto Democrático: — Democracia-social, Democracia-autoritária ou Social-Democracia, não importa, mas Democracia. Até agora, a marcha dos acontecimentos têm proporcionado as seguintes observações: —

1.º) — A vitória das Nações Unidas será consequência primeiramente do esforço bélico, do sacrifício e do superior

espírito de organização das duas grandes democracias — inglesa e americana.

2.º) — Embora o esforço bélico haja recaído principalmente sobre a Inglaterra e os Estados Unidos, particularmente a estes, não se poderá negar a formidável contribuição da Rússia e da China, assim como não se poderá deixar de levar em conta as suas respectivas ideologias.

3.º) — Por outro lado, as contribuições, em menor escala, porém firmes e decididas de países tais como o Brasil, a Noruega, a Dinamarca, a Grécia, etc., terão que ser levadas em conta no resultado final.

4.º) — Finalmente, do próprio choque das ideologias antagônicas surgirá uma fórmula conciliadora, que marcará uma nova etapa na política social do mundo.

Por outro lado, a Carta do Atlântico e o pacto anglo-russo por vinte anos, com aprovação norte-americana, não representam outra coisa senão as etapas preliminares da resultante político social de após guerra. Todas as nações aliadas contra o eixo tri-partite ou bi-partite aderiram à Carta do Atlântico ou ao pacto referido, preparando, desse modo, o ambiente, para a evolução social da política dos seus Governos. Este é o caminho para a fórmula de equilíbrio que surgirá fatalmente após o conflito. Para isso, estamos assistindo, desde já, praticamente, além das duas manifestações acima citadas:

1.º) — Os governos democráticos, para poderem governar em situação extraordinária como a presente e para poderem realizar o esforço bélico total, centralizarem uma grande parcela de poderes, seja por cessão em face do reconhecimento dessa necessidade, seja tomando ou absorvendo.

2.º) — Ainda os governos democráticos, por força da experiência, transigindo em sua política econômica e financeira, o que, como sabemos, repercute, de certo modo, na política social.

3.º) — A doutrina comunista soviética evoluindo das suas condições ortodoxas e integrais para qualquer causa de social-democracia: (isto é pelo menos o que têm escrito e in-

formado os observadôres e jornalistas, especialmente os americanos que têm visitado a Rússia durante a Guerra).

— Desta última observação é possível concluir que a *coexistência* do chamado perigo comunista após a vitória das Nações Unidas, perigo esse que constituiu o motivo com o qual Hitler quis atrair a simpatia das nações indecisas, não passa de um argumento oriundo da ingenuidade, da ignorância ou da má fé; da ingenuidade dos seus adeptos que, parece, não observam os fatos; da ignorância dos que de boa fé vêem as cousas desse modo; e de má fé dos quinta-colunas que ainda procuram enfraquecer a opinião mundial contrária ao totalitarismo.

— Quanto à fórmula brasileira, esta, talvez, pela sua singularidade e pela sua provada sabedoria política, servirá — e disso nos sentimos orgulhosos — de padrão ou de exemplo para a nova transformação.

— E o totalitarismo? Este desaparecerá, por ser incompatível com a dignidade humana e com a liberdade de pensamento. Nesta fase da civilização, apesar das necessidades de governo, não é possível o Estado absorver completamente o indivíduo, a família e a religião.



1025

ESCOLA DE ESTADO MAIOR

CURSO DE PREPARAÇÃO

Cap. Eduardo Domingues de Oliveira

Ref.: TRNS./1 — Doc. 48

1.º TRABALHO EM DOMICILIO

1 — *Estatelecer a diferença entre ligação e transmissões.*

- A LIGAÇÃO é um conjunto de disposições, algumas das quais de ordem moral e psicológica, que permitem ao Comando assegurar a convergência dos esforços para a execução de seu plano de manobra; as TRANSMISSÕES são meios materiais que permitem realizar uma dessas disposições.
- “A ligação é um princípio de Comando, como a Segurança; as transmissões, um meio de execução, como a Vanguarda.” (DEROUGEMONT)

2 — *Póde um Agente de Ligação transmitir mensagens à autoridade que o destaca?*

- Sim, pôde. E, para isso, lança ele mão:
 - dos agentes de transmissões que o acompanham;
 - dos agentes de transmissões da unidade para junto da qual foi ele destacado.

3 — *Qual é o rendimento prático dos diferentes processos de transmissões?*

Processos de transmissões		Rendimento prático
	— Telefonia com fio	— Muito grande.
	— Telegrafia com fio	— Ap. ^o Mose: 400 pls./hora — Ap. ^o especial: até 9000 pls./hora
— Elétricos	— Radiotelegrafia	— Em uma rede de G. U.: de 180 a 200 pls./hora — Nos C. Tropa: 150 pls./hora
	— Radiotelefonia	— Bom.
	— Telegrafia ótica	— Grande.
	— Sinalização ótica	— 120 pls./hora.
— Óticos	— Sinalização a braços	— Fraco.
	— Sinalização: por painéis	
	— Idem por artifícios	— De emprego isolado.
— Acusticos, mecânicos e alísticos		

4 — Quais são as possibilidades técnicas das formações de Transmissões:

- do R. I., do Btl., da Cia. e do Pel.?
- do R. Art., do Gr. Art. e da Bia. Art.?
- do R. C., da Ala, do Esq. e do Pel. C.?
- As possibilidades técnicas das Formações de Transmissões são função da dotação especializada em:
 - pessoal
 - material.
- Vejamos, então, essas dotações. (VIDE QUADRO A).

5 — Principais vantagens e inconvenientes dos diferentes meios de transmissões.

Meios de Transmissões	V a n t a g e n s	Inconvenientes
1 - Mensageiro	<ul style="list-style-type: none"> — Meio simples e seguro. — Possibilidade de emprego em todas as circunstâncias. — A cadeia ao longo de um circuito telefônico fiscaliza a linha e repara defeitos. 	<ul style="list-style-type: none"> — Desfalca o pessoal de escól dos efetivos combatentes. — Expõe esse pessoal a graves perdas.
2 - Estafeta	<ul style="list-style-type: none"> — Mais vantajoso que o mensageiro, em terreno e circunstâncias que permitam seu emprego. 	<ul style="list-style-type: none"> — Emprego dependente do terreno e das circunstâncias do combate.
3 - Pombo-correio	<ul style="list-style-type: none"> — Grande facilidade e regularidade de emprego, mesmo sob violentos bombardeios — Velocidade grande: média de 60 km/hora. — Permite a escolha dos pontos de regresso. — Garantia de discreção: mínima probabilidade de captura. 	<ul style="list-style-type: none"> — Comunicação unilateral. — Incerteza da chegada ao destino. — Necessidade de retransmissão entre o pombal e o destinatário, quando estes se acham afastados. — Permanência mínima de 4 dias no novo local do pombal. — A cerração e as chuvas fortes dificultam o vôo. — O pombo, em geral, só vôle de dia. — Necessidade de especialistas para tratamento dos pombos. — Necessidade de cifração das mensagens.

Meios de Transmissões	V a n t a g e n s	Inconvenientes
4 - Cão-estafeta	<ul style="list-style-type: none"> — Velocidade muito grande. — Pouca vulnerabilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> — Treinamento difícil. — Rendimento incerto. — Transmissão geralmente unilateral.
5 - Telefonia com fio	<ul style="list-style-type: none"> — Fácil emprêgo. — É o meio suscetível de maior rendimento. — Assegura o contato direto de chefe a chefe. — Fácil formação de especialistas para construção das linhas e exploração telefônica. — Exige número muito reduzido de especialistas indispensáveis. 	<ul style="list-style-type: none"> — Muito tempo e material para a construção das linhas. — Vulnerabilidade das linhas. — Indiscrição do pessoal de serviço. — Possibilidade de captação das conversações pelo inimigo.
6 - Telegrafia com fio	<ul style="list-style-type: none"> — Meio seguro, rápido, discreto e de rigorosa exatidão. — Assegura transmissões a maior distância. — Permite utilizar a mesma linha para várias transmissões simultâneas. — Pode utilizar as linhas telefônicas. 	<ul style="list-style-type: none"> — Necessidade de bom isolamento das linhas. — Necessidade de pessoal especializado, de aprendizagem longa, para manejo dos aparelhos.

Meios de Transmissões	Vantagens	Inconvenientes
7 - Radio-telegrafia	<ul style="list-style-type: none"> — Instalações pouco visíveis e pouco vulneráveis. — Permite organizar transmissões regulares entre duas autoridades que se não podem comunicar por telefone. — O fácil transporte do posto permite acompanhar o deslocamento de um P. C. — Notável capacidade de difusão. 	<ul style="list-style-type: none"> — Indiscrição: necessidade de cifras. — Localização de um posto emissor pela radiogoniometria. — Franco rendimento. — Interferência dos postos inimigos e dos fenômenos atmosféricos. — Necessidade de pessoal escolhido e cuidadosamente instruído. — Obrigação do pessoal permanecer na escuta.
8 - Rádio-telefonia	<ul style="list-style-type: none"> — Mesmas vantagens que a radiotelegrafia. — Não exige conhecimento do alfabeto Morse. — Permite a conversação. 	<ul style="list-style-type: none"> — Mesmos inconvenientes que a radiotelegrafia, agravados por: — mais ampla interferência nas comunicações; — alcance mais reduzido; — maior facilidade do inimigo em tirar partido do seu serviço de escuta.
9 - Telegrafia ótica	<ul style="list-style-type: none"> — Grande alcance, precisão e rapidez. — Grande rendimento. — Assegura as transmissões da frente para a retaguarda e lateralmente. 	<ul style="list-style-type: none"> — Instalação delicada. — Difícil procura do correspondente. — Depende da natureza do terreno. — A transmissão da retaguarda para a frente pode ser captada pelo inimigo e provocar seus tiros.

Meios de Transmissões	Vantagens	Inconvenientes
10 - Sinalização ótica	<ul style="list-style-type: none"> — Facil instalação. — Transmissões faceis, principalmente e m terreno acidentado. — Assegura as transmissões da frente para a retaguarda e lateralmente. 	<ul style="list-style-type: none"> — Depende da natureza do terreno. — Franco rendimento. — As transmissões da retaguarda para a frente p o d e m ser captadas pelo inimigo e provocar seus tiros.
11 - Sinalização a braço	<ul style="list-style-type: none"> — Muito prático, não exigindo instalação alguma. 	<ul style="list-style-type: none"> — Rendimento e alcance muito reduzidos.
12 - Sinalização por painéis	<ul style="list-style-type: none"> — Facil instalação. 	<ul style="list-style-type: none"> — Ligação unilateral, exigindo o emprêgo combinado de outro meio.
13 - Sinalização p/artifícios	<ul style="list-style-type: none"> — Muito prático para as comunicações sob bombardeio. — Manejo simples. — Dificuldade de precisar o ponto de lançamento, dando margem a enganos. 	<ul style="list-style-type: none"> — Pequena variedade de sinais. — Visibilidade muitas vezes difícil. — Não se presta para comunicações bi-laterais.
14 - Porta-mensagem	<ul style="list-style-type: none"> — Assegura a transmissão para pontos inacessíveis. 	<ul style="list-style-type: none"> — Pequeno alcance.
15 - Mensagem-lastrada	<ul style="list-style-type: none"> — Permite a rápida remessa de informações e de croquis. 	<ul style="list-style-type: none"> — Transmissão unilateral.
16 - Apanha-mensagem	<ul style="list-style-type: none"> — Permite a ligação do avião com unidades isoladas, sitiadas ou destacadas em missões de descoberta. 	<ul style="list-style-type: none"> — Exige cuidados especiais para evitar acidentes. — Necessita de amplo local desembargado.
17 - Acústicos (sirenes, clarins, etc.)	<ul style="list-style-type: none"> — Presta serviços particularmente à noite e em caso de cerração. — Facil emprego para sinais de alarme. 	<ul style="list-style-type: none"> — Possibilidade de interpretações errôneas. — Dificuldade de precisar o local de onde partem os sinais.

6 — Combinação, funções do pessoal e possibilidades de uma turma de construção de cabo leve.

= 1 = Composição:

= 2 — Funções do pessoal:

- 1 graduado: — chefe da turma:
 - reconhece o itinerario da linha (quando possivel);
 - superintende a colocação do cabo;
 - faz a verificação da linha, no fim de cada bobina, servindo-se do aparelho telefônico que ele mesmo leva;
 - manda reparar, o mais depressa possivel, os defeitos constatados na linha.
 - 2 soldados desenroladores:
 - desenrolam o cabo das bobinas.
 - soldado assentador:
 - coloca o fio sobre os suportes;
 - procede à localização e à reparação dos defeitos da linha.
 - 1 soldado ajudante de assentador:
 - acompanha o fio, verificando seu estado;
 - faz as emendas necessárias;
 - auxilia o assentador na colocação do fio;
 - acompanha o assentador na localização e na reparação dos defeitos da linha.
 - 1 soldado telefonista do posto de partida (dispensável quando a linha parte de uma central):
 - fica atento para responder a todas as chamadas de verificação de linha.
 - Soldados auxiliares (necessários quando a linha excede de 2 km.):
 - transportam as bobinas de cabo leve necessárias à construção da linha (4 bobinas por homem).

Obs.: — Estes dados foram tirados do Ecole de Transmissions
— Tome II.

3 — Possibilidades:

- Uma turma de construção de cabo leve constrói 2 km. de circuito em uma hora.

7 — Quais são os processos de emprego da radio-telegrafia ?

1.º — Trabalho entre postos emissores-receptores:

- rête:
- livre;
- comandada ou dirigida;
- posto a posto (rête de dois postos).

2.º — Trabalho entre um posto emissor e um ou vários postos unicamente receptores:

- comunicação unilateral: — difusão simultânea, a diversos postos receptores, de informações meteorológicas, dados balísticos, hora, etc.;
- comunicação bilateral completada por um processo diferente da T. S. F.: — ligação terra-avião, no caso do avião não possuir receptor a bordo, ou do posto de terra ser apenas receptor.

3.º — Trabalho de postos receptores:

- postos especializados para a escuta das transmissões radio-telegráficas inimigas.

4.º — Trabalho de postos emissores:

- postos especializados para provocarem interferência nas transmissões inimigas.

8 — O que se entende por P. C. juxtapostos ?

- P. C. juxtapostos são postos de comando situados nas proximidades um do outro, e em íntima colaboração.

9 — Qual a relação existente entre o P. C. e o P. O. ?

- O P.C. — sempre que as circunstâncias permitirem — deve ser estabelecido nas proximidades imediatas do P.O.

10 — O que possibilita o exercício de comando à autoridade que ocupa um P.C. ?

- O estabelecimento e o funcionamento perfeitos das LIGAÇÕES.

- Para facilitar essa possibilidade, dispõe a autoridade, em seu P.C., de um Centro de Transmissões.
 - Os meios de transmissões podem funcionar perfeitamente e a ligação falhar, impossibilitando, assim, à autoridade, o exercício do seu comando.

11 — Qual a razão da repartição de um Q.G. em P.C. e Q.G. propriamente?

- O Comandante de uma Grande Unidade, no decorrer das operações, tem necessidade:
 - de deslocamentos rápidos para acompanhar o curso dessas mesmas operações;
 - de se aproximar o mais rápido possível dos escalões subordinados para facilidade de recepção das informações da frente e transmissão de suas ordens.
 - Para satisfazer essas necessidades, constitúe ele um nucleo em seu Q. G. que pôde acompanhá-lo nesses deslocamentos rápidos e preparar os elementos de execução de suas ordens de combate e o recebimento das informações.
 - Esse nucleo, constituído de: — elementos do E.M.
 - e de um C.T.,formam o P.C. do Cmt. da G.U. — orgão de combate.
 - O restante dos elementos de seu Q.G. — de mais volume e difícil deslocamento e de necessidade menos imediata na linha de frente — constitue o Q.G. propriamente — orgão de administração.

12 — Quais as medidas tomadas por uma autoridade antes e depois de se deslocar de um P.C. para o seguinte?

- Antes:
 - mandar instalar um C.T. no local do novo P.C.;
 - certificar-se de que esse C.T. está em funcionamento.
 - Depois:
 - deixar uma permanencia no antigo local durante o tempo que lhe permita atingir seu novo P.C.

13 — Condições para escolha de um P.C.

- Condições: — facilidade de ligação com os escalões subordinados;
- proximidades de um posto de observação;
- proximidade da frente, o mais possível;
- local desenfiado das vistas e dos fogos do inimigo;
- proximidade, se possível, de um campo próprio à descida de aviões;
- facilidade, se possível, das comunicações com o escalão superior e os vizinhos.

14 — Como é possível estabelecer a ligação entre a terra e o avião e vice-versa?

1 — Ligação terra-avião:

- pelos meios de transmissões: — radiotelegrafia;
- radiotelefonia;
- sinalização por painéis;
- sinalização por artifícios
- apanha-mensagem.

2 — Ligação avião-terra:

- pela observação à vista;
- pelos meios de transmissões: — radiotelegrafia;
- radiotelefonia;
- sinalização por artifícios
- mensagem lastrada;
- processo acustico (emprego da metralhadora em ritmo previamente convencionado).

1035

Funcionamento dos orgãos de comando do Esquadrão

Cap. ALVARO LÚCIO DE ÁREAS

Depois do trabalho organizado pelo Snr. Ten. Cel. Artur Carnauba e divulgado pelo Comando da 3.^a R.M., que tanto proveito teve para os Capitães de Cavalaria, nada restaria a tratar sobre o assunto, maximé no que diz respeito ao aspecto tático da questão. Contudo, a dotação de novos meios aos Pelotões extranumerários autoriza a voltar ao assunto, encarando-o pelo lado técnico.

E' do conhecimento de todos nós, que os exercícios de funcionamento do Grupo de Comando não tem, por motivos vários, a frequência desejada e necessária nos Corpos de tropa. Necessidades de serviço, falta de pessoal, escassez de tempo, inoportunidade, afastam o Capitão da possibilidade de realizar seu sonho constante: Fazer funcionar o Grupo de Comando. A necessidade de completar o efetivo dos Pelotões, faz com que o Comandante do Esquadrão sacrifique seu próprio Pelotão em benefício dos Tenentes, sempre visando o maior rendimento da instrução dos recrutas, objetivo primário e essencial.

Além disso, o funcionamento do Grupo de Comando está classificado na ordem das cousas faceis e simples e, de fato o é, até o momento em que, sem prática anterior, se o põe a funcionar. Então, verifica-se com surpresa, que falta esse ou aquele detalhe, que tal ou qual dotação figura muito bem em determinado Regulamento, mas que não podemos nos lembrar em qual, e uma série de outros senões, todos sem importância, isoladamente, mas que somados, tornam dificilíma a colocação em funcionamento, dessa cousa tão simples, em nosso julgamento anterior.

Na concatenação do maior número possível desses dados, reside o único esforço deste trabalho.

Organização do Pelotão de Comando

Esq. Fuz.	Esq. Mtrs. e Engs.
1 Sub-Tenente.	1 Sub-Tenente.
<i>Grupo de Comando.</i>	<i>Grupo de Comando.</i>
1 3º Sgt. Sin. Obs.	1 3º Sgt. Observador.
1 Cabo Sin. Obs.	1 Cabo Observador.
4 Soldados Sin. Obs.	1 Cabo Sinalheiro.
1 Cabo Furriel.	4 Soldados Observadores.
1 Cabo Sapador.	4 Soldados Sinalheiros.
4 Soldados Sapadores.	1 Cabo Furriel.
4 Soldados Clarins.	1 Cabo Sapador.
2 Soldados Ag. Transm.	4 Soldados Sapadores.
1 Soldado Ordenança.	4 Soldados Clarins.
	2 Soldados Ag. Transm.
	1 Soldado Ordenança.
	1 Soldado de Saúde.
<i>Grupo do T. C.</i>	<i>Grupo do T. C.</i>
1 1.º Sargento.	1 1º Sargento.
1 Cabo do Mat. Bélico.	1 3º Sargento Furriel.
1 Soldado Auxiliar.	1 Cabo Condutor.
1 Soldado Armeiro.	
1 Cabo Ferrador.	1º Sub-Grupo.
4 Soldados Ferradores.	1 Cabo do Rancho.
2 Soldados do Rancho.	2 Soldados cozinheiros.
1 Soldado Seleiro-Correeiro.	2 Soldados Seleiros-Correeiros.
6 Soldados Condutores.	1 Soldado Sapateiro.
	1 Soldado Alfaiate.
1 de Munição a 4 animais.	6 Soldados Condutores.
1 de Bagagem e arquivo a 4 animais.	
1 de Viveres e forragem a 4 animais.	
1 Leve de viveres a 2 animais.	6 Viaturas
1 Cozinha rodante a 3 animais.	{ 1 Cozinha rodante.
1 Forja a 4 animais.	{ 1 Pipa d'água (2 animais)
	{ 3 de Viveres e forragem.
	{ 1 de Bagagem e Arquivo.
6 Viaturas	2c Sub-Grupo
	1 3º Sgt. Mat. Bélico.
	1 Cabo Armeiro.

	6 Soldados Condutores.
6 Viaturas.	4 de Munição Mtrs. 2 de Munição Mort.
	3º Sub-Grupo.
	1 Cabo Ferrador.
	4 Soldados Ferradores.
	1 Soldado Condutor.
	1 Viatura forja.

Distribuição das funções

Grupo do T. C.

Como seu nome indica, diz respeito ao Sub-Tenente, encarregado da impedimenta. É ele quem comanda, conduz e dirige esse Grupo, tudo segundo a distribuição de funções já indicada pela designação da especialidade dos componentes do Grupo. Quanto ao meio de transporte do pessoal, pode-se organizar o seguinte quadro.

Esq. Fuz.	Esq. Mtrs. e Engs.
Graduados: A cavalo. Soldado Armeiro: A cavalo.	Graduados: A cavalo. Ferradores: A cavalo.
Soldados do Rancho: — 1 na Viatura cozinha e outro na de viveres e forragens.	Cosinheiros: 1 na Viatura Cozi- nha e outro na Viatura dagua.
Soldado Auxiliar: Na Viatura, Bagagem e Arquivo.	Seleiros-Correeiros: Nas duas primeiras Viaturas de Viveres e Forragem.
Seleiros-Corrieiro: Na Viatura Leve de Viveres.	Sapateiro: Na 3ª Viatura de Vi- veres e Forragem. Alfaiate: — Na Viatura de Ba- gagem e Arquivo.

Grupo de Comando

Este grupo sim, é o do pessoal diretamente ligado ao Capitão, dele dependente e inseparável. É por seu intermédio que o Capitão exerce e torna efetiva sua ação de comando.

Pela discriminação de suas funções, verifica-se o quanto deve ser intensiva sua instrução e como deve ser perfeita a identificação do pessoal com o Capitão. Se não fôra forçar a significação do termo, poder-se-ia dizer que as funções do pessoal do Grupo de Comando são "de confiança pessoal".

O maior cuidado deve presidir a escolha do Grupo de Comando, devendo o Capitão sindicar das profissões anteriores, qualidades de caráter, coragem, inteligência e habilidade, afim de ter certeza de que seu Grupo de Comando é de fato um grupo de Comando.

Vejamos o quadro de encargos.

Esq. Fuz.	Esq. Mtrs. e Engs.
<p><i>Sargento Sin. Obs.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> — Age como "secretário" do Cap. — acompanha-o sempre e em todas as circunstâncias. Anota suas determinações — redige e remete suas ordens, recebe e registra as ordens e informações que cheguem. — Deve estar habituado a trabalhar com o Cap., familiarizado com sua maneira de ser, de ordenar, redação e temperamento. É imprescindível uma forte ligação psíquica baseada até mesmo na dedicação e na amizade para que o Sg. S. O. possa verdadeiramente interpretar e pensar o capitão 	<p><i>Sargento Observador.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> — (Mesmas funções do Sg. Sin. Obs. no Esq. Fuz.)

mesmo quando expresso rapidamente em meio à perturbação natural desses momentos de ação.

- Inteligência clara e viva, redação correta e fácil, letra bem legível, habilidade, espírito previdente que o faça ter sempre a mão o material necessário para essa escrituração.
- O Sg. S. O. conduz sempre um manual de mementos de ordem e códigos usuais e deve estar habituado a trabalhar com eles.
- Do exposto consegue-se que a escolha deste Sg. é uma das mais delicadas funções para o Cap., e seu treinamento, uma necessidade vital.

Cabo Furriel.

- É destacado pelo Cap. para o P. C. do Cel. afim de servir como elemento de ligação.
- Deve ser capaz de rápida apreensão, boa memória, facilidade de expressão, iniciativa e desembaraço.

Cabo Furriel.

- (Mesmas funções).

Cabo Sin. Obs. e os 4 Soldados Sin. Obs.

— Constituem normalmente uma equipe de observação, mas em caso de necessidade: Frente muito grande para um único Posto de Observação ou para deslocamento do P. O. sem que cesse a observação, podem constituir 2 equipes com a seguinte organização:

1^a equipe — Cabo e 2 soldados.

2^a equipe — 2 soldados, sendo a Equipe dirigida pelo melhor dos 4 soldados observadores do Grupo.

— É elementar que o cabo Sin. Obs. deve ser habil em desenho, capaz de executar com rigor um croquis, familiarizado com o uso de instrumentos delicados se ter perfeita noção da grande responsabilidade de sua função.

Cabo Observador e 4 soldados observadores.

— (Mesmas funções).

Cabo Sinaleiro e 4 soldados sinaleiros.

Constituem 1 ou 2 equipes de sinaleiros.

Sua existencia no Esq. Mtr. é justificada porque esse Esq. ocupa normalmente todo o quarteirão do Regimento, sendo por conseguinte, necessário ao seu Cap. maior número de elementos de ligação e transmissão do que

aos Capitães dos Esquadrões de Fuzileiros.

Cabo Sapador e Soldados Sapadores.

Constroem e instalam o P. C. e o P. O. ou os P. O. e o Posto de abrigo de feridos e depois, cuidam e guardam os cavalos de mão do Grupo de Comando que até então ficam entregues aos cuidados do Pelotão mais próximo.
— Todos os sapadores devem ser ageis, fortes, rápidos e seguros na execução de suas tarefas.

Agentes de Transmissão.

Servem, junto ao P. O. ou distribuidos pelos dois P. O. para ligação de qualquer destes com o Cap. e do Cap. com o R. C. do Regimento, quando necessário.

Clarins.

Servem como ligação do Capitão com os Tenentes.

Quando os Pelotões vão ocupar suas posições, os clarins acompanham cada um o Pelotão ao qual é, *a priori*, afeto e depois que os Pel. se instalaram, regressam ao P. C. do Esq.

Cabo Sapador e Soldados Sapadores.

— (Mesmas funções).

Agentes de Transmissão.

— (Mesmas funções).

Clarins.

— (Mesmas funções).

Ordenança.

Cuida dos cavalos e bagagem do Cap.

(O Esq. recebe um padoleiro para o Posto de Abrigo de Feridos).

Ordenança.

— (Mesmas funções).

Soldado de Saúde.

Instala o Posto de Abrigo de Feridos e permanece nele.

Material do Grupo de Comando

Esq. Fuz.	Esq. Mtrs. Engs.
<p>1 Aparelho ótico de 10.</p> <p>2 Pares de bandeirolas, para sinalização.</p> <p>2 Pistolas sinalizadoras.</p> <p>8 Bocais de fuzil (não fazem parte da dotação do Gr. Cmdo. e sim dos Pels. mas podem ser utilizados pelo Cap. para emprêgo como porta mensagens).</p> <p>2 Paineis de identificação.</p> <p>2 Paineis de sinalização.</p> <p>Artifícios de sinalização, (foguetes, cartuchos para pistola sinalizadora, cartuchos para bocalde fuzil).</p> <p>3 Binóculos.</p> <p>1 Periscópio.</p> <p>2 Bússolas.</p>	<p>1 Aparelho ótico de 10.</p> <p>2 Pares de bandeirolas, para sinalização.</p> <p>2 Pistolas sinalizadoras.</p> <p>2 Paineis de identificação.</p> <p>2 Paineis de sinalização.</p> <p>Artifícios de sinalização, (foguetes, cartuchos para pistola sinalizadora).</p> <p>Binóculos.</p> <p>1 Periscópio.</p> <p>2 Bússolas.</p> <p>Transferidor.</p> <p>Régua milimetrada.</p> <p>Declinatória.</p> <p>Alidade.</p> <p>Prancheta.</p> <p>Sitômetro.</p> <p>Círculo de visada (eventualmente).</p>

Características do Material

Aparelho ótico de 10.

Alcance:

De dia: até 7 kms.

De noite: até 10 kms.

Bandeirolas de sinalização.

Alcance:

A olho nú — Até 1 km.

Com binóculo — Até 3 kms.

Artifícios.

Foguetes: Sobem a 450 metros em 10 segundos e queimam de 15 a 20 segundos.

Cartuchos para bocal de fuzil: Sobem a 100 metros e queimam durante 6 segundos.

Cartuchos para Pistola: Sobem a 50 metros e queimam durante 6 segundos.

Porta Mensagens.

Lançados por bocal de fuzil, podem atingir 350 metros.

Paineis de Identificação.

Painel de Arma.

Painel de Esquadrão com indicação do número ou designação do Esq.

Paineis de sinalização.

2 Paineis retangulares, com os quais se podem formar os algarismos de 0 a 9 que servem mediante código.

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Anuario Militar do Brasil, 1935	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1936	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1937	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1940	27,00
Anuario Militar do Brasil, 1941	37,00
Anuario Militar do Brasil, 1942	42,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima	31,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima (D. Oficial)	21,00
A Revolução de 1842 — Martins de Andrade	26,00
A Compreensão da Guerra — J. B. Magalhães	30,00
Andrade Neves o Vanguardeiro — Cap. De Paranhos Antunes	7,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes	16,00
Aspéto Geográfico Sul-Americanoo — Cel. Mario Travassos	6,00
As Condições Geográficas e o P. M. Brasileiro — Coronel M. Travassos (*)	6,00
Bandeira do Brasil — Cap. Janary Jentil Nunes	11,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araripe e Lima Figueiredo	11,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

PONTE TARRON

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DO
1.º Ten. LUIZ GONZAGA DE MELLO

(Continuação)

CAPÍTULO QUARTO

OPERAÇÕES DE CONJUNTO

MONTAGEM DA PONTE

79. — A ponte é montada na margem de partida, na posição determinada pelas indicações dos números 175 a 180.

A montagem da ponte comprehende as operações seguintes:

- colocar no lugar as peças de encontro e os tirantes horizontais;
- montar os quadros da armação principal, colocar os tirantes principais [] e os tirantes secundários que neles terminam; []
- colocar a peça de ponte central, e executar uma primeira regulação da armação principal;
- montar as armações secundárias, colocar os tirantes e as [] peças de ponte secundárias; []
- concluir a regulação da armação principal, e livrá-la das escoras;
- colocar o contraventamento do taboleiro e, após o lançamento ponte, colocar o dos quadros principais e [] secundários [] de encontro.

Celocar no lugar as peças de encontro (Fig. 46)

80. — Esticar um cordel A B indicando o eixo da ponte em sua posição de montagem. Representar o retângulo C D E F que formam as extremidades dos eixos das peças de encontro, por meio de estacas

cravadas no solo e que têm pregados na parte superior, cada uma, um prego. Este retângulo deve ser construído com toda a exatidão; suas diagonais devem ser exatamente iguais, pois do contrário a armação principal ficará torta.

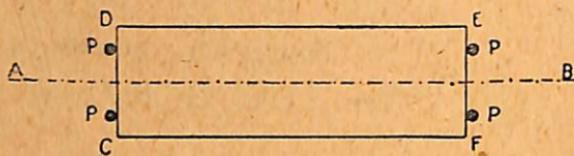


Fig. 46. — Colocar dos encontros

Colocar as peças de encontro em seus lugares no canteiro, os eixos ficando horizontais e projetando-se perpendicularmente sobre C D, E F. Cravar em P P fortes estacas para manter no lugar as peças de encontro durante a montagem da armação.

Colocar os tirantes horizontais

81. — Colocar os tirantes horizontais sobre os encontros, como está dito no n.º 37, reservando entre êles o lugar dos quadros de encontro.

Cavilhá-los e ligá-los por 10 (ou 20) (1) voltas de arame. Indicar sobre o lugar dos eixos das diferentes peças de ponte. Montar os quadros da armação principal e colocar os tirantes.

A) — Ponte sem armações secundárias

82. — A armação principal é, então, a armação superior única. Empreender a montagem sem esperar que os tirantes horizontais estejam no lugar.

A montagem deve começar simultaneamente pelas duas extremidades da ponte.

a) — Montar um quadro de encontro

83. — *Completar o quadro.* — Antes de ser algado, um quadro de encontro recebe um chapéu e os tirantes principais que nele terminam (Fig. 47).

Começar colocando estes tirantes sobre as extremidades superiores

(1) 20 voltas quando o tirante é duplo.

dos montantes do quadro; em seguida, fixar, por dois grandes pregos, atravessando as talas, o chapéu no seu lugar contra os entalhes dos montantes, tendo o cuidado de colocar as referências do chapéu e dos montantes, uma defronte da outra. Além disso, fazer uma ligação de algumas voltas de arame envolvendo, segundo uma diagonal, o chapéu e a tala, e aplicando-se bem exatamente sobre a parte entalhada da tala.

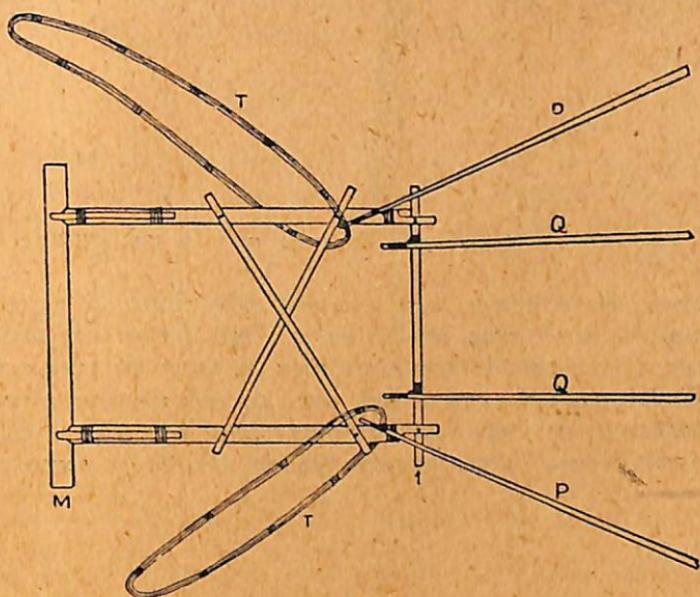


Fig. 47. — Quadro de encontro equipado para ser alçado

Legenda — M, peça de encontro; 1, chapéu; M-L, quadro de encontro; P, varas amarradas aos montantes; Q, varas amarradas aos chapéus; T, tirantes metálicos.

Os pregos mantêm a largura do quadro; a ligação impede a queda do chapéu durante a montagem.

84. — *Equipar o quadro para alçá-lo.* — Conduzir o quadro assim preparado e aplicar os pés dos montantes contra a peça de encontro.

Dispôr quatro varas, tendo aproximadamente o comprimento dos montantes do quadro, duas por fora, e duas por dentro dos montantes do quadro (Fig. 47).

Ligar aos montantes (Fig. 47) as duas varas exteriores e ao chapéu as duas varas interiores, por meio da amarração seguinte, que deve ser feita com amarrilho duplo (Fig. 48).

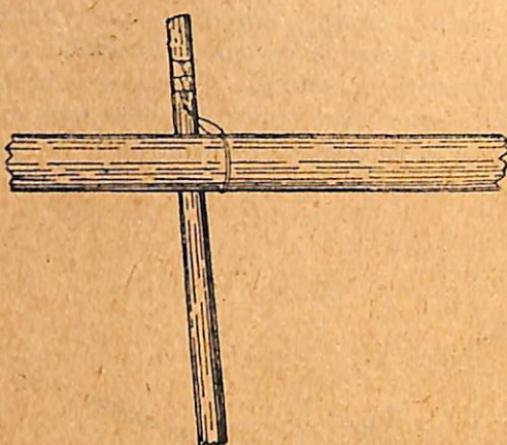


Fig. 48. — Amarração de uma vara a um quadro

Amarrar, em primeiro lugar, o amarrilho duplo à vara, por um nó corredço de duplo cote, abaixo do qual são feitos dois meios cotes, e depois dar com o chicote uma volta seca em torno da peça a suportar, e arrematando o chicote no firme, com um nó simples alceado.

A amarração deve ser feita sobre as varas em uma tal altura que, o quadro estando no lugar, as varas fiquem inclinadas como mostra a Fig. 49.

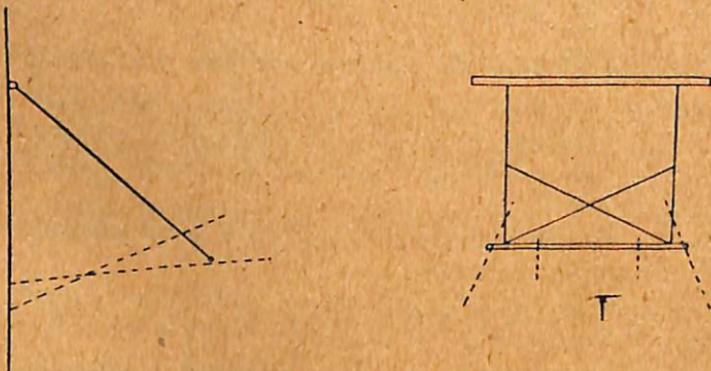


Fig. 49. — Montagem da armação superior, 1.º quadro

85. — *Alçar o quadro.* — Levantar o quadro em torno da peça de encontro, a princípio a braço, em seguida, servindo-se de varas. Ligar varas suplementares, mais curtas que as colocadas primitivamente se

o emprego destas últimas é incomodo em consequência do grande comprimento do quadro, quando o levantamento a braço não é mais possível.

Cessar de levantar o quadro quando o chapéu ultrapassar de 10 centímetros a altura indicada no Quadro Anexo B. Esta altura deve ser medida acima do plano dos eixos dos encontros.

Firmar nos pés, na posição indicada pela Fig. 49, as varas de manobra tornadas estais. Estes devem ter os pés para o exterior.

86. — A partir deste momento, e durante toda a duração da montagem, deve haver um homem constantemente ao pé de cada estai. Esta prescrição deve ser rigorosamente observada.

b) — *Montar o quadro ordinário 1 — 2 (Fig. 50)*

87. — *Completar o quadro.* — Antes de ser alçado, este quadro recebe na extremidade 2 um falso chapéu C, formado por uma vara leve, pregada e ligada sobre os montantes, destinada a manter o afastamento destes e facilitar a montagem.

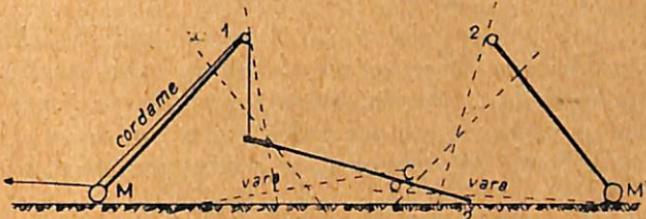


Fig. 50. — Montagem da armação superior, 2º quadro

Legenda — M — 1, M' 2, quadros de encontro sustentados por seus estais (em pontilhado); 1-2, quadro a elevar, equipado com falso chapéu, varas (em pontilhado) e cordame; C, falso chapéu.

Início da Operação

Antes de fixar o falso chapéu, verificar se o afastamento dos eixos dos montantes é bem igual a 4 metros.

88. — *Equipar o quadro para alçá-lo.* — Como é feito para um quadro de encontro, amarrar varas na extremidade 2 dos montantes e no falso chapéu. Além disso, amarrar, a 0,50 m de cada extremidade 1 dos montantes, uma corda de manobra.

89. — *Alçar o quadro.* — Fazer passar sobre o chapéu 1 do quadro de encontro as cordas de manobra, e com elas dar uma volta seca em torno do encontro.

Levantar a braço a extremidade 1 do quadro, facilitando o movimento com as cordas de manobra, permanecendo em terra a extremidade 2.

Fazer levar as talas sobre o chapéu 1, e apertar estes montantes contra este chapéu, puxando fortemente as cordas de manobra e depois amarrá-las ao encontro.

Levantar a braço, e depois com varas, a extremidade 2 do quadro, que gira em redor do chapéu 1, até que as talas ultrapassem o chapéu 2, fixado ao quadro do segundo encontro. Este último quadro foi levantado numa posição provisória, ao mesmo tempo que o do primeiro encontro (n.º 82).

B) — Ponte com armações secundárias

QUADROS DE ENCONTRO

90. — Os quadros de encontro M — 1 são completados, equipados e montados como já foi dito.

QUADROS ORDINÁRIOS

91. — *Completar os quadros.* — A regra seguinte indica, para os quadros ordinários, sobre os montantes de qual quadro devem ser passados, antes da montagem, os tirantes que terminam em um chapéu, afim de poderem ser colocados como prescreve o n.º 39.

Um quadro, antes da montagem, só recebe tirantes se tiver talas interiores.

Estes tirantes terminam no chapéu sobre o qual se apoiam as ditas talas, e que devem ser passados sobre os montantes antes da colocação do chapéu, se for o caso.

Além disso, as extremidades 1 do quadro 1 — 2 (e seu simétrico) recebem, antes da montagem, todos os tirantes secundários que terminam no chapéu 1.

Os quadros ordinários são em seguida completados por meio de um chapéu (ou de um falso chapéu para o último quadro colocado: quadro 2 — 3 nos tipos 3 — 4, e quadros 2 — 3 ou 3 — 4 à vontade no tipo n.º 5).

92. — *Equipar os quadros.* — Operar como para as pontes sem armações secundárias. Entretanto, é vantajoso servir-se de uma câbreia bem leve e de uma talha, para levantar os quadros. A talha é amarrada no meio do chapéu ou do falso chapéu. Jamais dispensar o emprego simultâneo das 4 varas.

93. — *Alçar os quadros.* — Com no n.º 89.

Si é empregada uma câbreia, seguir o movimento e facilitá-lo com as varas.

Ligar as talas sôbre os encontros e sôbre os chapéus

94. — Logo que estiver montado um quadro de encontro, fixar suas talas sôbre o encontro por meio de uma ligação de arame fino, com 10 a 20 voltas. Depois que o quadro seguinte estiver no lugar, fixar, por meio de uma ligação de arame, de 10 a 20 voltas, cruzada, as talas dos dois quadros sôbre o chapéu comum, *tendo o cuidado de não prender o tirante metálico nesta ligação*.

Terminada a ligação, colocar o tirante sôbre as talas, seguindo a diagonal do quadro para o qual as talas são interiores, como está dito no n.^o 39. Aplicar bem exatamente o tirante sôbre a superfície de apoio, bastante com um pequeno macete, ou colocando fio por fio, no lugar.

O aspecto final da execução é mostrado pela figura 30.

Fechar a armação principal

95. — Quando todos os quadros estão montados, a armação da ponte fica mais alta do que deve estar, há um vazio entre os dois últimos quadros colocados. Levantar, então, a extremidade do quadro desprovido de chapéu, um pouco acima do chapéu do outro (Fig. 51).

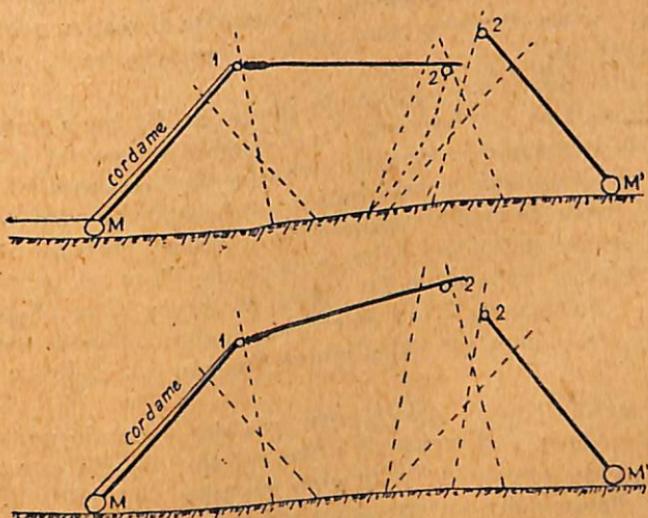


Fig. 51. — Montagem da armação superior, 2.^º quadro

FINAL DA OPERAÇÃO

Para fechar a armação, descer simultaneamente os dois quadros de fechamento, deixando sempre o quadro desprovido de chapéu um

pouco mais alto que o outro, até que suas talas estando colocadas sobre o chapéu deste último, os montantes possam ser contraventados.

96. — Pode acontecer que os montantes dos dois últimos quadros a conjugar não se apresentem em face um do outro.

Isso pode ser determinado por três causas:

- 1.^a — os tirantes horizontais são desiguais;
- 2.^a — os tirantes horizontais sendo iguais, os encontros não são perpendiculares ao eixo da ponte e formam com os tirantes horizontais um paralelogramo; ou melhor, os encontros não estão no mesmo nível;
- 3.^a — um ou vários quadros não são retangulares.

As duas primeiras causas de assimetria são fáceis de suprimir. A terceira pode ser atenuada descendo o último quadro colocado, que será modificado de sorte a permitir o fechamento da armação.

Colocar a peça de ponte central (ou as duas peças de ponte para o tipo n.^o 2) e executar uma primeira regulação da armação superior.

97. — *Pontes dos tipos 1 e 2.* — Passar nos tirantes metálicos a peça ou as peças de ponte, que são em seguida firmadas sob os tirantes horizontais. Estes devem passar sobre a peça de ponte, por fora dos tirantes metálicos.

Colocar a peça ou as peças de ponte na distância exata dos encontros. Para isso é necessário dar à armação superior a sua forma aproximada, colocando o quadro superior na horizontal.

Ligar sob os tirantes horizontais os tacos destinados a manter a peça ou as peças de ponte (número de ligações: Quadro Anexo B) e fixar os tirantes horizontais sobre a peça ou sobre as peças de ponte por uma ligação cruzada de 10 voltas de arame fino (Fig. 28).

98. — No tipo n. 2, os dois tacos compreendidos entre as duas peças de ponte podem ser substituídos por um só, indo de uma peça à outra.

Neste mesmo tipo, é após a colocação das peças de ponte no lugar que deve ser dada a direção ao ramo inferior do Y: este ramo deve passar a 1/3 do montante do quadro superior (n.^o 15). É feito em seguida o reforçamento de um ramo do Y, como prevê o n.^o 29.

99. — *Pontes dos tipos 3, 4 e 5.* — Passar, como precedentemente, a peça de ponte central nos tirantes metálicos.

Quando a peça de ponte está suspensa aos tirantes, constata-se ordinariamente, que estes não estão bem tensos e que a peça de ponte

não está exatamente no meio da ponte. — Elevar os chapéus que correspondem aos tirantes frouxos, abaixando ao mesmo tempo os que correspondem aos tirantes tensos, até que todos os tirantes tenham a mesma tensão aproximadamente e que a peça de ponte esteja a igual distância dos eixos dos encontros. Durante esta operação a peça de ponte central não deve assentar sobre os canteiros.

Ligar os tacos e os tirantes horizontais como prescreve o n.º 97.

Montar as armações secundárias — Colocar os tirantes e as peças de ponte secundárias.

100. — A montagem das armações secundárias e a colocação dos tirantes são feitas como para as pontes dos tipos n.º 1 e 2.

Todos os tirantes secundários estando dispostos em Y, é necessário ter cuidado, antes de passar a extremidade dos tirantes sobre um quadro secundário como o 1 — 5, de introduzir estes tirantes no colar que deve constituir o ramo inferior do Y.

Concluir a regulação da armação superior e livrá-la dos estais.

101. — *Dar à armação superior a sua forma exata*, por meio de varas estais; verificar a exatidão desta forma:

1.º — pela vista, colocando-se tão distante quanto possível, de modo a apreciar a regularidade da linha poligonal dos montantes pela igualdade dos ângulos que os montantes fazem entre si;

2.º — por meio da medida das alturas dos eixos dos chapéus acima do plano dos eixos dos encontros (Quadro Anexo B).

102. — *Estar os tirantes metálicos*. — Para isso, introduzir em cada tirante, num ponto tão vizinho quanto possível do meio, mas facilmente acessível, um páu de arrocho de 1,50 m de comprimento e de 0,08 m a 0,10 m de diâmetro.

Torcer o tirante e amarrar o páu de arrocho a uma peça vizinha, logo que o tirante estiver esticado (Fig. 25).

Para obter pela torção uma juxtaposição apreciável do tirante, começar por torcer os fios a braço, afastando os dois ramos o mais possível das extremidades, de maneira a fazer começar a torção pelas duas extremidades do tirante.

A torção dos tirantes mistos principais é produzida com um páu de arrocho introduzido na parte de arame, e contra o grosso casquilho (Fig. 22); esta torção deve ser feita em um tal sentido que os fios do cabo metálico sejam enrolados no sentido inverso ao dos seus elementos. — O sentido no qual os ramos do casquilho estão desviados, indica o sentido em que deve ser torcido o tirante.

Os tirantes mistos secundários são juxtapostos, se for o caso, por torção do ramo inferior do Y.

103. — *Desprender a armação superior.* — Para retirar os estais, deslocar-lhes os pés progressivamente e cessando de fazê-lo para cada estai, desde que sua função não seja mais necessária; colocá-lo, então, muito ligeiramente apoiando a carga que deve suportar.

Quando todos os estais estiverem nesta situação, fazer subir dois homens na armação, para desligar os estais, começando a fazê-lo pelo meio. Cessar de fazer um estai sustentar toda a carga antes de deslizá-lo.

Para os vãos superiores a 18 metros começar por livrar as armações secundárias, carregar a peça de ponte central com algumas peças de madeira, afim de dar estabilidade à construção (prescrição absoluta).

Os homens que subiram à armação superior não devem ajudar a descer os estais.

104. — Logo que a armação superior estiver desembaraçada, corrige-se, se houver necessidade, as pequenas irregularidades que se produzem ao esticar e afrouxar os tirantes.

Colocar o contraventamento do taboleiro

105. — O contraventamento é executado com varas, arame ou cabo metálico, como foi descrito nos números 28 e 38.

Se todos os cabos metálicos são necessários ao lançamento (*Capítulo Quinto*), fazer um contraventamento provisório com varas.

106. — Após o lançamento da ponte, se for o caso, o contraventamento provisório dos quadros de encontro é substituído pelo contraventamento definitivo. (n.º 23).

(Continua)

INDICE REMISSIVO

DO

REGULAMENTO ADMINISTRATIVO DO EXÉRCITO (N. 3)

Organizado pelo Capitão *I. E. JOSE' VIEGAS*

ABASTECIMENTO: — Às frações da unidade (Como se processam) artigos 125 a 127.

ADEANTAMENTOS: — Aos gentes executores ns. 11 e 27 do § 1.º do art. 35, ns. 8 e 9 do art. 36, ns. 24 e 25 do art. 38, e artigos 67e70.

ADEANTAMENTOS: — Em campanha, manobra, ou quaisquer deslocamento individuais ou coletivos — art. 20.

ADMINISTRAÇÃO ECONOMICO-FINANCEIRO: — (fins da) § do art. 3.º.

ADMINISTRAÇÃO EM CAMPANHA: — (será regulada pelo R. S. C.) artigo 19.

ADMINISTRAÇÃO: — (o que se entende por) § 1.º do artigo 3.º.

AGENTE DIRETOR: — (suas funções e atribuições) art. 31.

AGENTES DE ADMINISTRAÇÃO: — diretos ou indiretos (a quem compete o desempenho dessas funções) arts. 21 e 24.

AJUSTE DE CONTAS DOS OFICIAIS TRANSFERIDOS: — Art. 66.

ALMOXARIFE: — (suas atribuições) art. 36.

APROVISIONADOR — (suas atribuições) art. 38.

AQUISIÇÃO DE MATERIAL: — matérias primas, víveres e chidas nos pedidos de) artigos 95 e 96.

AQUISIÇÃO DE MATERIAL: — só poderá ser feita daquele que figurar nas relações organizadas pelas Diretorias Técnicas) artigo 93.

AQUISIÇÃO DE MATERIAL: — materias primas, viveres e forragem (será precedida sempre de concurrenceia ou tomada de preços) artigo 85.

AQUISIÇÃO DE MATERIAL: — (especificações que devem conter contas de) artigo 94.

ATOS ADMINISTRATIVOS: — (autoridades que os podem praticar) artigo 17.

ATOS ADMINISTRATIVOS: — (em que consistem) §§ 6.^o e 8.^o do artigo 13.

AUTENTICAÇÃO DE LIVROS: — Fichas, etc. n.^o 2 do art. 32, n. 11 do art. 34, art. 168.

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA: — (Casos em que poderá ser concedida) artigo 25.

AUXILIARES DOS AGENTES EXECUTORES: — suas atribuições, artigo 48.

B

BALANCETES DE PRESTAÇÃO DE CONTAS: — (como se efetuam as corrigendas que importem em alteração dos) § 5.^o do art. 161.

BALANCETES DE PRESTAÇÃO DE CONTAS: — (serão assinados pelos tezoureiros, conferidos pelo fiscal e encaminhados com ofício ao S. F. R. pelo agente diretor) art. 76.

BALANCETES DE PRESTAÇÃO DE CONTAS: — (serão remetidos ao S. F. R. nas épocas regulamentares. O tesoureiro será responsável pelo retardamento da remessa) art. 77.

BANCO DO BRASIL: — e suas agências (comunicação das alterações ocorridas na administração) n.^o 33 do art. 72.

BANDAS DE MÚSICA — clarins, fanfaras, jazz-bands, tabelas de peças das tocatas, n.^o 29 do art. 32.

BARBEARIAS: — (as percentagens da renda pertencem ás sub-unidades) § 1.^º do art. 42.

BOLETIM: — (publicará tudo que importe em receita ou despesa, recebimento de fundos e de material) n.^º 3 do art. 32.

BOLETIM: — (Terá uma parte especial sob o título “Assuntos Administrativos” dirigida pelo fiscal administrativo) art. 83.

C

CAIXAS CONSTITUIDAS DE RECEITAS IRREGULARES:

— (sua existência é terminantemente proibida) § 3.^º do art. 74.

CAIXA GERAL DE ECONOMIAS DA GUERRA: — (serão a ela recolhidas as importâncias correspondentes a indenização de peças de uniforme extraviadas, confeccionadas com lã § único do art. 149.

COFRE DE 3 CHAVES: — (nele serão guardados os recursos da unidade) art. 11.

COFRE DE 3 CHAVES: — (os pagamentos com os seus recursos serão regulados entre o fiscal e o tesoureiro (n.^º 21 do art. 34).

COFRE DE 3 CHAVES: — (Quais serão os clavículários e como se distribuem as chaves) nos casos da unidade dispor de 3,2, ou 1 Oficial) §§ 3.^º, 4.^º e 5.^º do art. 62.

COFRE DE 1 CHAVE: — (fins a que se destina) art. 63.

COMANDANTE DE BATALHÃO: — ou grupo isolado (suas atribuições) art. 42.

COMANDANTE DE SUB-UNIDADE INCORPORADA (suas atribuições art. 41).

COMISSÃO DE RANCHO (sua extinção) § 1 do art. 84.

COMISSÃO DE RECEBIMENTO E EXAME: — (composição e funções) §§ 4.^º e 5.^º do art. 32, arts. 97 n.^º 104, § 2.^º do art. 115, arts. 118 e 119, §§ 5.^º a 8 do art. 126.

COMISSÕES DE AVERIGUAÇÕES E EXAME: — (composição e atribuições) arts. 136 a 141, arts. 158 e 159

COMISSÃO PARA PASSAGEM DE FUNÇÕES: — (casos em que será nomeada) art. 163

CONCURRENCIAS: — as comissões apuradoras das proposas serão compostas do fiscal, do tesoureiro e do agente a quem mais interessar a aquisição) § 2.º do art. 86.

CONCURRENCIAS: — (disposições diversas a serem observadas arts. 87 a 93).

CONCURRENCIA: — (fixação de preços maximo de aquisição) §§ 3.º e 4.º do art.º 86.

CONCURRENCIAS: — para o conjunto das uniddes da guarnição ou da Região (poderão ser realizadas para fornecimentos de artigos de consumo habitual) art. 86.

CONCURRENCIAS: — (em campanha, manobras, ou quaisquer deslocamentos individuais ou coletivos, as despesas independerão de concorrencias ou contrato, sendo precisadas, porem, de especulação de preços) art. 20.

CONFECÇÕES OU REPARAÇÕES: — de artigos nas oficinas da unidade (autorização e forma de indenização) art. 150.

CONTAS-CORRENTES: — com os estabelecimentos bancários (serão solicitadas mensalmente) n.º 55 do art. 32.

CONTAS OU FATURAS: — terão as dimensões de 0,33 por 0,22) artigo 165.

CONTAS PAGAS PELO ALMOXARIFE: — aprovisionador ou outro agente (conterão todas as formalidades da competencia do tesoureiro, ratificadas e rubricadas por quem efetuou o pagamento. Ao tesoureiro compete apenas a arrumação dessas contas no processo) § 5.º do art. 76.

CORRESPONDENCIA ADMINISTRATIVA EXTERNA: — será entregue diretamente ao fiscal) § 3.º do art. 82.

CAIXÕES VASIOS E ENVOLUCROS: — (serão restituídos aos orgãos provedores se houver vantagem economica; poderão ser aproveitados como materia prima ou vendidos; neste ultimo caso a importancia apurada reverterá a favor do orgão provedor) § 1.º do art. 120).

CARGA DE MATERIAL: — (A ordem de inclusão será exarada nos termos de recebimento, ou nas partes dadas pelos detentores) art. 123.

CARGA DE MATERIAL: — (na escrituração será observado a nomenclatura oficial, não sendo permitida abreviaturas, entrelinhas, espaços em branco ou pautas vasias. Art. 124

CARIMBOS: — a serem usados nos documentos — N. 45 dp § 1.º do art. 35.

CASOS DE FORÇA MAIOR: — (discriminação dos) art. 157.

CASOS DE FORÇA MAIOR: — (providencias que deverão ser tomadas quando se verificarem prejuizos resultantes de), art. 158.

CAUTELA PARA RETIRADA DE MATERIAL: — Será assinada), visada, e autorizada e substituída por pedido regulamentar dentro de 48 horas §§ 2.º e 4.º do art. 125.

CHEQUES: — (serão obrigatoriamente emitidos para pagamento de despezas de um conto de réis para cima) art. 68.

CHEQUES: — (são visados pelo fiscal administrativo, com assinatura ou rubrica) art. 58 do art. 32, § 15 do art. 34.

CHEQUES: — (normas a serem observadas na emissão de) rt. 69.

COFRE DE 3 CHAVES: — (fica sob a responsabilidade direta do oficial de dia) n.º 2 do art. 39.

COFRE DE 3 CHAVES: — (importâncias que nele poderão ser conservadas por prazo superior a cinco dias) art. 64.

COFRES DE 3 CHAVES: — (nele serão guardadas as importâncias recebidas pelo tesoureiro, desde que não possam ser recolhidas ao banco do mesmo dia) n.º 22 do art. 34 § 1.º do art. 62.

COFRE DE 3 CHAVES: — (nesse serão guardados os documentos reservados de natureza administrativa ou equivalente dinheiro) § 2.º do art. 62.

CORRESPONDENCIA ADMINISTRATIVA INTERNA: — (será dirigida ao fiscal) § 1.º do art. 82.

CORRESPONDENCIA: (o fiscal administrativo poderá, por

delegação, assinar a correspondencia administrativa, ex-
ceto os oficiais de requisição de numerario) art. 81.

CORRESPONDENCIA: — será organizada no almoxarifado,
tesouraria, aprovisionamento, etc., recebendo numeração
seguida da abbreviatur de departamento) § 2.º do art. 82.

D

DEMONSTRAÇÃO DE CAIXA: — Será organizada mensal-
mente por ocasião da prestação de contas e ficará anexa-
da á 2.ª via do balancete) art. 78 Modelos ns. 7 e 7-a
do anexo II.

DESCARGAS E SUBSTITUIÇÕES DE MATERIAL: — Como
se processam) arts. 133 a 146.

DESCONTOS A FAVOR DE TERCEIROS: — (devem ser pa-
gos até 15 dias após o desconto) n. 12 do art. 34, n.º 16
do § 1.º do art. 35.

DESCONTOS DE DIVIDA: — contraidas nos estabelecimen-
tos. Serão reguladas pelas instruções peculiares a esses
estabelecimentos) § único do art. 80.

DESCONTOS DE DIVIDAS: — não resultantes de dolo, má
fé, etc. serão indenizadas pela decima parte do soldo.
Art. 80.

DESCONTOS DE INDENIZAÇÕES: — por motivo de respon-
sabilidade (como se processam) art. 133 a 146.

DISTRIBUIÇÃO ÁS FRAÇÕES DA UNIDADE: — (artigos
125 a 129).

DOCUMENTOS (contas) a quem compete processa-los e como
se efetua o processo ns. 6 e 7 do art. 36, n.º 21 do art.
38 e art. 67.

DOCUMENTOS DE DESPEZA: — (declaração que deverão
conter o verso e o anverso) § 2.º do art. 165.

DOCUMENTOS DE ENTRADA E SAIDA DE MATERIAL :
— (conterão na declaração de que a entrada ou saída dos
artigos foi lançad nas fichas ou livros de escrituração.
Art. 166.

DOCUMETOS PAGOS COM CHEQUES: — (indicações que deverão conter) § 2.º do art. 68.

DOCUMENTOS QUE SUBSTITUEM PEQUENAS NOTAS OU RECIBOS INCOMPLETOS (como se organizam) § 1.º do art. 165.

E

ECONOMIAS ADMINISTRATIVAS (sua aplicação) art. 73.

ECONOMIAS ADMINISTRATIVAS (saldo e rendas que serão incorporadas ás) § 3.º do art. 72 e art. 74.

ESCRITURAÇÃO DO RECEBIMENTO, EMPREGO E PRESTAÇÃO de contas dos recursos da unidade, § 4.º do art. 10.

ESPECULAÇÃO DE PREÇOS: — (em campanha, manobras, ou quaisquer deslocamentos individuais ou coletivos, as despesas serão feitas mediante especulação de preços, desde que as possibilidades locais assim permitam) artigo 20.

ETAPAS DE FAMILIA: — (abono de) n.º 32 do art. 32.

EXAME DE CARNE VERDE: — (compete ao veterinário ou, na falta deste, ao aprovisionador) letra *a* do § 2.º do art. 84.

EXAME DOS VIVERES: — (compete ao medico e ao aprovisionador) letra *b* do § 2.º do art. 84.

F

FARDAMENTO: — (as peças confeccionadas com lã serão recolhidas aos órgãos provedores depois de consideradas inservíveis — art. 49. — Se os detentores não entregarem por ocasião do recebimento de peças novas sofrerão carga da decima parte do valor de cada uma delas) § único do art. 149.

FATOS ADMINISTRATIVOS: — (que significam) §§ 7.º e 8.º do art. 3.º.

FISCAL ADMINISTRATIVO: — (a quem compete exercer essas funções) art. 33.

FISCAL ADMINISTRATIVO: — (suas atribuições) art. 34.

FISCALIZAÇÃO (como se processa) arts. 12 e 13.

G

GESTÃO: — (o que significa) § 4.º do art. 3.º.

GUIA DE RECOLHIMENTO DE MATERIAL AO ALMOXARIFADO (indicações que deverá conter) art. 147.

GUARDA DOS RECURSOS DA UNIDADE: — Art. 11.

I

IMOVEIS PERTENCENTES Á UNIDADE: — (remessa de uma relação á Diretoria de Engenharia, acompanhada de uma planta no mês de Janeiro de cada ano). n.º 54 do art. 32.

INDENIZAÇÕES: — por motivo de responsabilidade pecuniária (como se processam) arts. 79, 80 e 156.

INSPEÇÃO ADMINISTRATIVA: — (Como se processa) § 3.º do art. 12 e art. 13.

L

LAPIS TINTA: — (só é permitido o seu uso em documentos de entrega transitoria) § 3.º do art. 165.

LIVROS DE ESCRITURAÇÃO: — que podem ficar no quartel quando a unidade tiver de se deslocar transitoriamente (indicação dos) art. 169.

LIVROS E FICHAS DE ESCRITURAÇÃO: — (serão numerados e rubricados pelo fiscal) art. 168.

M

MATERIA PRIMA E RESIDUOS: — (venda de) arts. 152 e 154.

MATERIAL DISTRIBUIDO ao estado maior, corpo da guarda e outros logares em responsavel direto e permanente (uma relação ficará em poder do almoxarife) n. 19 do art. 36.

MATERIAL: — Nenhum lançamento de entrada será válido se não estiver baseado em documentos regulamentares art. 124 § 3.

MATERIAL: — (o recebimento deverá ser assistido pelo fiscal, salvo se isso depender de comissão especial) § 23 do art. 34.

MATERIAL: — (na escrituração será classificado em permanente, comum, permanente especializado, de aplicação, de transformação e de consumo) art. 104.

MATERIAL: — (o permanente será incluido em carga; o de aplicação, de transformação e de consumo será relacionado) n.º 6 do art. 32 e 122.

MATERIAL: — (Provimento de) arts. 105 a 121.

MATERIAL: — (será marcado com as iniciais do corpo e a data da entrada, por meio de punções, carimbos ou letras de zinco) §§ 4.º e 6.º do art. 99 — §§ 3.º e 4.º e 5.º do art. 117 e art. 127.

MATERIAL: — (sua manutenção obedecerá ás disposições da legislação especial do Exército) § único do art. 18 e art. 109.

MATERIAL RECOLHIDO: — (aos órgãos provedores (sua classificação em 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a classes) art. 148.

O

OFICIAIS DE ADMINISTRAÇÃO: — (como é feita a distribuição das suas funções) art. 53.

OFICIAIS DE ADMINISTRAÇÃO: — são subordinados diretamente ao fiscal administrativo) art. 51.

OFICIAIS DE ADMINISTRAÇÃO: — (só poderão exercer o comando das Formações de Intendencia e dos trens de estacionamento § 2 do art. 50.

OFICIAL DE DIA: — (suas atribuições) art. 39, § 4.º do art. 84.

ORDENS RECEBIDAS: — (cumprimento e ponderações sobre) art. 71.

P

PAGAMENTOS: — (normas a serem observadas) arts. 67 e 68.

PASSAGEM DE CARGA: — (instruções referentes a) arts. 162 e 163.

PASSAGEM DE FUNÇÕES: — (só deverá ser feita quando a carga do material esteja certa e a escrituração em ordem e em dia) ns. 42 a 44 do art. 32.

PATRIMONIO: — (o que se entende por) § 2.º do art. 3.º.

PEDIDO DE MATERIAL: — aos orgãos provedores (condições a serem preenchidas) art. 121

PEDIDOS DE FARDAMENTO E DE MATERIAL: — (Formalidades de que se revestem) n.º 5 do art. 43 e art. 125

PEDIDOS DE MATERIAL — (Nas "Observações" deverá constar sempre a data do ultimo pedido) § 8.º do art. 125.

PEDIDOS DE MATERIAL: — (Os numeros serão escritos com clareza e unidos; serão precedidos e sucedidos de 2 traços horizontais) § 6.º do art. 125.

PEDIDOS DE MATERIAL: — (Viveres e forragens — Serão feitos pelo almoxarife e pelo aprovisionador: as deduções da despesa serão ratificadas pelo tesoureiro) n.º 3 do art. 36 e n.º 20 do art. 38.

PRASOS PARA PASSAGEM DE CARGA: — Almoxarife, 30 dias; § 1.º do art. 37; aprovisionador e comandantes de sub-unidades, 8 dias n.º 30 do art. 38 e n.º 23 do art. 42.

PRESTAÇÃO DE CONTAS DE NUMERÁRIO: — Serão feitas de acordo com as normas do R. S. S. R., instruções e mais decisões a respeito) Art. 75.

PRESTAÇÃO DE CONTAS: — (Regimen especial par os casos de campanha, manobras, ou qualquer deslocamentos individuais ou coletivos) § único do art. 20.

PRESTAÇÃO DE CONTAS: — (São responsáveis diretos o agente diretor, o fiscal administrativo e o tesoureiro) § 1.^º do art. 75.

Q

QUANTITATIVOS: — (Emprego dos) Art. 72.

R

RECEBIMENTO E EXAME DE MATERIAL — e matéria prima. Arts. 97 a 104, 116, 118 e 119.

RECIBOS: — Devem ser firmados exclusivamente a tinta § 3.^º do art. 165.

RECOLHIMENTO DE MATERIAL: — ao almoxarifado ou aos órgãos provedores. Arts. 147 e 149.

RECURSOS DESTINADOS Á UNIDADE: — (Sua classificação e recebimento) art. 10.

REPARAÇÕES, CONCERTOS OU REPARAÇÕES DE ARTIGOS: — (Autorização e forma de indenização) art. 150.

RESERVA DE GUERRA: — (Tabelas, utilização e renovação do material) Arts. 130 a 132.

RESÍDUOS E MATERIA PRIMA: — (Venda de) Arts. 152 a 153.

RESPONSABILIDADES: — Autoridades que podem aplicar as sanções) Art. 58.

RESPONSABILIDADES: — (Casos de isenção de) § 1.^º do art. 55.

RESPONSABILIDADES: — decorrentes de erros de escrita, rasuras, entrelinhas, emendas, omissões, espaços em branco podem ser disciplinares ou criminais Art. 164.

RESPONSABILIDADES DIRETAS: — pela guarda e conservação de artigos e valores — Arts. 30, 155 e 156.

RESPONSABILIDADE DO ALMOXARIFE: — Pela saída de artigos sem a apresentação de pedidos legais — §§ 1.^º a 4 do artigo 125.

RESPONSABILIDADES FUNCIONAIS: — (Sua distribuição pelos diversos agentes, em face das funções que lhes são proprias) § 1 a 4 do art. 76 § 6.^o do art. 79.

RESPONSABILIDADE FUNCIONAL: — (Sua distribuição pelos diversos agentes em face das funções que lhes são proprias) § 1 a 4 do art. 76 § 6.^o do art. 79.

RESPONSABILIDADES INDIVIDUAIS: — (Cada Agente é individualmente responsável pelas irregularidades que cometer, determinar ou consentir) § único do art. 9.^o, § 6.^o do art. 79.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL FUNCIONAL: — (Casos e que se pode verificar) Art. 55 e 60.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL: — Recairá nos autores das informações ou pareceres) § 2.^o do art. 31.

RESPONSABILIDADES RESULTANTES DE ATOS: — Irregulares partidos (Os Agentes só ficarão isentos se dos relatórios dos órgãos oficiais ou dos pareceres constar que eles agiram de boa fé) § 3.^o do art. 75.

RESPONSABILIDADES (serão pecuniárias, disciplinares e criminais) §§ 2 a 6 do art. 55.

RESSALVAS EM DOCUMENTOS, FATURAS, ETC.: — A quem compete fazer) § 4.^o do art. 160 § 1.^o do art. 164.

S

SUB-TENENTE: — (Seus vencimentos serão sacados nas fólias de sargentos, em primeiro lugar) n.^o 24 do art. 43.

SUB-TENENTE: — (Suas atribuições) Art. 45.

SUSPENSÃO DOS AGENTES DE SUAS FUNÇÕES: — Arts. 14 e 16, 59 e 67.

T

TERMOS DE RECEBIMENTO E EXAME: — (Instruções referentes aos) arts. 100 a 104.

TERMOS DE RECEBIMENTO E EXAME: — (Serão trans-

critos na integra em boletim) § 1.º do art. 123, §§ 7.º e 8.º do art. 127.

TERMOS DE RESPONSABILIDADES: — (Sua organização) letra B do § 3.º do art. 162.

TESOUREIRO: — (Livros cuja escrituração está a seu cargo) n.º 44 do § 1.º do art. 35.

TESOUREIRO: — (Será o oficial de administração mais graduado ou mais antigo) § 2.º do art. 53.

TESOUREIRO: — (Suas atribuições) art. 35.

U

UNIDADES ADMINISTRATIVAS: — (As frações de unidade poderão ser desligadas de uma e ligadas a outra unidade por conveniência da administração) § 2.º do art. 29.

UNIDADES ADMINISTRATIVAS: — (Como se processam as suas dissoluções) arts. 27 a 29.

UNIDADES ADMINISTRATIVAS: — (Órgãos que as constituem) Art. 8.º.

UNIDADES ADMINISTRATIVAS — (Serão criadas por ato expresso do Ministro da Guerra) Art. 25.

V

VENCIMENTOS DOS AGENTES DA ADMINISTRAÇÃO — quando suspensos das suas funções) Art. 16.

VENCIMENTOS DOS OFICIAIS OU PRAÇAS FALECIDOS: — (pagamento aos herdeiros n.º 18 do art. 32.

VENCIMENTOS NÃO RECLAMADOS: — Serão recolhidos ao S. F. R. dentro de seis meses) n.º 31 do § 1.º do art. 35.

VIVERES E FORRAGEM: — Remessa mensal do mapa demonstrativo do movimento de) n.º 57 do art. 32.

FORMULÁRIO para o processo de desertores e insubmissos

Ten.-Cel. NISO MONTEZUMA

3.^a Edição

ADAPTADO AO CÓDIGO PENAL MILITAR APROVADO PELO DECRETO-LEI N.^o 6.227, DE 24 DE JANEIRO DE 1944 E AUMENTADO COM UM APÊNDICE CONTENDO:

- 1). — A LEGISLAÇÃO SÔBRE O ESTADO DE GUERRA;
- 2). — OFICIAIS DA RESERVA: — instruções para convocação; disponibilidade; insubmissão; tempo de convocação; classificação; uniforme; transporte; ajuda de custo, vencimentos; precedência, promoções; mudança de domicílio; permissão para contrair matrimônio; amparo do Estado à família, quando falecem em campanha, etc.;
- 3). — PRAÇAS CONVOCADAS: — alunos de escolas superiores; dispensa diária; que fizeram prova de seleção nos C. ou N. P. O. R.; apresentação; prazo para apresentação; donos ou sócios de casas comerciais; portadores de diplomas; possuidores de curso secundário; incorporação adiada; arrimo de família; operários empregados em obras militares; trabalhadores encaminhados para a extração e exploração de borracha no vale amazônico; operários da Fábrica Nacional de Motores; empregados em construção de aeroportos; pessoal admitido para obras; demissão de empregado convocado; obrigações dos empregados e dos empregadores; em caso de dissolução de firma; mudança de residência; vencimentos e vantagens, etc.;
- 4). — PARECERES E DECISÕES do D. A. S. P. e do MINISTÉRIO DO TRABALHO sobre a situação de funcionários públicos e de empregados, em geral, convocados para o serviço militar ativo;
- 5). — RESERVISTAS E ESTRANGEIROS, operários de Estabelecimentos Fabrís Militares e Civis produtores de materiais bélicos;
- 6). — ESTABELECIMENTOS FABRÍS CIVIS considerados de interesse militar;
- 7). — A MULHER em face da legislação de guerra;
- 8). — ORGANIZAÇÃO DA JUSTIÇA MILITAR junto às Fôrças Expedicionárias;
- 9). — C. P. O. R. — Faltas e entradas — tarde de alunos — funcionários ou empregados; frequência; alunos de escolas superiores; execução de provas parciais.

É UM LIVRO DE INTERÉSSE GERAL

PREÇO: CR\$ 15,00 — Pelo Correio: — CR\$ 16,00

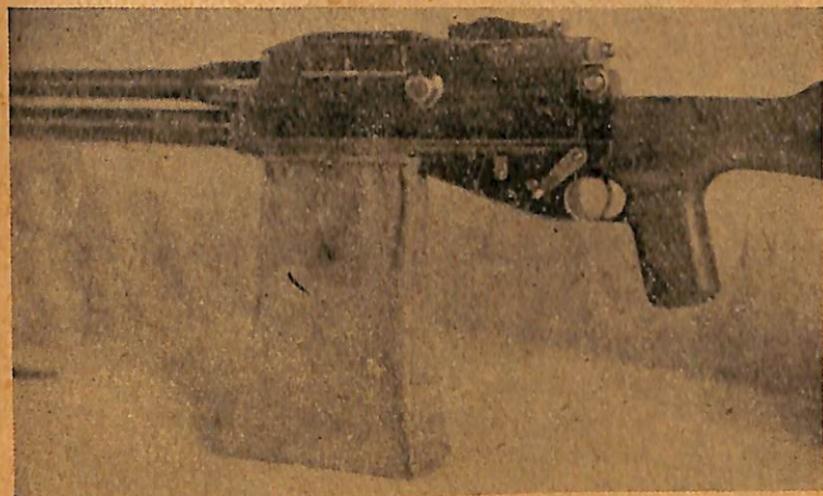
PEDIDOS: — A DEFESA NACIONAL (4.^o andar da ala dos fundos) Edifício do Ministério da Guerra. — Praça da República — Rio. Telefone: — 48-0563 — Caixa Postal 32 — Rio.

Sendo a edição limitada, convém que os interessados antecipem seus pedidos, embora só fiquem obrigados a remeter as respectivas importâncias depois que o livro fôr posto à venda.

Guarda estôjo para F. M. H.

1.º Ten. R-1 Oswaldo José Leal

No momento atual, quando é recomendado aos brasileiros o máximo de esforço e economia, nos diversos setores da vida, nós do Exército, melhor que ninguém, devemos, procurar não só aperfeiçoar os nossos meios de combate, mas, melhorar também os que possuímos ou criando dispositivos outros, que possibilitem o emprego melhor das nossas armas e o seu aproveitamento.

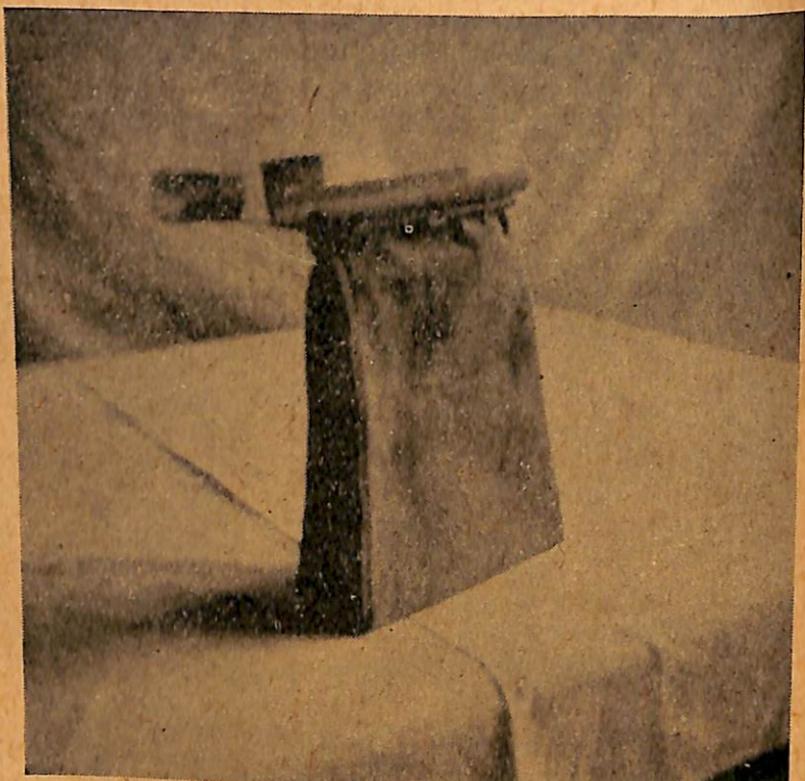


Nos exercícios de tiro real, por maior que seja o cuidado dos auxiliares, perdem-se grande número de estojos vazios e a matéria prima perdida, traz ao país um grande prejuízo, podendo evitar-se o trabalho do operário em prepará-los novamente.

Nas instruções noturnas, especialmente quando são feitos exercícios de tiro em marcha, golpes de mão, etc., dada a impossibilidade de se recolher os estojos vazios, o prejuízo é total. Anualmente o prejuízo em todo o Brasil deve ser enorme.

Como resultado das minhas observações durante o ano de instrução 1941-1942, criei o "Guarda-estôjo", conforme desenho e fotografias anexos.

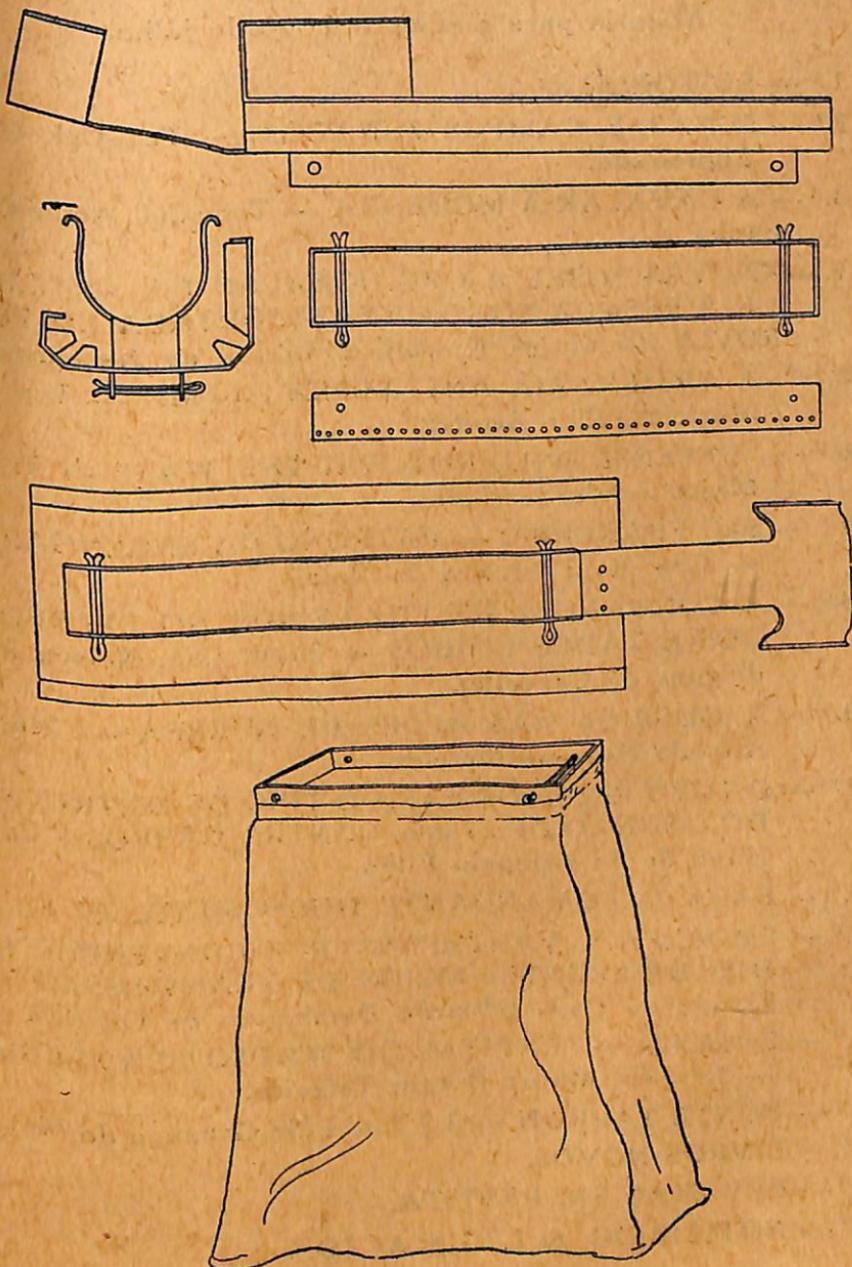
Consiste no seguinte: uma chapa de ferro ou aço, adaptada ao fundo da Caixa da Culatra do F.M.H., tendo na sua parte anterior uma mola de aço para adaptação no guarda-mão, evitando-se assim o seu deslocamento durante o tiro; na parte central uma cavidade em adaptação por onde os estojos são ejetados; inferiormente é preso um saco de lona ou algodãozinho grosso, que serve de depósito.



Para maior facilidade da colocação e retirada do saco este é preso por dois pinos, de preferencia de cobre (aramé). Tem capacidade para 180 estojos, sendo a capacidade útil de 150.

A retirada e colocação do "Guarda-estojos" é facil, não impedindo os movimentos do fuzileiro, nem o funcionamento da arma.

Embora o seu custo seja pequeno, poderemos ainda reduzi-lo, aproveitando para o saco, a lona proveniente de barracas inservíveis.

"GUARDA ESTÔJO" PARA F.M.H.

A Defesa Nacional

Matéria para o número de 10 de julho

- 1.^º — EDITORIAL.
- 2.^º — MINAS E CAMPOS MINADOS — Ten.-Cel. Lima Figueiredo.
- 3.^º — A CAVALARIA MODERNA — Ten.-Cel. Artur Carneuba.
- 4.^º — NOTAS SÔBRE A ORGANIZAÇÃO DA ARTILHARIA PESADA LONGA TRANSPORTADA EM FERROVIA — Major Newton Franklin do Nascimento.
- 5.^º — A ARTILHARIA ANTI-AÉREA ALEMA — Ten. D. Mário Aguilar Benitez.
- 6.^º — "DEFENSE WILL NOT WIN THE WAR" — Trad. Major Adalardo Fialho.
- 7.^º — SÃO FRANCISCO — PATRONO DA ENGENHARIA — Gen. Raul Silveira de Melo.
- 8.^º — A COMPANHIA DE FUZILEIROS NO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS — Trad. Cap. Nelson Rodrigues de Carvalho.
- 9.^º — A QUÍMICA NAS AÇÕES DE GUERRA — Major Alfredo Fauroux Mercier.
- 10.^º — O TUBO REDUTOR PARA O TIRO DE INSTRUÇÃO DO CANHÃO DE 37 mm. CONTRA CARRO — Cap. Hugo de Sá Campelo Filho.
- 11.^º — FALA O COMANDANTE HUGO SILVA.
- 12.^º — PRINCIPAIS VANTAPENS E INCONVENIENTES DOS DIFERENTES MEIOS DE TRANSMISSÃO — Estudo do Cap. Eduardo Domingues de Oliveira.
- 13.^º — GOIANIA — CAPITAL DO SERTÃO BRASILEIRO — 1.^º Ten. Mauro Borges Teixeira.
- 14.^º — PONTE TARRON — 1.^º Ten. Luiz Gonzaga de Melo.
- 15.^º — LIVROS NOVOS.
- 16.^º — REVISTAS EM REVISTA.
- 17.^º — NOTICIARIO & LEGISLAÇÃO.

Resenha das decepções nazistas nestes quatro anos de guerra

Cap. UMBERTO PEREGRINO

Foi muito lembrado no dia 10 de maio último o 4.^o aniversário do inicio de arremetida nazista, que prostaria em poucos dias a Bélgica, mais uma vez sacrificada à brutalidade germânica, a Holanda, traída nas reiteradas garantias de segurança e minada por uma profunda infiltração da 5.^a coluna, e a França, cujo exército numeroso, modernamente aparelhado, detentor de tão gloriosas tradições, e que tivera nove tranquilos meses para mobilizar-se confortavelmente, era a sólida esperança do mundo inteiro contra a possante máquina de guerra preparada por Hitler.

Entretanto, já a 17 de junho cessava toda a resistência francêsa. O exército de Gamelin e Weygand fôra desmantelado sob os golpes maciços do binomio Wehmacht-Lufwaffe, sem que ao menos se er-guesse o obstáculo de um governo bravo e resoluto, capaz de organizar uma nova resistência onde fosse possível. E assim, chegados rápidamente às praias da Mancha, os pelotões germânicos contemplavam o contorno estatido das Ilhas Britânicas, onde se refugiava a única resistência organizada que ainda se opunha aos seus designios conquistadores...

Foi esse o momento máximo do itinerário guerreiro de Hitler, porque logo em seguida teria lugar a sua primeira decepção: a Inglaterra, não se rendeu; Mr. Churchill distribuira novas armas aos recém-chegados de Dunkerque e anunciava a tresloucada teima britânica de continuar a guerra.

Os homens de Berlim, até então integralmente satisfeitos nos seus cálculos, desapontaram-se com esse imprevisto contratempo, mas ainda sorriram pensando na exemplar lição que ministrariam aos ingleses: "ora muito bem, pois haverão de saber o que é lutar com os soldados do *fuehrer*".

E entraram, sem demora, a expedir esquadrilhas sobre esquadrilhas da Lufwaffe para destruir as cidades inglesas. Sucedeu, porém,

que essas esquadrilhas também eram destruídas, de modo que, ao fim da histórica batalha da Inglaterra, os germânicos haviam recolhido a sua segunda decepção, esta muito mais grave: não seria fácil subjugar as Ilhas Britânicas.

Então se dedicaram a tarefas complementares, e eis a intervenção fulminante na triste campanha italiana da Grécia, a invasão da Jugoslávia, a conquista espetacular de Creta, o envio do "Afrika Korps" na direção de Suez. Nada disso, porém, decidia a guerra. A Inglaterra, em vez de debilitar-se, mostrava-se cada vez mais forte. Havia debelado a campanha das minas magnéticas, superava os danos causados pela ação dos submarinos e aludia a um programa para passar à ofensiva daí a três ou quatro anos...

Nesta altura os germânicos todo-poderosos compreenderam que os ingleses tinham razão. Não tendo sido possível levar a Wehrmacht a Londres no primeiro impulso, a guerra seria longa, seria uma guerra de exaustão. Impunha-se, destarte, uma revisão na estratégia pautada. Os estoques de armamentos, munições, viveres, roupas, combustíveis, acumulados calculadamente pelos planejadores da "guerra relâmpago" não correspondiam às necessidades do novo aspecto da campanha imposta pelos britânicos. A solução se apresentava então muito clara, além de sedutora: era o ataque a Russia.

Quantos proveitos neste golpe! Passaria a Alemanha a ter à sua disposição, em abundância, trigo, rebanhos, petróleo, ferro e muitos outros materiais estratégicos; eliminaria de uma vez por todas aquele encomodo exército, intacto, colocado à sua ilharga; daria aplicação às suas divisões, ociosas desde as operações da França e dos Balcãs, com a vantagem de produzir a maior de todas as brilhaturas, pois o "colosso soviético" seria abatido, não repontava a menor dúvida em Berlim, ao impeto de uma "blitzkrieg" ainda mais fácil que as anteriores, exercitadas no continente.

Esse cálculo suficiente transformou-se em ilusão ótica quando as "pontas de lança" da Wehrmacht começaram a perfurar as linhas soviéticas e aprofundar-se no seu território. Documenta o "ledo engano" alemão o comunicado do dia 19 de setembro de 1941, que resava assim: "Os últimos exércitos russos completos, comandados por Semyon Timoshenko, que defendiam Moscou, estão cercados e devididos em dois; os Exércitos do Sul, do Marechal Budieny, estão derrotados; as 60 ou 70 Divisões do Marechal Voroshilov estão encerradas em Leningrado. Para todos os fins militares — rematava o festivo comunicado — a Russia já não existe".

Seguiu-se a terceira decepção de Hitler. A Russia transgrediu a sua sentença e continuou a existir militarmente; nem Moscou nem

Leningrado cairam; veiu foi o inverno e com ele a primeira reação vantajosa do Exército Vermelho.

No verão seguinte o comando alemão tentou decidir a campanha russa, com um esforço supremo sobre o Volga e o petróleo do Cauca-
so. Aconteceu Stalingrado. Eis a quarta decepção. E a partir desse período as decepções militares dos nazistas vão brotar em profusão. São os desembarques anglo-americanos na África do Norte, é a derrota de Rommel em El Alamein, é o epílogo da campanha africana na Tunísia, o assalto à Sicília, a capitulação da Itália, e ainda por cima o sistemático recalque dos japoneses no Pacífico, após a definitiva neutralização do seu poder ofensivo.

*

* * *

Neste último, 10 de maio, distanciado 4 anos daquele que assinalou o rolar atroante das "panzer" irresistíveis pelos chãos da Bélgica e da Holanda, os dirigentes nazistas certamente balancearam todas as decepções que vieram colecionando nesse prazo, e que podem consubstanciar-se agora numa única, a grande decepção de haverem perdido uma guerra que consideravam ganha. Com efeito, o 10 de maio de 1944 encontrou a Alemanha despojada de qualquer veleidade ofensiva, desacreditada perante os seus antigos submissos satélites, que negociam abertamente com os aliados, surrada pela Russia, com as suas cidades convertidas em ruínas pelo bombardeio sem pausa dos aviões da R.A.F. e da U.S.A.A.F., acuada por trás de territórios hostis, sobre os quais ameaça desabar, a qualquer instante, o peso do poderio militar anglo-americano.

Talvez os artifícies desta guerra cruel e devastadora, que tantos sofrimentos e torpesas espalhou entre os homens, inda alimentem uma derradeira esperança: a de salvarem-se, através de uma paz negociada, se acaso as operações aliadas de invasão sofrerem um desastre substancial, porque isso importaria em recomeçar novos gigantescos preparativos e, portanto, em afastar indefinidamente o termo da guerra. Então as repercussões internas na Inglaterra e nos Estados Unidos seriam violentíssimas, e seguramente criar-se-ia um terreno favorável às manobras diplomáticas.

Mas a invasão virá, não por sem dúvida isenta dos naturais percalços de toda operação militar dessa natureza — uma surpresa aqui, uma dificuldade maior ali, um sucesso limitado num ponto, um tropeço sério mais alem — mas se desenvolverá esmagadoramente no conjunto, e será essa a decepção final daqueles que tendo chegado à beira da Mancha em junho de 1940 julgaram-se os senhores indiscutíveis do mundo...

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota	5,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Corrêa (*)	6,00
Caderneta de Ordens e Partes	11,00
Caderneta de Ordens e Partes (blocos)	3,00
Caderneta de Campanha do Cap. — Cap. Nelson Boiteux	13,00
Comandar — Major Niso Viana Montezuma	7,00
Concepção do Vitória entre os Q. Generais — Capitão F. Mindelo	21,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544 a 1938 — Major Benito Lisboa	13,00
Contribuição da Guerra Brasil B. Ayres — Gen. Bertoldo Klinger (*)	13,00
Código de Justiça Militar — Ten. Cel. José Faustino da Silva	27,00
Dispersão do Tiro — Ten. Cel. Arnaldo Morgado da Hora	12,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga	8,00
Educação Física Militar — Maj. Gutemberg Ayres de Miranda	10,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos	3,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

loff

VITAMINAS E DEFESA NACIONAL

(Copyright do Serv. Tec. de Alimentação Nacional)

Nada mais útil a um país do que a aplicação, diante da guerra, das vitaminas como fator básico da defesa nacional. A mobilização dos povos em conflito tem por alicerce dois princípios importantíssimos: — a aptidão física e mental dos seus jovens; a capacidade de resistência dos seus exércitos em face das vicissitudes das frentes de combate.

Uma prepára a outra, ou melhor se completam ambas num único nível de utilidade bélica: — a robustez dos homens que defendem as suas bandeiras.

Robustez é boa nutrição. Esta depende da variedade e da qualidade dos alimentos. E estes, por fim, para uma integração satisfatória no organismo, precisam dos fatores bioquímicos a que se chamou de vitaminas.

As grandes massas que, no conflito atual, se têm deslocado de continente para continente, levam, em cada soldado, seja infante, marinheiro, aviador ou paraquequista, uma reserva organizada e ótima de vitaminas.

As diversas funções da guerra exigem diferentes estímulos dos sistemas e aparelhos do corpo humano, a cargo de varias vitaminas já estudadas pela ciência moderna.

Essas substâncias vitais podem ser administradas na própria alimentação específica, rigorosamente controlada pela medicina, ou em caráter supletivo sob a forma de comprimidos que, preparados e embalados, servem de ração garantidora da resistência do militar.

Sabemos, por exemplo, que a vitamina A é um magnífico estimulante da função visual, evitando doenças como a hemeralopia, que é a moléstia que diminui ou anula o poder de enxergar na obscuridade. Não é preciso assinalar da importância dessa vitamina para os marinheiros e aviadores que, em patrulha noturna, são obrigados a pesadas vigilâncias contra os submarinos e os objetivos de bombardeamento.

deio, quasi imperceptíveis a quem possuir qualquer deficiência do órgão visual.

Além disso essa vitamina fortalece notavelmente a resistência às infecções, o que representa uma vantagem incalculável para os exércitos ou as armadas, diminuindo as baixas aos hospitais com extraordinária economia para os serviços de retaguarda. O aparelho respiratório é um dos mais afetados com as longas marchas, a sujeição às intempéries, o desconforto das trincheiras ou dos conveses.

Nos exames médicos selecionadores dos candidatos à guerra, tem sido assinalada uma enorme pobreza dentária, revelada em cáries, em atrofias, em fragilidade dos dentes. No exército americano a rejeição por êsses fatores têm sido vultosas.

Sendo fracos os dentes, se-lo-á também o esqueleto, quasi sempre batido pela sub-nutrição da infância, o que revela uma juventude incapaz dos formidáveis esforços exigidos pela guerra, já no transporte dos equipamentos, já nos choques corpo a corpo com o inimigo. A vitamina D preside ao desenvolvimento dos ossos e dos dentes, sendo necessária a sua administração profunda na infância afim de preparar os moços rios que comporão as defesas da pátria.

As aglomerações humanas requerem cuidado especial quanto ao escorbuto, que é uma doença devida à falta de vitamina C.

As esquadras de certos países sofreram baixas assombrosas por essa avitaminose, facilmente debelada com a ingestão dos sucos cítricos, especialmente o do limão.

A fádiga e o esforço muscular violento a que estão sujeitos os militares de quaisquer espécie, dada a extrema mobilidade e bruteza dos combates atuais, requerem a proteção de quantidades racionais de vitamina B, tão urgente em situações que tais.

Os marujos e aviadores que lutam na escuridão, os infantes e os tanquistas que suportam caminhadas imensas e pressões esmagadoras, os sapadores que carregam pesos colossais, os oficiais que necessitam de agilidade mental para resolver problemas táticos urgentes, os sentinelas que resistem a situações incomodas durante horas infinidas, todos precisam de doses maciças de vitaminas A, B, C e D, sem as quais failão irremediavelmente nos seus objetivos.

Nos hospitais militares, onde as feridas de guerra são dilacerantes e perigosíssimas, já não bastam só as transfusões ou as suturas oportunas. A coagulação do sangue merece cuidados sérios e é sabido que a vitamina K desempenha um importante papel neste mecanismo.

A moléstia comum nos abrigos estratégicos, chamada de "boqueira das trincheiras", vulgar na guerra passada, é combatida com sucesso pela ingestão de ácido nicotínico, essa admirável defensora dos tecidos

e especialmente da pele. As vitaminas são, pois, elementos de primeira plana na luta contra o inimigo comum. São a base das ofensivas. Até 1929 a Rússia não possuía nenhum estabelecimento que estudasse o assunto. Hoje é um dos vanguardeiros na ciência das vitaminas. E a vitalidade do seu exército prova isso, com sobras de razões.

Guardar uma nação é antes de tudo preparar os seus homens. E a robustez dos jovens depende sobretudo do equilíbrio vitaminico do seu organismo. A Campanha das Vitaminas para o Povo, organizada pelo Serviço Técnico da Alimentação Nacional, visa divulgar quer entre as classes populares como entre os responsáveis pelo destino do Brasil, essa mentalidade moderna que garante, com a resistência física e mental dos seus filhos, uma barreira capaz de opôr com a força dos seus soldados uma muralha ante os ímpetos dos agressores, já avisados nesses segredos alimentares e energéticos.

Vitaminizar amplamente a Nação, é o primeiro passo para a garantia do seu território e do respeito à sua soberania. A Defesa Nacional efetiva é um tema científico e alimentar. As Vitaminas empregarão aos nossos soldados do ar, de terra e do mar, a potencialidade que os fará maiores na luta pela democracia e pela liberdade dos direitos do Homem.



Atlantic

GASOLINA • MOTOR OIL • LUBRIFICAÇÃO

O Açucar nas Linhas de Batalha

*TANTO QUANTO DE CARNE, OS SOLDADOS
PRECISAM DE SUA RAÇÃO DE AÇUCAR
PARA O CHA' OU CAFE' SEMPRE OPORTUNO*

Alimento indispensavel, o açucar é um rei que não perde, jamais, o seu prestígio. Na paz ou na guerra, ninguem sem ele passa. Todos o desejam e todos lhe querem bem. E' ele que nos dá o bolo delicioso, a torta desejada, o creme, o chocolate bem temperado, o sorvete e, principalmente, o café e o chá, os quais, sem açucar, só dizem bem a raros paladares.

Por isso, se as donas de casa não dispensam o seu açucar, indo busca-lo ao fornecedor com mais entusiasmo que aquele dedicado á própria carne, — tambem o soldado que luta lá longe, na linha de frente, seja na Itália, no Pacifico, nos Balkans ou no solo russo, não dispensa a ração do precioso alimento, que é uma especie de alicerce de muitos outros...

Assim, pois, claro como neve e doce como ele proprio, o açucar é um dos valetes dessa guerra. E vale que ele não tem faltado com sua contribuição ao esforço de soldados e civís. Quer na retaguarda, quer nas linhas de combate, o açucar está presente, em quantidade, servindo a todos. E' ele que concorre para que o bolo servido aos soldados seja realmente saboroso. E' ele que se irmana ao chá e ao café, aqui e acolá, para que o herói, num entre-áto de batalha, sinta um prazer delicioso sorvendo alguns góles da bebida predileta. E' ele, o Açucar, que ocupa lugar destacado em todo serviço de abastecimento porque, verdadeiramente, é indispensável...

O Brasil, felizmente, possue bastante açucar para atender sua população civil, seus soldados e para servir, até, seus irmãos nesta luta de vida e morte contra o inimigo supremo de todas as liberdades humanas.

Neste pedaço da grande e livre América , ás suas familias e aos seus bravos e glóriosos soldados, jamais faltará esse grande alimento tão precioso na paz como na guerra: O Açucar!

A sabedoria e o patriotismo de um administrador

Em permanente contato com os prefeitos municipais, o Interventor Fernando Costa acompanha a vida e progresso de todos os pedaços da terra bandeirante.

A administração do sr. Fernando Costa à frente do governo paulista carateriza-se, principalmente, pela harmonia que ele secula emprestar ao andamento da grande e poderosa máquina que é o Estado de São Paulo com todos os seus prospe-
cidos pulosos municípios. Colocando à testa de cada parti-
cula de Piratininga um bom dirigente, identificado com os pro-
blemas locais e dispondo de indiscutível prestígio junto ao povo
e às classes conservadoras, conseguiu o ilustre chefe do Executivo pau lista colocar toda a vida do Estado em um ritmo realizadora que surpreende e emociona ao mais superficial dos ob-
servadores da realidade bandeirante.

Audiências semanais aos prefeitos

Para estabelecerem contatos permanentes com a marcha dos trabalhos e reabilitações de cada município, o Interventor Fernando Costa estabeleceu o louvabilíssimo critério de receber, todas as semanas, em audiência, os prefeitos do interior que tenham exposições a fazer e fatos a expôr á pessoa do chefe do governo estadual. É um processo de governar eminentemente democrático e, acima de tudo prático, racional e preciso. Assim, nenhum trabalho sofrerá hiatos à falta de conselho, autorização ou colaboração do dinâmico homem público que o Presidente Getúlio Vargas colocou um dia, em momento de feliz inspiração, no governo do Estado bandeirante.

Ao par de todos os assuntos

Recebendo os chefes das administrações municipais, fica o Sr. Interventor Federal, em primeiro lugar, ao par dos nômimos problemas existentes mesmo nos mais longínquos rinhões do Estado, e pode, sem perda de tempo, e sem complicar as coisas, auxiliar os municípios, na medida de suas possibilidades, a resolver as questões mais problemáticas dessas entrevistas: a uniformidade de ação das diferentes prefeituras nos trabalhos de objetivo comum, graças à orientação que recebem os prefeitos, diretamente, do Dr. Fernando Costa.

As informações que o Sr. Interventor Federal vêem recebendo dos prefeitos nessas reuniões são das mais animadoras. Revelam que o Estado de São Paulo está atravessando uma fase de grande prosperidade e que, apesar das circunstâncias de guerra, eleva-se por toda a paisagem de vida das populações, graças ao extraordinário aumento de nossa produção agrícola e industrial e à elevação dos salários dos trabalhadores.

Um exemplo do enriquecimento extraordinário de São Paulo

Um dos melhores exemplos do enriquecimento é oferecido pelo município de Americana, cujo dirigente do Estado Dr. Castro Gonçalves, teve oportunidade, de no prefeito, dados curiosíssimos ao Sr. Interventor Federal. Trata-se de um dos menores municípios paulistas, pois sua superfície não vai além de 180 quilometros quadrados, orçando em cerca de 18.000 almas a sua população. Entretanto, é o segundo município do Estado, suplantado apenas por Santo André no que diz respeito a contribuição "per capita" nas arrecadações federais e estaduais. A arrecadação federal e estadual elevou-se em Americana, no último exercício, a 10 milhões de cruzeiros. A sua contribuição, só para as rendas federais, foi de mais de 197 cruzeiros "per capita".

Convidado a visitar esse município, o Sr. Interventor pronunciou-se a lá ir dentro em breve, afim de inaugurar vários melhoramentos ultimamente empreendidos pela administração municipal. E manifestou especial interesse pelo desenvolvimento das grandes e pequenas industrias daquela cidade. No que se refere às pequenas industrias, Americana apresenta aspecto "sui generis" em S. Paulo e é nesse sentido uma das mais interessantes cidades paulistas. As pequenas fábricas e oficinas são em grande numero, e a propria indústria caseira está tomando animador incremento. A indústria de fiação e tecelagem de seda, sobretudo, está se disseminando rapidamente, e já ali, existem 36 fabricas de 20 a 40 teares cada uma.

O pequeno e riquíssimo município oferece, pois, como o denunciam as cifras um exemplo eloquente da operosidade do povo paulista, do surto extraordinário que, nos mais recônditos pedaços da gleba de Piratininga, toma a indústria. As rendas de Americana são, em síntese, um espelho fiel do muito que vai de labor produtivo e de iniciativas felizes no Estado governado superiormente pelo sr. Fernando Costa.

Tambem Presidente Prudente

Não nos podemos furtar ao desejo de mencionar outro pedaço de terra paulista onde o progresso caminha a passos largos. Trata-se do município de Presidente Prudente, longínquo e laborioso rincão, cujo prefeito, Sr. Domingos Leonardo Ceravolo, informou ao Sr. Interventor Federal que a população daquele município, ainda há poucos anos de 80 mil almas, já é orçada presentemente em 130 mil.

A administração desse município, observando o critério do proprio governo do Dr. Fernando Costa, de economizar no que diz respeito às obras suntuárias, afim de poder atacar com mais largueza os serviços inadiáveis, atravessa um período de perfeito equilíbrio orçamentário. O pagamento de seus empréstimos está perfeitamente em dia e sua dívida flutuante, que era

há poucos anos de muito mais de 3 milhões de cruzeiros, está hoje reduzida a 400 mil.

Apesar dessa economia, a administração municipal fundou, instalou e mantém em funcionamento, nestes últimos seis anos, 42 escolas municipais, organizadas todas de acordo com a Delegacia Regional do Estado. Seus 300 quilometros de estradas de rodagem estão perfeitamente conservados, e os trechos estragados na última estação chuvosa já se acham em franca reparação.

O progresso da agricultura é alí digno de nota. Trata-se de um município eminentemente policultor, ascendendo a vinte e dois os seus produtos de exportação. A estação de Presidente Prudente é a de maior renda da Sorocabana, depois da estação da Barra Funda, nesta capital, e isso demonstra a quantidade de produtos que exporta. Há pouco tempo teve início ali uma nova cultura, a de hortelã; iniciando-se com uma plantação de 13 alqueires, já abrange, atualmente, 800 alqueires, o que torna Presidente Prudente o maior município produtor de menta em toda a America do Sul.

A sericicultura figura também entre as novas e florescentes riquezas daquele município. No último ano, a Prefeitura Municipal auxiliou o plantio de mais de dois milhões de amoreiras, e está para ser inaugurada, na cidade, sua primeira fábrica de tecidos de seda.

Um grande e nobre programa em marcha

Como é facil concluir, através a eloquência muda desses informes e dessas cifras, é o grande e salutar programa traçado pelo esclarecido Interventor Fernando Costa que se concretiza, com brilho e sabedoria. Os prefeitos, seguindo-lhe fielmente as instruções, aceleram o incremento industrial das regiões entregues a seu governo e tornar, palavra de ordem a prática da policultura. E assim São Paulo agiganta-se, alteia-se, enriquecendo e honrando o nome do Brasil.

REVISTAS EM REVISTA

DA REVISTA DE INFANTARIA DA ESCUELA DE INFANTARIA
DEL GEN. SAN MARTIN (CHILE) — LA INFANTARIA AÉREA
— Pelo Cap. Jorge Varela R.

Interessantíssimo pela oportunidade, pela soma de informações e pelo excelente método com que expõe, é o trabalho de autoria do Cap. Jorge Varela R. sobre a Infantaria aérea.

Para melhor compreensão do tema o autor estabelece uma divisão geral da Infantaria; Infantaria Terrestre, compreendendo a Infantaria Motorizada, a Transportada, a Pedestre; e Infantaria Aérea constituída pelos paraquedistas e pela Infantaria transportada pelo ar ou de desembarque aéreo.

Naturalmente que essa classificação é muito discutível, sobretudo na subdivisão que distingue Infantaria Motorizada e Transportada, sem fazer menção da Infantaria Mecânica. Pelo que toca à Infantaria Aérea a distinção entre os paraquedistas e a tropa de desembarque aéreo é perfeitamente justa e necessária. A objeção a fazer refere-se ao batismo de Infantaria Aérea. Ai haverá uma questão substancial. Constituirão realmente esses novos combatentes um desdobramento da Arma de Infantaria? Sobretudo os paraquedistas não fugirão por completo, pelas suas missões e pelos seus métodos ordinários de ação às características da Infantaria? Entre nós já foi ventilada essa questão num interessante estudo, publicado, aliás, nas nossas páginas de A Defesa Nacional, e que fazia uma fundamentada aproximação do paraquedismo com a Cavalaria.

Porém, o que importa essencialmente, a nosso ver, é a existência dos novos combatentes que veem pelo ar. Na verdade são tropas especialíssimas. E enquanto não se fixa se legitimamente devem ser filiadas à Infantaria ou à Cavalaria, tratemos de conhecer, através do Cap. Varela, o que há de mais importante sobre a sua organização e preparação técnica.

Como muito bem acentua o articulista, as tropas paraquedistas pertencem a organizações especiais, de recente emprego na guerra atual. São formações que devem receber uma instrução toda peculiar, ao passo que já a Infantaria transportada pelo ar não é mais que a Infantaria comum, isto é, uma parte da massa desta Infantaria, que aproveita o avião como meio de transporte. O único problema que se apresenta

para essas tropas, do ponto de vista aéreo, é o trajéto pelo ar e bo aterrissage das máquinas, para seu posterior e normal emprego. Contudo, existem intimas relações no emprego dos paraquedistas e da Infantaria aéro-transportada, e é que os primeiros atuam sempre como Vg. da segunda, representando a Infantaria Aéro-transportada o grosso das tropas que operam pelo ar.

Essas considerações, vale a pena assinalar, envolvem a questão jáposta da filiação das tropas paraquedistas à arma de Infantaria. Mas não nos desviemos do que importa. Acompanhemos o articulista, que agora estudará as tropas paraquedistas em todos os seus aspectos: organização, instrução, armamento, preparação e execução dos transportes, missões principais.

Organização — Considerando que as tropas paraquedistas até o momento tem tido um emprego reduzido, que ainda não foram levadas a aplicações que informem sobre as suas possibilidades numa esfera mais ampla, a tendência é que estejam organizadas em unidades relativamente pequenas, mas de grande rapidez de ação e faceis de manejjar no terreno. Nos Estados Unidos, por exemplo, a unidade basica é o batalhão, é constituído por um Estado Maior, 3 Cias. de Fuz. e 1 Cia. de Armas pesadas; o Pel. de Fuz. compõe-se de 3 Esquadras de Fuz. e 1 Esquadra de F. A.; os Pelotões da Cia. de Armas pesadas consta de 2 Secções de Metr. Leves. Três Batalhões formam um Destacamento.

Instrução — O recrutamento de paraquedista é feito sob rigorosa seleção, geralmente entre oficiais, graduados e soldados de elite, e ainda com a condição de que sejam voluntários.

O exame de saude é ainda mais exigente do que se se tratasse de futuros aviadores; sobretudo no que toca ao coração e ao sistema nervoso.

O futuro paraquedista deve ser solteiro, ter entre 18 e 28 anos de idade, e é importante que nas suas atividades anteriores tenha praticado esportes em profusão. Deve tambem mentalmente estar acima do nível medio e satisfazer testes psicológicos relativos às suas reações motoras, isto é, sua capacidade de transformar em ação instantanea uma rápida apreciação da situação.

Uma vez selecionado o futuro paraquedista fica submetido a um regime bastante severo, abstendo-se de qualquer excitante e de excessos de qualquer natureza.

Quanto a conhecimentos militares, a primeira fase da sua instrução resume-se no manejo das armas, leitura de cartas, emprego de explosivos de destruição.

O esforço inicial maior recai na preparação física. Esta comprehende duas partes: preparação com ginastica aplicada e treinamento técnico.

A preparação com ginástica aplicada consta de acrobacias, saltos mortais, arrastamentos, suspensão, enfim uma série de exercícios que capacitem o soldado manejar e dominar o paraquedas, com suas 28 ou mais cordas, durante a aterrissage. Cada sessão dessas termina sempre com uma marcha através campo.

O treinamento técnico começa com saltos de um avião pousado. Depois veem os saltos de torres especiais, destinados a familiarizar o sistema nervoso com a ultima parte da descida e com a aterrissage. O aluno salta umas 30 vezes do alto da torre, até que elimine todos os seus temores e adquira uma boa posição do campo durante a descida.

A essa parte da instrução segue-se a familiarização do aluno com a vida no ar, isto é, dá-se-lhe um certo numero de horas de vôo, em diferentes modelos de aviões.

O primeiro salto vem após essa fase, cercado de mil precauções, a começar pela abertura automática do paraquedas, por meio de um cabo unido ao avião. Com a marcha da instrução o instrutor ajudará quando o aluno pode saltar sem a intervenção do cabo.

O salto de paraquedas é dado mediante ordem, estando o avião a uma altura de 300 a 500 metros e com a velocidade previamente reduzida. O soldado lançar-se-á com o busto para a frente, mas evitárá que o corpo fique na horizontal.

Com a continuação, o paraquedista ensaiará saltos com abertura retardada, muito importantes porque diminuem o tempo de permanência no ar. O tempo de retardo pode ser de 3 a 10 segundos, e o corpo adquire uma velocidade de 45 a 50 metros por segundo, de sorte que ao abrir-se o paraquedas produz-se um choque violento. Sob a ação do paraquedas a velocidade de descida é de 5 a 6 metros por segundo.

E' importante saber comandar o paraquedas, assim de evitar a aterrissage em lugares perigosos (rios, matas, cabos elétricos, casas) e poder aumentar a sua velocidade de descida.

Ao treinamento individual segue-se a instrução coletiva, geralmente à base da Esquadra ou Seção. Essa parte da instrução visa obter o maxímo de rapidez no abandonar o avião por certo numero de homens e na aterrissage em espaço restrito, de forma a facilitar a reunião e entrada em ação no menor tempo possível. Uma esquadra (12 homens) pode evacuar um avião em 10 segundos.

Armamento — Ha que distinguir o conduzido pelo proprio soldado e o lançado separadamente em paraquedas.

O armamento conduzido pelo soldado no salto pode ser fusil metralhadora, pistola metralhadora, revólver. As armas e a munição são colocadas em uma bolsa de couro. Um cabo de 6 metros, alojado en-

um estojo especial, prende a bolsa ao cinturão do paraquedas. Um 50 metros antes de tocar o solo o paraquedista solta a bolsa do armamento, que fica então pendurada pelo cabo de 6 metros e assim essa carga pesada atinge o solo antes do homem, sem perigo de machucá-lo.

O armamento lançado isoladamente compreende, além de armamento leve, morteiros de 60 mm., pequenos canhões anti-tanques, bicicletas e motocicletas.

Missões principais — Podem agrupar-se sob os seguintes títulos: destruição de instalações importantes do terreno, ocupação de pontos importantes, missões em combinação com a infantaria transportada pelo ar, perseguição, reforço, desembarque de espiões.

A destruição de instalações importantes (pontes, linhas telefônicas, depósitos) requer apenas um pequeno número de homens, 6 a 10, pois o principal é agir de surpresa. Empregam-se sapadores. Seu armamento se reduz ao essencial à defesa pessoal, posto que essas tropas não buscarão o combate. Devem conduzir um equipamento de rádio, e falar o idioma do inimigo. A operação se executa geralmente à noite, utilizando paraquedas de cor neutra. O regresso dessas tropas é muito difícil, e faz-se por meio de aviões que pousam rapidamente em terrenos previamente combinados ou com o auxílio de agentes secretos.

A ocupação de pontos importantes (entrancamentos, pontes, passos) é uma operação de grandes resultados, mas muito delicada. Exige minuciosa preparação. O número de paraquedistas empregados depende da importância do setor a defender e das possibilidades de ataque do inimigo. De qualquer forma as posições ocupadas só poderão manter-se por tempo determinado.

As missões em combinação com a Infantaria transportada pelo ar consistem essencialmente em tomar posse de aeródromos ou zonas de terreno que sejam favoráveis ao pouso de aviões de transporte. Dessa forma, sendo certo que é preciso dominar fortes defesas do inimigo, os paraquedistas levam poderoso armamento automático e granadas. Também conduzem sapadores que façam as destruições úteis à defesa da zona ocupada, bem como pessoal de transmissões, com equipamento de rádio. Também levam elementos para socorro médico.

Na perseguição os paraquedistas podem ser muito úteis, como elementos perturbadores de uma retirada.

Como reforço atenderão com presteza em algum ponto crítico ou ajudarão elementos cercados.

O desembarque de espiões é vantajoso e muitas vezes o único recurso possível.

Sobre o emprego dos paraquedistas estabelece finalmente o articulista os seguintes principios gerais:

- 1 — *Na maior parte dos casos será necessário que aquele que emprega tropas paraquedistas possua o domínio do ar, com o objeto de facilitar o transporte e apoiar as ações terrestres dessas tropas.*
 - 2 — *E' especialmente favorável o emprego em regiões pouco povoadas e que tenha uma rede de comunicações precária.*
 - 3 — *A limitação lógica na questão de remuniciamento e abastecimento em geral, faz que os paraquedistas sejam especialmente aptos a cumprir ações ofensivas ou curtas ações defensivas.*
 - 4 — *A ação mais eficaz dos paraquedistas se desenvolve em combinação com a Infantaria transportada pelo ar.*
-

Publicações recebidas:

A DEFESA NACIONAL recebeu, no período de 20 de abril à 20 de maio de 1944, as seguintes publicações:

- 1 — El Mauser — n.º 111-112 — Dezembro de 1943 e Janeiro e Fevereiro de 1944 — Cuba.
- 2 — O Observador Econômico e Financeiro — n.º 99 Abril de 1944 — Rio.
- 3 — Revista Militar Del Perú — n.º 12 e 13 — Dezembro e Janeiro de 1944 — Lima.
- 4 — Tradição — n.º 39 e 40 — Março de 1944 — Rio.
- 5 — Revista Militar — n.º 2 — Fevereiro de 1944 — Argentina.
- 7 — Nação Armada — n.º 53 — Abril de 1944 — Rio.
- 6 — Nação Armada — n.º 54 — Maio de 1944 — Rio.
- 8 — Cruz Vermelha Brasileira — Março de 1944 — Rio.
- 9 — Visão Brasileira — n.º 69 — Março de 1944 — Rio.
- 10 — Relatório Geral da Diretoria Serviço da Defesa Civil.

Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões

Pelo Ten. Cel Alexandre José Gomes da Silva Chaves

Um livro INDISPENSÁVEL aos alunos das Escolas, Centro e Núcleos de formação de oficiais, e um memento ÚTIL aos comandantes de pequenas unidades de infantaria.

Publicação autorizada pelo Estado Maior do Exército nos seguintes termos :

PUBLICAÇÃO DE TRABALHO — AUTORIZAÇÃO (POR ESTA CHEFIA)

I — Autorizo a publicação do livro “Tática de Infantaria nos pequenos escalões”, de autoria do Tenente-Coronel Alexandre José Gomes da Silva Chaves.

O Estado-Maior do Exército é de parecer que se trata de um trabalho meticoloso, de grande valor didático, indispensável aos cadetes e oficiais subalternos de infantaria, e de grande utilidade aos oficiais das demais armas que queiram conhecer perfeitamente as possibilidades e servidões de Infantaria.

II — Em seu prefácio, elaborado pelo Coronel RENATO BATISTA NUNES, se louvou também este Estado-Maior para autorizar a publicação do trabalho do Tenente-Coronel ALEXANDRE CHAVES, ainda oportuna e como contribuição a uma justa homenagem ao autor, oficial de escol, sobejamente conhecido no Exército e onde o seu prematuro desaparecimento deixou sensível lacuna.

Bol. int. do E.M.E. n. 242, de 17-XII-943 págs. 1776/77).

O preço excepcionalmente modesto desta publicação representa um esforço da Cooperativa Militar Editora de Cultura Intelectual “A Defesa Nacional”, no sentido de facilitar a divulgação dessa obra, posta assim ao alcance de todos.

Preço de um exemplar : Cr\$ 16,00

Descontos :

Mais de 20 exemplares: 20 %

Mais de 30 exemplares: 30 %

Remessa contra vale postal e por Reembolso Postal.

Pedidos à Cooperativa Militar Editora “A Defesa Nacional” — Caixa Postal 32 — Ministério da Guerra — Rio.

LIVROS NOVOS

ROTEIRO DO TOCANTINS. — LISIAS RODRIGUES — Livraria José Olimpio — 1943.

Concluiremos agora a nossa apreciação ao *ROTEIRO DO TOCANTINS*.

Os costumes regionais estão fixados através de curiosas informações.

Um bota-fóra em Palma é típico, documentando a efusão da gente local, mas também um certo formalismo, que não deixa de ser surpreendente quando se reflete que a cidade desterrada, sem contacto prático com os centros adiantados, "é constituída por meia duzia de ruas pequenas, de casas de alvenaria de tijolos, esparsas entre vastos quintais cheios de árvores frutíferas". Pois bem, foi em Palma que, descreve o autor, "já estávamos a 5 metros da margem, quando sem que ninguém desse ordem a canoa parou. Nesse instante o Cel. Custodio abriu o verbo, saudando-nos e despedindo de nós em nome do povo de Palma".

Oposto a esse costume formalístico exercitado em Palma é o modo de recepção, de uso em Cavalcanti: "Pela estrada batida e poeirenta, escaldando com o sol que fazia, entramos em Cavalcanti ao som de um tiroteio intenso. É hábito local, qualquer viajante, ou morador, em aqui chegando, disparar suas armas como sinal de regozijo, por ter chegado são e salvo; todos os moradores locais respondem a esses tiros com muitos outros".

As refeições são feitas, muitas vezes, diante de numerosos assistentes, "habito velho no sertão", e aliás rigorosamente idêntico no sistema civilizado de assistir aos banquetes.

O horário das refeições em vigor em todo aquele sertão é o seguinte: "almoço às 10 horas e jantar às 4 horas da tarde". Não chegamos a espantar-nos, porque conhecemos outros horários mais curiosos. No interior nordestino usava-se almoçar às 8, jantar às 14 e ceiar às 17 horas. Nessas regiões a vida ativa começa e termina com o sol.

"Na maioria dos casos, a mulher é quem trabalha aqui; talvez adoção do costume dos índios", sugere com fundamento o Cel. Lisias.

Curioso o cumprimento das moças entre si, que em vez de beijarem-se no rosto, beijam-se reciprocamente as mãos. "Donde virá esse costume? Qual a causa?" — indaga o autor e não o responde. Ficamos com pena que não tenha podido investigar.

De Marabá, um mais extraordinários fenômenos de geografia humana do Brasil, temos essa espantosa informação correspondente ao ano de 1931: "Aqui ainda se vê um individuo publicamente amasiado com a mulher de outro, vivendo os três em comum. Todos aceitam isso como natural, e acham ser o resultado lógico da falta de mulheres nesse sertão."

As notas sobre o linguajar regional são escassas, porém interessantes. *Carubas* são perebas; "uma espécie de samba, entremeado com sapateados, quando o homem e a mulher dansam sozinhos, lado a lado, fazendo vira voltas para um lado e outro, sempre variando o sapateado ao compasso da música" chama-se *catira*; *tomar arquitetura* é uma expressão deliciosa que o Cel. Lisias esclarece como querendo dizer "tomar nota do lugar da postura da tartaruga", mas ficamos em dúvida se o sentido é apenas esse restrito ou se a expressão tem aplicação geral; *gorgulhos* são pedras submersas no rio; os meninos recebem o nome de *bozeina*, termo que existe no Nordeste mas com outro significado.

Recolheu o autor algumas lendas locais, e reproduzi-las com louvável fidelidade; uma pena que não faça o mesmo com a "lenda de Marabá", a que simplesmente faz referência.

Em face das riquezas da região do Tocantins, tão faladas, tão propícias ao franco exercício do "ufanismo", o Cel. Lisias tem uma atitude essencialmente inteligente: limita-se a colecionar as faustosas informações que lhe vão ministrando.

Eis algumas dessas informações. Do tabelião de Cacalcanti:

"Falou-nos das jazidas de malacacheta, turmalinas, salitre, grês, níquel, enxofre, das montanhas de ferro, dos rios d'amantíferos e auríferos, enfim, de toda a riqueza imensa que aqui jaz inexplorada e em abundância! Antes de partirmos entregou-nos uma relação escrita de todas as minas descobertas, ali, que somam um total de 33, todas de espécies diferentes!"

Porto Nacional não fica atrás. "Conta o Cel. Uldarico que duas velhas, em um mês, catando nas sargentas das ruas e no próprio quintal, juntaram 80 oitavos de ouro, isto é, cerca de 250 gramas. Outro dia, um camarada vinha da fazenda a cavalo; viu brilar no chão uma coisá, apeou, e está aqui ela: uma pepita de ouro de 30 gramas". No município de Porto Nacional existem jazidas de fosforo, enxofre, malacacheta preta, cobre, cristal, chumbo, etc. O que falta é transporte e exploração comercial".

Ainda sobre as riquezas de Porto Nacional discorreu Frei Fourrier, que está no Brasil há 30 anos e conhece Goiás "palmo a palmo, por tê-lo percorrido a cavalo e de canoa". Sabemos por ele que um mineral trazido por um caboclo do rio do Peixe apresentava um teor

em níquel de 93 %, e que com o ferreiro de Posse não se dá ao trabalho de mandar buscar ferro para as suas necessidades. Vai ao quintal, apanha uma pedra do solo, mineral muito bom, leva-o ao fogo, e em pouco está pronta a peça que precisa". Sobre a feracidade da terra "relata que no leilão feito na igreja na ultima festa, foi vendido um inhame pesando 74 quilos".

De Carolina, cidade maranhense, à beira de Tocantins, recebemos alguns informes surpreendentes, cuja confirmação teria uma enorme importância para o desenvolvimento daquela região: "junto ao rio Sereno, ninguém compra querozene para as candeias, que é apanhado sobrenadando no rio em quantidade". Adianta-se, ainda, que há carvão junto ao rio Farinha". Infelizmente, logo páginas à frente, o próprio autor transmite novas notícias que, de certo modo, arrefecem as nossas esperanças em torno do petróleo do rio Sereno. Segundo outro informante, o Frei Lourenço, o que existe lá são "poços de betume, que queimam com facilidade".

Duas notícias, uma sobre os sírios e outra sobre um pastor protestante, merecem especial atenção. Dos sírios diz o Cel. Lisias: "Os sírios que aqui chegaram (a Cavalcanti), lhe deram nova vida. E' curioso observar-se como adquirem eles o hábito de falar o português bem, assimilando também os mais comezinhas costumes sertanejos". Quanto ao pastor protestante, é o americano Mr. Franklin, "que vive percorrendo o sertão constantemente, levando na sua comitiva um harmonium, um médico, remédios, recursos alimentares, que distribue amplamente, às vezes dando até dinheiro aos mais necessitados".

O canoero do Tocantins, tão típico, e sobretudo tão importante na vida daquela região, comparece muito parcimoniosamente nas páginas de *Roteiro do Tocantins*. Contudo, há observações preciosas, como a que se segue: "os canoeiros, como só têm a roupa do corpo, ao ameaçar chuva ficam nus e apanham-na assim, como os índios, seus prováveis ancestrais".

Em verdade, porém, a escassez de informações dessa categoria deriva de que o autor concede pouco apreço ao documento humano. O seu "diário" registrou com minúcia os incidentes e os nomes de cada dia, mas raramente deu agasalho a aquilo que constitui o retrato da alma popular, e que a tantos se afigura futilidade... E' por isso que quando "Minervino, um negro pernóstico, que era o cantadô", improvisa "muitos versos a nosso respeito", fica-se sabendo apenas que os versos muito "divertiram pelo espírito neles contido" e que o cantador foi remunerado com 5\$000. Depois, na hora de distribuir o restilho, cada um cantou um verso para receber o seu trago: "Foi um sucesso! Apareceram improvisos adoráveis! O melhor de todos foi um agradecimento da bebida dada, com referência a cada um dos três da comitiva". E

é tudo que nos diz *Roteiro do Tocantins. Sucesso, improvisos adoraveis* — são exclamações que só exprimem o regalo do autor. O leitor interessado pelo Tocantins no que ele tem de característico, guloso de informações originais sobre tudo que diga com a terra e o homem, sente-se roubado. Quisera os versos, pelos menos alguns. Com esse conhecimento muitas coisas se podem pesquisar. Mas que adianta sabê-los *adoraveis*?

Assinale-se, por fim, em abono do autor, que ele alem de não ter deslumbrado com as riquezas reais e imaginarias da região que perlustrou, tambem não formulou soluções misionicas para os seus problemas, como o fazem, pontualmente os visitantes que se julgam pejados de responsabilidades cívico-administrativass... Só uma vez o pilhamos arriscando uma sugestãozinha, que aliás pôde ser considerada irresistivel, tão natural, tão logica se insinua: é quando, a propósito das dificuldades de navegação do Tocantins, é lembrada "a dinamitação das pedras dos canais, abrindo passagem franca e livre em qualquer sentido". Não será, em todo caso, tão facil o problema das corredeiras. Vem de muito longe, e os técnicos não desmentem, a noção de que as corredeiras funcionam como diques naturais que represam as aguas no leito do rio; sem esses obstaculos escalonados a trechos do curso fluvial a massa liquida se escoaria velozmente e aí é que não haveria volume dagua suficiente à navegação. Sem duvida pode-se beneficiar o rio — remover trancos caídos, limpar os canais, balizá-los — mas a solução definitiva da navegabilidade é uma questão técnica complicada, talvez envolvendo a construção de diques reguladores do nível das aguas. E haverá certamente passagens irremediavelmente vedadas ao transito de barcos de tonelagem comercial, impondo-se o transbordo por uma via terrestre paralela, como já foi projetado no trecho das famosas cachoeiras de Itaboca.

Mas, seja como fôr, o Tocantins está aí desafiando a nossa capacidade. Até agora só o caboclo tem lutado com ele, mas é a luta tipica do caboclo, feita unicamente de astucia e tenacidade. A conquista do rio para a civilização está por começar. Dessa forma colocamos francamente ao lado Cel. Lisias Rodrigues quando propugna pela criação do territorio federal do Tocantins. Os problemas fundamentais daquela região veem a ser: comunicações, povoamento, saude e educação. Ora, não serão certamente os Estados de Goiaz, Maranhão e Pará, com enormes extensões territoriais e minguados orçamentos, que estarão em condições de resolver esses problemas. Mas,inda que estivessem, não seria de esperar que houvesse coordenação de esforços e de orientação entre eles, e continuaria a justificar-se a criação do territorio federal. Trata-se alem de tudo de uma região que constitue uma unidade geográfica, e, perfurada por volumosos cursos dagua,

que se esgalha em dois tentadores caminhos para as entranhas da terra brasileira, deve ser resguardada como se uma fronteira fosse.

“Roteiro do Tocantins” tem, a nosso ver, sobre todos um mérito: pôs em foco essa fabulosa região brasileira. E um retrato velho de 13 anos, mas atualismo. Em verdade pouco se alterou desde que o Cel. Lírias por ali transitou em lombo de burro ou no bojo de canoar rústicas. Os aviões roncam seguidamente sobre aquelas praias calvas ou sobre a mata densa, por vezes desce para servir apressadamente uma dose do líquido que viu de longe em tambores de ferro, deixam jornais, deixam remédios, mas é muito pouco para o muito que a terra precisa. A população continua escassa, doente e pobre, e a terra bravia, inconquistada, bela e rica.

LIVROS RECEBIDOS:

- “Avançai para o Jamari” (Uma tragédia na Comissão Rondon) — Gen. Lobato Filho — Ed. H. Velho — 1944.
- *Marinha Imperial versus Cabanagem — Capitão de Mar e Guerra Lucas Alexandre Boiteux* — Imprensa Naval — 1943.

Cerâmica São Caetano S/A

ESCRITÓRIO CENTRAL

Viaduto Boa Vista, 68 — 6º andar
 Fones : { Secção de Refratários — 3.4952
 Secção Interior — 2.4229
 Gerência e Compras — 2.7636
 Caixa Postal 278 — Telegramas “ACIMAREC” — São Paulo — BRASIL

Fábrica em São Caetano (S.P.R.) — Rua Casemiro de Abreu, 4 —

Fore 1124 — Linha 140

TELHAS “BRILHANTES”

LADRILHOS — Vermelhos — Amarelos — Marrons e Pretos
 TIJOLOS PRENSADOS para degraus — pingadeiras — pisos — colunas e outros

MATERIAIS REFRATÁRIOS
 de alta classe, para todos os fins industriais

Fornecedor das principais indústrias do País —

Fábrica peças especiais de qualquer formato

Os materiais refratários
 “São Caetano”



se caracterizam pela sua
 qualidade e esmerada fabricação

REPRESENTAÇÃO
DE
A DEFESA NACIONAL

Ampliando a sua rême de sucursais em vários Estados do país **A DEFESA NACIONAL** desenvolve, também, a sua circulação e habilita-se a tornar mais eficiente a propaganda em suas páginas.

Tendo, outrossim, entregue a exclusividade de sua publicidade em todo o Brasil ao

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

a revista por excelência do Exército acha-se habilitada a receber anuncios e toda a demais matéria respectiva através dos representantes desta prestigiosa organização abaixo discriminados:

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranaíacaba, 61 — 4.^o andar.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573.

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44.

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgard Proença, Edifício Bern (1.^o andar), Avenida 15 de Agosto).

Anuncie nas páginas de

A DEFESA NACIONAL
que fará publicidade eficiente

50.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

NOTICIARIO & LEGISLAÇÃO

BATALHÃO DE CAÇADORES (Transferência).

— E' transferida, de Fernando de Noronha para Sobral (Estado do Ceará), no território da 10.^a Região Militar, a sede do 30.^º Batalhão de Caçadores, revogadas as disposições em contrário.
(Decreto-Lei n.^º 6493 de 12-5-944 — D.O. de 15-5-944).
(Decreto-Lei n.^º 6493 de 12-5-944 — D.O. de 15-5-944).

BATALHÃO DE CARROS DE COMBATE — (Transferência).

E' transferida, do Rio de Janeiro (Capital Federal) para Santa Maria — Estado do Rio Grande do Sul, a sede do 3.^º Batalhão de Combate, revogadas as disposições em contrário.
(Decreto-Lei n.^º 6.451 de 28-4-944. — D.D. de 2-5-944).

CIRCUNSCRIÇÃO DE RECRUTAMENTO — (Dotação).

— A 2.^a Circunscrição de Recrutamento fica dotada de mais de um 2.^º Tenente Adjunto e seis soldados que deverão ser especialmente convocados entre os reservistas de 2.^a categoria, com habilitações para funções burocráticas.
(Aviso n.^º 1.009 de 25 — D.O. de 27-4-944).

C. P. O. R. DE S. PAULO — (Autorização).

— Fica o C.P.O.R. de São Paulo autorizado a levar a Itajubá, os alunos do Curso de Engenharia, a fim de realizarem os trabalhos de pontes e destruições, mediante entendimento prévio entre os Comandantes das 2.^a e 4.^a Regiões Militares.
(Aviso n.^º 697 de 24. — D.O. de 26-4-944).

CADERNO DE ENCARGO — (Aprovação).

— Aprovo o Caderno de Encargos para Estôjo de Carpinteiro, destinado à Fôrça Expedicionária Brasileira, passando sua distribuição a ser feita pela Diretoria de Intendênciia do Exército.
(Aviso n.^º 927 de 19. — D.O. de 22-4-944).

CENTRO E NUCLEOS DE P.O.R. — (Matrícula)

— O Diário Oficial n.^º 106, de 10 de Maio de 1944 (página n.^º 8.270) publica as instalações para funcionamento e matrícula nos C.P.O.R e N. C. O. R.

CONCESSÃO DE ADIAMENTO DE CHAMADA POR MOTIVO DE ARRIMO DE FAMILIA — (Suspensão).

— I — Fica suspensa a concessão de adiamento de chamada ou de incorporação por motivo de arrimo de família, previsto nos artigos 124 e 125 do Regulamento para o Serviço Militar.

Cousas Práticas

ADQUIRIR livros
pelo serviço de reem-
bolso postal da secção
de publicidade de
“A Defesa Nacional”.

CAIXA POSTAL N.º 32
MINISTÉRIO DA GUERRA
RIO DE JANEIRO

Serviço rápido e seguro

Em consequência ficam sem efeito os Avisos ns. 2.184 de 22-8-1942 e 1.313 de 26-5-1943.

Devem ser restituídos aos interessados os processos em que hajam requerido essa concessão, não tendo sido aterridos, ou já em andamento.

II — Poderão solicitar assistência às suas famílias os cabos e soldados (reservistas ou conscritos) que dela necessitarem.

Essas solicitações serão feitas aos comandantes de sub-unidades, que encaminharão ao comandante da unidade a relação das praças interessadas com os seguintes esclarecimentos:

- a) nome por extenso;
- b) vencimentos que percebem (sejam os pagos pelo Exército, os integrais de funcionário público ou extranumerário ou os 50% de empregado particular);
- c) residência de sua família, com indicação de rua e bairro.

III — Por ocasião de prestarem os esclarecimentos constantes do item anterior as praças serão advertidas da responsabilidade que lhes cabe pelas informações prestadas, tornando-se passíveis de punição no caso de declarações não verdadeiras.

IV — O comandante da unidade, com os esclarecimentos recebidos, fará organizar relações de tôdas as suas praças que pleiteiam auxílio, grupando-as segundo os locais de residência de suas famílias, a fim de permitir a remessa dessas relações diretamente aos Serviços de Assistência às Famílias dos Convocados;

— da Comissão Central, da Legião Brasileira de Assistência, com sede à Rua do México n.º 158 (4.º andar), quando se tratar de residência localizadas no Distrito Federal;

— das Comissões Estaduais da Legião Brasileira de Assistência, com sede nas respectivas capitais, para residências localizadas nessas capitais;

— dos Centros Municipais, como sede nos respectivos municípios, caso as residências estejam localizadas nesses municípios.

V — Quando a Legião Brasileira de Assistência, comunicar ter resolvido a favor da concessão de auxílio pleiteado, deverá ser feita nos assentamentos da praça a seguinte anotação — "Assistida pela Legião Brasileira de Assistência".

VI — Pelos comandantes de unidades deverão ser comunicados aos respectivos Serviços de Assistência às Famílias dos Convocados as alterações que ocorram com as praças assistidas e que digam respeito:

- a) promoção — com a nova graduação;
- b) licenciamento — com a respectiva data;
- c) exclusão — com o motivo;
- d) transferência — com a designação da nova unidade;
- e) falecimento;
- f) outra qualquer que possa influir em aumento, redução ou extinção do benefício concedido.

VII — Fica proibido às praças dirigirem-se diretamente à Legião Brasileira de Assistência para a solicitação de qualquer auxílio, tornando-se desnecessária a intervenção de pessoas de suas famílias junto aquela instituição.

VIII — Para os efeitos do presente aviso os chefes de repartição ou estabelecimento militar, e os comandantes de contingentes ficam equiparados aos comandantes de unidades.

IX — Fica sem efeito o Aviso n.º 693, de 18 de março último.
(Aviso n.º 958 de 2.º 0. — D.O. de 24-4-944).

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota ..	10,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolivar Teixeira	17,00
Ensaio Sobre Instrução Militar — Cap. José Horacio Garcia	13,00
Estratégica do Terror — Trad. Cel. J. B. Magalhães (*)	15,00
Estudo sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. Moacyr N. Assunção	11,00
Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoyo	18,00
Exterior e Julgamento dos Equídeos — Walter Jardim	30,00
Fenômeno Militar Russo — Cel. J. B. Magolhães	30,00
Fenomeno Militar Russo, desconto de 10% aos Assinantes la Rev. "Defesa Nacional"	27,00
Fichário para Inst. de Educação Física — Cap. Jair J. Ramos	16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles	5,00
Guerra da Sucessão, Separata n.º 53 — Ten. Cel. Arthur Carnaubá (*)	5,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

CORPO DE TROPA — (Criação).

— É criada, para organização imediata, com sede em Fernando de Noronha (7.^a Região Militar), a 1.^a Companhia Independente de Infantaria — tipo e especial, com efetivo e dotação a serem fixados por atos do Ministro da Guerra.

Art. 2.^º Revogam-se as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.^º 6.484 de 9-5-944 — D.O. de 11-5-944).

— É criado, para organização imediata, com sede em Campinas, Estado de São Paulo, o Primeiro Regimento de Carros de Combate.

Art. 2.^º Revogam-se as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.^º 6.482 de 9-5-944 — D.O. de 11-5-944).

— É criada, para organização imediata, com sede em Fernando de Noronha (7.^a Região Militar), a 2.^a Bateria Móvel de Artilharia de Costa, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.^º 6.483 de 9-5-944. — D.O. de 11-5-944).

— É criada, para organização imediata, com sede em Fortaleza — Estado do Ceará, a 10.^a Companhia de Transmissões, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.^º 6.492 de 12-5-944. — D.O. de 15-5-944).

DESPESAS DE VIAGEM E AQUISIÇÃO DE PASSAGENS — (Indenização).

— A indenização das despesas de viagem aquisição de passagens, transporte de bagagem, etc., a que fazem jus os oficiais em comissão no estrangeiro, deve ser efetuada mediante a conversão dos gastos realizados, diretamente, a dólares americanos, ao câmbio do dia e sem prévia redução à moeda brasileira.

(Aviso n.^º 1.06 de 29-4-944. — D.O. de 3-5-944).

ESCOLA DE INTENDENCIA DO EXÉRCITO — (Distintivo).

— De acordo com os arts. 100 e 162 do R. U. P. E., os alunos da Escola de Intendência do Exército passarão a usar um distintivo de ano, para os uniformes branco e azul turquesa:

1.^º ano — Cordão com palmatória, borla e franja de côr azul turquesa.

2.^º ano — Cordão com palmatória, borla de côr azul turquesa e franja de côr de ouro velho.

(Aviso n.^º 1.214 de 11 — D.O. de 13-5-944).

ESCOLA DE I. MILITAR E TIRO DE GUERRA — (Instrução).

— Ficam os Comandantes de R. M. autorizados a determinar que as E. I. M. e T. G., das localidades onde tenham parada unidades do Exército, recebam instrução relativa às armas automáticas (F. M. e Mtr), mediante entendimento prévio entre os Cmts. de Unidades e as I. R. T. G. interessadas, de acordo com os programas que forem fixados por ano. (Aviso n.^º 1.215 de 11. — D.O. de 13-5-944).

ESCOLA TÉCNICA DE AVIAÇÃO DE S. PAULO — (Matrícula).

— Havendo o Ministério da Aeronáutica reservado 3 vagas para praças do Exército, na Escola Técnica de Aviação de São Paulo, determino:

1.^º) — Os corpos, unidades e formações de serviços, repartições e estabelecimentos militares, relacionem todos os sargentos, cabos e soldados que desejarem frequentar a referida Escola.

2.^º) — As praças assim relacionadas, serão submetidas a provas escritas de seleção, enviadas pela Diretoria de Moto-Mecanização, em envelope fechado, para ser aberto na hora de execução, perante uma comissão de

**LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"**

	Cr\$
Limites do Brasil — Cel. Lima Figueiredo (*)	11,00
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antonio P. Lira	19,00
Manual da Socorrista de Guerra — Raul Briquet	21,00
Manoal de Nioac — Gen. Bertoldo Klinger	5,00
Memento do Artilheiro — Cap. Amir Borges Fortes (*)	11,00
Mais Uma Carga Camaradas — Gen. Benicio da Silva	21,00
Morteiro — Cap. Gutemberg Ayres de Miranda (*)	10,00
Moto-Mecanizados (A Defesa Contra Engenhos) — Capitão Hugo M. Moura	4,50
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino de Souza	16,00
Noções de Topografia de Campanha — Gen. Paes de Andrade (*)	11,00
Notas de emprego do Batalhão no Terreno — Comandante Audet	2
	4,00
O Livro do Observador — Cap. Paladini	11,00
O Exército Alemão — Cel. Leony de Oliveira Machado	26,00
Os Pombos Correio e A Defesa Nacional — Dr. Freitas Lima (*)	5,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

3 (três) oficiais, nomeada pelo Comandante, Chefe ou Diretor. As provas serão enviadas à D.M.M. pelo meio mais rápido, para julgamento.

Os candidatos da 2.^a R. M. farão essas provas na própria Escola Técnica de Aviação, em São Paulo.

3.^º) — Os aprovados serão matriculados na Escola, em uma das seguintes especialidades: motores, soldador, sistemas elétricos, viaturas motorizadas, trabalhos em chapa de metal ou de máquinas-ferramentas.

4.^º) — Concluído o curso êsses especialistas serão destinados aos 3.^º e 4.^º escalões de manutenção.

Dentro do prazo máximo de 3 dias, deverão dar entrada na Diretoria de Moto-Mecanização, as relações das praças que deverão ser submetidas às provas escritas. Essas relações deverão ser enviadas pelo meio mais rápido, a fim de evitar atrasos e prejuízo aos candidatos.

5.^º) — Para inscrição, nas relações, devem as praças satisfazer as seguintes condições:

- a) — ter menos de 34 anos, na data da inscrição;
- b) — possuir boa conduta;
- c) — ser solteiro;
- d) — estar em condições de prestar o exame de seleção, que constará das seguintes provas:

Matemática — Razões e proporções — Frações decimais e ordinárias — Volumes e áreas dos principais corpos sólidos — Equações do 1.^o grau — Unidades decimais inglesas.

Física — Noções de sistema de medidas — Unidades fundamentais e derivadas dos sistemas GGS e MTS — Composição e resolução de forças — Trabalho Energia — calor — Termômetros — Propagação do calor — Estado da Matéria — Solidificação — Fusão — Ebulição.

Eletricidade — Noções sobre — Eletricidade — Magnetismo — Ímans naturais e artificiais — Magnetismo terrestre — condutores de eletricidade — corrente elétrica — Lei de Ohm — Pilhas.

(Aviso n.^o 1.053 de 28-4-944. — D.O. de 2-5-944).

FORMAÇÃO DE MECANICOS DE VIATURAS AUTOMOVEIS — (Criação)

Fica a Diretoria de Moto-Mecanização autorizada a criar na "Ford Motor Company", em São Paulo um curso para formação de mecânicos de viaturas automóveis, para cabos e soldados, que satisfaçam as condições seguintes:

Terham ligeiros conhecimentos de mecânica, sejam motoristas ou ajudantes de mecânicos;

Saibam ler, escrever e as quatro operações fundamentais;

Duração — de 12 a 25 semanas, no máximo.

Os alunos serão recrutados nas 1.^a, 2.^a, 4.^a, 5.^a, e 9.^a R. M. mediante entendimentos com a Diretoria das Armas, e o seu número fixado pela diretoria de Moto-Mecanização, em função, das necessidades.

Os candidatos serão submetidos à uma prova de seleção na Ford, devendo regressar às unidades de origem os não aprovados. Os demais ficarão adidos a um corpo da 2.^a R.M. até conclusão do curso ou desligamento do mesmo.

Direção — Ficará a cargo do oficial que estiver fiscalizando a montagem de viaturas para o Exército e regido por programa e diretivas organizadas pela Diretoria de Moto-Mecanização.

Esse curso não será equiparado ao da E.M.M. para efeito de acesso.

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
O Surto no Japão — Maj. Nicanor G. de Souza	3,00
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	5,00
O Tiro da Seção do Morteiro Brandt 81 — Maj. J. A. Pavel	16,00
O Tiro de Grupo I. Rapida, Separata n.º 55 — Cap. B. B. Fortes (*)	6,00
O Serviço de Campanha na Arma de Cavalaria — Capitão A. Pereira Lira	15,00
Pequeno Manual do S. C. da Cavalaria — Major José H. Garcia (*)	12,00
Pedagogia de Educação Física — José Benedito de Aquino	16,00
Reto. de Educação Física - 1.ª Parte (*)	25,00
Reto. para Instrução dos Quadros e da Tropa (*)	3,00
Serviço de Informação e de Transmissões em Campanha G. Cortes	11,00
Sinalização a braços e ótica — Cel. Lima Figueiredo ..	3,00
Três anos de Ortografia S. Brasileira — Gen. Bertoldo Klinger	16,00
Tres anos de Ortografia S. Brasileira (para assinantes da Revista "Defesa Nacional")	12,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

Ficarão, no entanto, considerados como especialistas, nas Unidades Motorizadas, Moto-Mecanizadas e de Manutenção e Suprimento.

(Aviso n.º 1.053 de 20-4-944. — D.O. de 25-4-944).

FORMAÇÃO SANITARIA DO 1.º G. DO 5.º R.A.D.C. — (Tipo "B").

— Na conformidade dos arts. 201 e 209 do Regulamento do Serviço de Saúde em Tempo de Paz, a Formação Sanitária do 1.º Grupo do 5.º Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria passa a ser do tipo "B", enquanto esta unidade estiver aquartelada na cidade de Aquidauana.

(Aviso n.º 1.105 de 3 — D.O. de 5-5-944).

FORMAÇÃO VETERINARIA DO CAMPO I. DE GERICINO' — (Efetivo).

— Atendendo a que há pessoal especializado disponível é reorganizada a Formação Veterinária, do Campo de Instrução de Gericinó, que terá o seguinte efetivo:

Um Tenente Veterinário-Chefe da Formação.

Um cabo enfermeiro-veterinário.

Um cabo ferrador.

Um soldado auxiliar enfermeiro-veterinário.

Um soldado ferrador.

(Aviso n.º 1.007 de 25. — D.O. de 27-4-944).

FRANQUIA POSTAL AS PRAÇAS DO EXÉRCITO, DA ARMADA E DA AERONÁUTICA, ENQUANTO PERDURAR O ESTADO DE GUERRA — (Concessão).

Fica concedida, em caráter excepcional, enquanto perdurar o estado de guerra, franquia postal para a correspondência das praças do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, quando dirigida a pessoas de sua família, observadas as seguintes normas:

— I — as cartas, cartas-bilhetes e cartões-postais, só poderão ter curso isento de selo postal quando apresentados ao Correio por intermédio do Comando da unidade em que estiver servindo o remetente, ou de Comissão Estadual ou Centro Municipal da Legião Brasileira de Assistência.

— II — os remetentes indicarão, obrigatoriamente, na parte inferior do verso das sobrecartas, seu posto e nome por extenso.

III — para que fique assegurada a franquia até a entrega aos destinatários, as cartas, cartas-bilhetes e cartões-postais, deverão trazer no ângulo superior direito do arverso uma impressão de carimbo com os seguintes dizeres: "Correspondência do Soldado — Franquia Postal". Esse carimbo será aplicado pelas autoridades referidas no item I.

— IV — as remessas serão mencionadas por quantidade global, na relação, em duas vices, exigida pela regra VIII do Decreto n.º 6.109 de 15 de agosto de 194.

— V — não gozarão de franquia os impressos ou outros objetos, as transcrições de fundos, seja em carta com valor declarado, seja em vale postal, e as remessas registradas, expressas e por avião comercial.

Revogam-se as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 6.437 de 26-4-944. — D.O. de 28-4-944).

GRUPO MOVEL DE ARTILHARIA DE COSTA — (Transferência).

— É transferida, de Fernando de Noronha para Vitória (Estado do Espírito Santo), no território da 4.ª Região Militar, a sede do 1.º Grupo Móvel de Artilharia de Costa (1.º G. M. A. C.), revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 6.494 de 12-5-944. — D.O. de 15-5-944).

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Telemetria — Cap. Joaquim J. Gomes da Silva	16,00
Telemetros de Inversão — Cap. Joaquim J. Gomes da Silva	9,00
Tática de Infantaria (*)	3,00
Travessia de Cursos Dágua — Maj. José H. Garcia (*)	6,50
Transposição de Cursos Dágua — Cel. Lima Figueiredo	8,00
Tiro e emprego do Armamento da Infantaria — Major Pavel (*)	30,00
Theiria das Progressões e Logarítmicos	5,50
Um Ano de Observações no Extremo Oriente — Coronel Lima Figueiredo	15,00
Vade-Mecum de Matemática Elementar — Cap. Frederico N. Dias	13,00
Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões — Ten. Coronel Alexandre José Gomes da Silva Chaves (no prélo) (*)	16,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

GRATIFICAÇÃO DE INSTRUTOR.

N.º 1.113 — Consulta o Diretor do C.P.O.R. da 5.ª Região Militar, se cabe a gratificação de instrutor ao 1.º Tenente Luiz Silva Miranda, pôsto à disposição daquele Centro, pelo Comandante da Região, como instrutor de Artilharia.

Em solução declaro que, ao oficial em causa cabe realmente a vantagem em apreço, uma vez que foi pôsto a disposição do referido C.P.O.R. atendendo a necessidade do serviço.

(Aviso n.º 1.112 de 3. — D.O. de 5-5-944).

INSIGNIAS DE COMANDO — (Aprovação).

— Aprovo as insígnias de Comandante de Grupo, de Comandante de Bateria, e o distintivo das praças do Primeiro Grupo Independente de Artilharia.

(Aviso n.º 924 de 19. — D.O. de 22-4-944).

INSIGNIAS DE UNIDADE E SERVIÇOS NA 1.ª D.I.E. — (Aprovo).

— Aprovo os modelos de insígnias de unidades e serviços na 1.ª D.I.E.: Chefia do Estado Maior da 1.ª D.I.E.

Tropa Especial da 1.ª D.I.E.

Serviço de Intendência da 1.ª D.I.E.

Serviço de Saúde da 1.ª D.I.E.

Serviço de Material Bélico da 1.ª D.I.E.

Serviço de Transmissões da 1.ª D.I.E.

Esquadrão de Reconhecimento da 1.ª D.I.

Polícia da 1.ª D. I.

Companhia do Quartel General da 1.ª D.I.

Companhia de Manutenção da 1.ª D.I.

Companhia de Transmissões da 1.ª D.I.

Companhia de Intendência da 1.ª D. I.

Serviço Religioso da 1.ª D.I.E.

Banda de Música.

Destacamento de Saúde do Regimento.

Destacamento de Saúde do Batalhão.

1.º Batalhão de Saúde.

Companhia de Comando do 1.º Batalhão de Saúde.

Companhia de Evacuação do 1.º Batalhão de Saúde.

Companhia de Tratamento do 1.º Batalhão de Saúde.

I Grupo do 1.º Regimento de Artilharia Pesada Curta.

1.º Regimento de Artilharia Pesada Curta.

Bia. do 1.º Regimento de Obuzes Auto Rebocado.

1.º Regimento de Obuzes Auto-Rebocado.

I Grupo do 1.º Regimento de Artilharia Pesada Curta.

Cia. de Comando de Grupo do 1.º Regimento de Obuzes Auto-Rebocado.

Bia. de Serviço de Grupo do 1.º Regimento Artilharia Pesada Curta.

I Grupo do 1.º Regimento de Obuzes Auto-Rebocado.

Bia. de Serviço de Grupo do 1.º Regimento de Obuzes Auto-Rebocado.

Bia. de Comando de Grupo do 1.º Regimento de Artilharia Pesada Curta.

(Aviso n.º 1.156 de 9. — D.O. de 17-5-944).

INSPEÇÕES DE SAÚDE DOS MILITARES EFETIVADOS PARA INCLUSÃO NA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA.

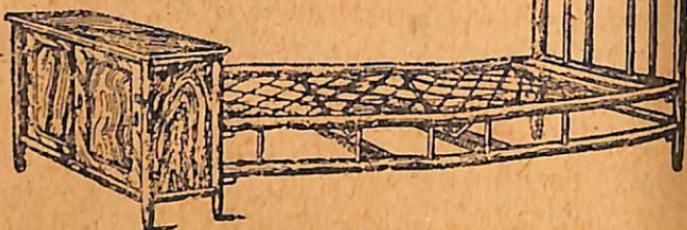
— As inspeções de saúde dos militares, efetuadas para inclusão na Fôrça Expedicionária Brasileira, são válidas para efeito de promoção.

Indústrias "CAMA PATENTE L. LISCO" S./A.

A maior fábrica de camas da América do Sul

Legítima só com a faixa azul!

Grande
fornecedor
dos Exércitos
Nacional
e Americano



Matriz : Rua Rodolfo Miranda, 97 - S. Paulo

Filiais : RIO DE JANEIRO - Rua Figueira de Melo, 307 — Loja:
— Rua 7 de Setembro, 177.
— BELO HORIZONTE, RECIFE, BAÍA, PORTO ALEGRE e
— PELOTAS.

Agências : MANÁUS, BELÉM DO PARÁ, FORTALEZA, NATAL e
— MACEIÓ.

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

Euclides da Cunha H. Militar — Cap. Umberto Peregrino	4,00
Formulario Processual — Ten. Cel. Nizo Montezuma (No Prelo)	16,00
Guia Cmt. Ptl. de Fuzileiros 1. ^a Parte (Ofensiva) — Maj. Tamoyo	15,00
Manual de Topografia Militar — Cap. Evandro Del Corona	25,50
Pastas para Folhas de Alterações	8,00
Tática de Infantaria nos Peq. Escalões — Ten. Cel., Alexandre Chaves	16,00

Qualquer alteração de saúde ocorrida com os integrantes daquela Fôrça deverá ser direta, e imediatamente participada à Comissão de Promoções do Exército e à Diretoria das Armas.
(Aviso n.º 968 de 24. — D. O. de 26-4-944).

LICENCIAMENTO DE ACORDO COM AVISO N.º 2.443 DE 5-10-943 —
(Extinto).

— A execução de qualquer licenciamnto fica limitada pelo prazo legal (artigo 147 da Lei do Serviço Militar) ou, em casos especiais, pelo prazo fixado a critério do comandante da Região Militar.
Chegando ao meu conhecimento que ainda se processam licencimentos de conformidade com o Aviso n.º 2.443, de 5 de outubro de 1943, e já tendo transcorrido prazo razoável para a aplicação do mesmo, declaro extinta a sua vigência.

(Aviso n.º 1.035 de 27. — D.O. de 29-4-944).

OFICIAL COMISSIONADO — (Solução de consulta).

— Consulta o Comandante da 3.ª Região Militar, se ao oficial comissionado de acordo com o Decreto-lei n.º 5.430, de 28-4 de 1943, assiste direito ao abono de um mês de vencimentos, para fardamento, a que se refere o art. 176, do C.V.M. Exército.

Em solução declaro:

Aos oficiais comissionados de acordo com o Decreto-Lei acima citado, não assiste direito ao abono de um mês de vencimentos, para fardamento.

OFICIAL DA RESERVA 1.ª CLASSE CONVOCADO — (Solução de consulta).

— O Fiscal Administrativo da 30.º C. R. dirigindo-se ao Chefe do E. F. da 9.ª R. M., consulta se um 2.º Tenente da Reserva de 1.ª Classe convocado para o serviço ativo do Exército, exercendo as funções de Chefe da 2.ª Secção daquela C. R., tem direito à percepção das vantagens previstas nos artigos 8 e 81 do C. V. V. M. E., visto como, em face do citado Código, lhe estão assegurados os vencimentos e vantagens, como efetivo fôsse.

Em solução declaro:

Em face dos claros termos do Aviso n.º 1.525, de 22 de maio de 1941, deixa de ter justificação a consulta, pois o dito aviso declarou: "Aos oficiais da reserva de qualquer posto, que exerçam chefia de Seção exceto da 1.ª, nas C. R., não cabe o pagamento de diferença de gratificação ou vencimentos integrais de cargo vago".

Recomendo que não sejam encaminhadas às autoridades superiores, consultas referentes a textos claros de leis ou de resoluções já existentes, como é o caso da presente, momente por um estabelecimento de Fundos que é um órgão especializado no assunto.

(Aviso n.º 1.110 de 3. — D.O. de 5-5-944).

OFICIAL DA RESERVA 1.ª CLASSE OCUPANDO CARGO EM ZONA DE RECRUTAMENTO — (Solução de consulta).

— O Comandante da Escola Preparatória de Fortaleza, em Ofício n.º 38, de 19-2-44, consulta:

a) se cabe ajuda de custo a um 1.º Tenente da Reserva de 1.ª Classe que exercia o cargo de Delegado da Quinta Zona de Recrutamento em Quixeramobim, Estado do Ceará, onde residia, e foi convocado para o serviço



Trevo de Quatro Folhas

O trevo da felicidade pode ser encontrado pelo seu próprio trabalho, na construção de um sólido futuro para os seus. E o seguro de vida, na Sul América, é a melhor garantia de tranquilidade futura, para o Srn. e para os seus. Consulte o Agente da Sul América, sem compromisso, para saber qual o plano de seguro que mais se adapta ao seu caso particular.



Sul America

Cia. Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895

Para ter saude é alegria

Procuremos obedecer aos preceitos de higiene, para ter saude e alegria. Os livros de higiene devem ser de leitura obrigatória, não só na escola como nos lares. Muitos deles são escritos de tal forma que os lemos com imenso prazer e, sobretudo, com grande aproveitamento.

Seguindo-se os preceitos de higiene desaparecerão as causas mais frequentes de fraqueza e de desânimo que escravizam tantas vítimas nas cidades e nos campos.

A higiene ensina não só a defesa contra as doenças, como também as medidas para manter o físico e o psíquico em perfeita forma. Nos tempos que correm há muita gente nervosa porque não sabe se alimentar convenientemente e porque não dorme nas horas de descanso.

Existem muitas pessoas "nervosas", desanimadas, irritáveis, neurastênicas, só porque não sabem dividir bem o dia.

Para combater o desânimo, a irritação, a neurastenia, nada mais fácil: regularizar a vida, deitar-se nas horas convenientes e usar o esplendido Tonofosfan da Casa Jayer, obedecendo as demais regras estabelecidas pela higiene.

Numerosas pessoas que usaram o Tonofosfan ficaram admiradas do bem-estar que sentiram apenas com as duas primeiras injeções desse precioso medicamento — absolutamente indolor e de grande proveito para os enfraquecidos, sejam crianças, adultos ou velhos.

ativo por portaria ministerial, sendo classificado naquela Escola, por necessidade do serviço:

b) no caso afirmativo, qual o artigo do C.V.V.M.E. que deverá ter aplicação, se o art. 97 e suas alíneas, ou o art. 222, parágrafo único.

Em solução declaro:

1.^º) Que os avisos ns. 1.148, de 11-5-42, 1.609, de 20-6-42, 1.079, de 28-5-43 e 130, de 19-4-44, servem como elementos subsidiários para reforçar o disposto no art. 225 do C.V.V.M.E., por isso que tornou claro que, mesmo os Oficiais da Reserva de Segunda Classe, convocados, recebem vantagens iguais às dos Oficiais da Ativa.

Do exposto, conclui-se que não pode haver dúvida quanto ao direito ao recebimento da ajuda de custo tratada na presente consulta.

2.^º) A importância desta seria fixada pelo art. 222, parágrafo único, do referido Código na hipótese de não existir a convocação, mas passou a sê-lo pelo art. 97 do mesmo Código, por força da convocação do Oficial para o serviço ativo.

(Aviso n.º 925 de 19. — D.O. de 22-4-944). . . .

OFICIAIS DA RESERVA DE 2.^a CLASSE CONVOCADOS — (Solução de consulta).

— O Comandante do 1.^º R.C.D., consulta se aos oficiais da reserva de 2.^a classe convocados quando promovidos assiste direito à percepção de um mês de vencimentos a título de abôno para fardamento, na forma do artigo 176 do C.V.M.E.

Em solução declaro:

O Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército dispõe:

— Considera-se sob o nome de vantagem tudo quanto perceber o militar em dinheiro ou em espécie".

— Aos oficiais promovidos será concedido o adiantamento de um mês dos vencimentos do novo posto, para indenização em dez prestações mensais".

— Tendo o reservista convocado para o serviço militar, terá direito aos vencimentos e vantagens de seu posto ou graduação, como se efetivo fosse". Em face desse último dispositivo transrito, não resta dúvida que os oficiais da reserva quando convocados, tem direito a todos os vencimentos e vantagens de seu posto.

Entretanto o adeantamento para fardamento não constitue uma vantagem por isso que vantagem no conceito do art. 3.^º do mesmo Código é tudo quanto percebe o militar, em dinheiro ou em espécie, isto é, que se incorporar definitivamente ao patrimônio do militar, o que não acontece com o abono em causa que terá de ser indenizado à Fazenda Nacional.

Em consequência resolvo que aos oficiais da reserva de 2.^a classe, mesmo convocados para o serviço ativo, não deve ser concedido o abono de que trata o art. 176, do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

(Avs. n.º 1.109 d e3. — D.O. de 5-5-944).

OS MILITARES DO EXÉRCITO, DA ARMADA E DA AERONÁUTICA —

— (Contrair matrimônio).

— O Decreto-lei n.º 3.864, de 24 de novembro de 1941, passa a vigorar com a seguinte redação:

Só podem contrair matrimônio os militares do Exército, da Armada e da Aeronáutica em serviço ativo que preencham os seguintes requisitos:

- a) — Oficiais — ter no mínimo 25 anos de idade, completos ou pôsto de 1.º Tenente;
- b) — Sub-Oficiais, Sub-Tenentes ou Sargentos — ter no mínimo 25 anos de idade completos e mais de 9 de serviço;
- c) — Outras Praças da Armada — ter a graduação mínima de cabo, com três anos completos de pôsto e mais de 10 anos de serviço, excetuando-se os taifeiros, cuja única exigência é o limite mínimo de 25 anos de idade. Os oficiais da Fôrça Aérea Brasileira — que não preencham os requisitos previstos na alínea a sómente poderão contrair matrimônio com autorização do Presidente da República.

Os músicos militares são considerados para os efeitos dêste artigo, como sargentos."

Este Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 6.289 de 23-2-943. — D.O. de 28-4-944).

PESSOAL DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA — (Vencimentos e Vantagens).

Ao pessoal evacuado do teatro de operações, para tratamento de ferimento em combate ou ataque aéreo, ou ainda em consequência de acidente em serviço, fica assegurado o pagamento de todos os vencimentos e vantagens de campanha, previstos para a Fôrça Expedicionária Brasileira, até o regresso ao teatro de operações ou até cessar, por ato do Governo, tal situação.

Nenhuma perda de vencimentos ou vantagens sofrerão os militares que permanecerem no teatro de operações, mesmo quando em tratamento de saúde ou afastados do serviço por outro motivo, que não seja por implicado em processo de qualquer natureza.

Os militares sujeitos a processo e os que forem cordenados no fôro civil ou militar terão seus vencimentos regulados pelo Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

Os convocados que forem funcionários ou extranumerários federais, estaduais ou municipais e os servidores de entidades autárquicas poderão optar entre os vencimentos de seu cargo civil e os vencimentos militares de campanha, previstos para a Fôrça Expedicionária Brasileira.

No caso de opção pelos vencimentos militares, as repartições ou instituições citadas neste artigo, menos as repartições federais, deverão recolher ao Tesouro, até o último dia do respectivo mês, as importâncias correspondentes aos vencimentos que pagavam aos mesmos convocados, por ocasião da convocação.

Para efeito de controle, aquelas repartições e instituições apresentarão à Subdiretoria de Fundos do Exército, até o dia 15 do mês subsequente, a comprovação nominal daquele recolhimento.

Aos convocados amparados pelos Decretos-leis ns. 4.902, de 31 de outubro de 1942, e 5.612, de 24 de junho de 1943, é facultado o direito de optar entre os vencimentos militares de campanha da Fôrça Expedicionária Brasileira e os 50 % dos vencimentos, ordenados ou salários de seus emprégos ou cargos civis.

No caso de opção pelos vencimentos militares, os empregadores terão as mesmas obrigações de recolhimento e de sujeição a controle, previstas nos §§ 1.º e 2.º do artigo anterior.

No caso dos convocados referidos nos arts. 3.º e 4.º optarem pelos vencimentos dos cargos civis, perceberão, além da etapa em espécie, o terço

SERVIÇO de REEMBOLSO POSTAL

A DEFESA NACIONAL, visando facilitar aos seus sócios e assinantes a aquisição de livros — militares ou não — à venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu, na sua Secção de Publicações, o serviço de ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO.

Os livros solicitados serão remetidos mediante o simples pedido, e o pagamento feito na agência postal da localidade onde se encontra o destinatário, na ocasião da encomenda.

As despesas relativas ao SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO, serão incluídas no valor do pedido.

A toda encomenda acompanhará a fatura respectiva.

Para facilidade do serviço, os pedidos devem ser feitos nesta ficha.



Este número publica a relação dos livros à venda na Secção de Publicações de A DEFESA NACIONAL.

Em . . . / . . . / . . .

Sr. Diretor de Publicações

de "A DEFESA NACIONAL"

CAIXA POSTAL 32

Ministério da Guerra

RIO DE JANEIRO

Solicito enviar-me, pelo SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL, os seguintes livros:

Nome

Unidade ou rua

Cidade

Estado

do respectivo sôlido, na proporção do art. 19, letra c, do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

Aqueles que não tenham dependentes ou herdeiros poderão autorizar as repartições instituições ou empregadores a recolher à Pagadoria Central da Fôrça Expedicionária Brasileira, no Rio de Janeiro, para constituir fundo de previdência, as importâncias de seus vencimentos, ordenados ou salários.

O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 6.497 de 13-5-944. — D.O. de 16-5-944).

PRAÇAS CONVOCADAS E SORTEADOS INCORPORADOS — (Determinação)

— Dirimindo dúvidas suscitadas na aplicação de certas disposições do Decreto-lei n.º 4.902, de 31 de outubro de 1942, alterado pelo de n.º 5.612, de 24 de junho de 1943, esclareço e determino:

- que as praças (convocados e sorteados incorporados), a que alude o art. 1.º do Decreto-lei n.º 4.902, terão sempre direito, em dinheiro ou em espécie, à etapa, que representa quantitativo destinado à alimentação diária do militar, não consignável nem sujeito a desconto ou pagamento de qualquer dívida;
- que, por isso, a diferença a receber pelos alunos militares, nos casos de que trata o § 4.º do art. 1.º do mencionado Decreto-lei, deverá incidir sobre o total de vencimentos e vantagens, excluída a etapa que, em quaisquer circunstâncias, deve ser paga pelo Ministério da Guerra, em dinheiro ou em espécie, na consonância da alínea supra;
- que, para pagamento da diferença de vencimentos e vantagens assegurada a oficiais e praças convocados e aos conscritos incorporados, quando empregados em firmas ou empresas particulares, será utilizado, pelas unidades administrativas, uma fôlha especial;
- que os funcionários públicos, quando incorporados ou convocados, têm direito à etapa, nas condições estabelecidas nos arts. 55 e 152 do C.V.V.M. Exército;
- que o convocado pode, nos termos do art. 4.º, § 1.º do Decreto-lei n.º 4.902, constituir procurador, por instrumento público ou particular, a quem lhe convier, a fim de receber do empregador a importância do salário ou remuneração, devendo, porém, a unidade ter ciência do pagamento pela remessa da 1.ª via da respectiva fôlha;
- que para as praças de que trata este aviso quando baixadas aos hospitais militares prevelacerá o estabelecido nos arts. 59, 60 e 61 do C.V.V.M.E., considerando-se como gratificação a parte que é paga pelo Exército, e, no caso da praça nada perceber por este, a permanência nos estabelecimentos hospitalares não determinará desconto algum;
- que, no caso de não ser pontualmente observado pelo empregador o disposto no § 1.º do art. 4.º do Decreto-lei n.º 4.092, nem ter o mesmo empregador efetuado em tempo diretamente o pagamento ao interessado ou a quem legalmente o represente, a unidade administrativa deverá sacar vencimentos e etapas para os convocados nessas condições, a fim de evitar que os mesmos permaneçam privados de parte da remuneração que lhes cabe, devendo, posteriormente, promover o recolhimento ao E. F. R. do que tenha sido pago a maior, tão logo sejam recebidos os salários em atraso. Concomitantemente com essas providências, o Comandante, Director ou Chefe da Unidade Administrativa deverá proceder como indica o § 1.º acrescido do 6.º, do Decreto-lei n.º 4.902, pelo art. 5.º, do Decreto-lei n.º 5.612;

- h) quando os salários em atraso forem recebidos pelo interessado diretamente ou por seu procurador, aquele deverá promover imediatamente o seu recolhimento ao E.F.R., e caso assim não proceda far-se-á a respectiva carga, para desconto integral no mês subsequente;
- i) que para efeito de controle pela Subdiretoria de Fundos do Exército, a fôlha especial de convocados deverá ser organizada em três vias, destinando-se uma delas a essa Repartição.

(Aviso n.º 1.115 de 4. — D.O. de 6-5-944).

QUADRO ESPECIAL DE OFICIAIS DA RESERVA DE 1.^a CLASSE (Criação)

E' criado um Quadro Especial de Oficiais na Reserva de 1.^a Classe do Exército, para Juizes e Membros do Ministério Público e Escrivães da Justiça Militar, organizada na forma do Decreto-lei n.º 6.396, de 1 de abril de 1944.

Parágrafo único. O Ministro civil do Supremo Tribunal Militar terá o posto de General de Divisão; o Procurador Geral, o de General de Brigada; os Auditores de 2.^a e 1.^a entrância, respectivamente, os de Major e Capitão; os Advogados de Ofício de 2.^a entrância e o Secretário, o de 1.^º Tenente; os Advogados de 1.^a entrância e os Escrivães, o de 2.^º Tenente.

O Plano de Uniformes dos oficiais de que trata o presente Decreto-lei será aprovado por ato do Ministro da Guerra.

O presente Decreto-lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 6.509 de 18-5-944. — D.O. de 20-5-944).

QUADRO DE OFICIAIS DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO — (Fixados)

— Tendo em vista o que dispõe o parágrafo único do art. 3.^º da Lei de Movimento de Quadros, baixada com o Decreto-lei n.º 3.752, de 23-1-41, determino:

- a) que os Diretores de Ensino do Exército e do Centro de Instrução Especializada tomem as devidas providências para a redução, ao mínimo compatível com as necessidades, dos quadros de oficiais de todos os estabelecimentos que lhes são subordinados, ficando para isso fixados, como limite máximo, a permanência de dois terços do total previsto;
- b) que os comandantes de Região Militar tomem idênticas providências quanto aos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva e outros estabelecimentos ou cursos de instrução especializada, existentes em seus territórios.

Em consequencia, estas, autoridades indicarão, dentro de 15, dias, os oficiais que devem ser dispensados das funções que atualmente exercem. (Aviso n.º 1.234 de 15. — D.O. de 17-5-944).

QUARTEIS-GERENAIIS E CORPS DE TROPAS E FORMAÇÕES — (Determinação).

— Afim de evitar tropeços nos quartéis-generais corpos de tropa e formações de serviços da F. E. B., com a substituição de Oficiais, quando promovidos, determino que, sempre que não houver conflito hierárquico, o mesmo Oficial poderá continuar no exercício das funções que desempenhava antes da promoção.

II — O que acima ficou dito se aplica a todos os Oficiais das Armas e dos Serviços, até o posto de Tenente-coronel, inclusive. (Aviso n.º 939 de 19. — D.O. de 22-4-944).

RESERVISTAS DE 2.^a E 3.^a CATEGORIA — (Solução de consulta).

— I — O Comandante da 7.^a Região Militar consulta:

- a que categoria deverão pertencer os reservistas de 3.^a categoria que forem licenciados, com aproveitamento;
- se os reservistas de 2.^a e 3.^a categorias, que forem aprovados em cursos de formação de graduados deverão ser considerados como sendo de 1.^a categoria, mesmo antes de serem licenciados.

II — Em solução declaro:

- os reservistas de 2.^a e 3.^a categorias, incorporados, ao serem licenciados, terão a categoria de reservistas que lhes couber de acordo com seu grau de instrução e na conformidade do disposto no art. 41 do Regulamento do Serviço Militar;
- os reservistas de 2.^a e 3.^a categorias, incorporados e aprovados em cursos de formação de cabos e sargentos, não devem ser considerados reservistas de 1.^a categoria antes de seu licenciamto.

(Aviso n.^o 1.197 de 11. — D.O. de 13-5-944).

RESERVISTAS CONVOCADOS — (Solução de consulta).

— O Comandante do C. P. O. R. de Recife consulta se o Aviso número 3.202, de 30 de dezembro de 1943, se aplica aos alunos reservistas convocados e posteriormente matriculados no Centro.

Em solução, declaro que, o Aviso citado, aplica-se a todos os alunos cujas matrículas decorreram de convocação e que, na data da sua publicação (30-12-43), já eram alunos dos Centros ou Núcleos.

(Aviso n.^o 1216 de 11 — D.O. de 13-5-944).

RESERVISTAS VOLUNTARIOS — (Solução de consulta).

— Em radiograma n.^o 3 T, de 2 de março findo, o Comandante do 14.^º R. C. I., consulta se aos reservistas voluntários devem ser pagos os vencimentos de soldado engajado, uma vez tenham completado doze meses de serviço.

Em solução declaro:

- que o Aviso n.^o 3.807 — Tems. 4, de 22, publicado no Boletim do Exército n.^o 52, de 27, tudo de dezembro de 1941, fixa em dois anos o tempo de serviço a que se obrigam os voluntários do Exército;
- que, em face do Aviso acima referido, os voluntários do Exército, que contém apenas um ano de serviço a que se obrigam os voluntários do Exército;

c) — que, sómente ao completarem o tempo fixado, a que voluntariamente se comprometeram, poderão entrar no gôso da diferença de vencimentos em causa.

(Aviso n.^o 1.108 de 3. — D.O. de 5-5-944).

SARGENTO ATRIBUIDO AO SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO — (Esclarecimentos).

— Esclareço que o 1.^º Sargento atribuído ao Serviço de Identificação do Exército, pela letra b, do Aviso n.^o 765, de 27 de março de 1944, é para o seu Contingente e não para o seu Quadro, como foi tornado público.

(Aviso n.^o 1.008 de 25. — D.O. de 27-4-944).

SERVIÇO DE EMBARQUE EM S. PAULO — (Ordem).

— Para regularidade do serviço de embarque, em São Paulo, dos oficiais pertencentes às unidades com sede nas 2.^a, 4.^a, 5.^a e 9.^a Regiões Militares

A DEFESA NACIONAL

res, quando transferidos para um dos corpos da 3.^a e os da 2.^a, 4.^a para os da 5.^a deverão, no ato de suas apresentações às sedes daspetivas Regiões Militares, declarar o dia em que dentro do seu pretendem obter acomodações nos trens que partem de S. Paulo. Os Serviços de Embarque das mesmas Regiões comunicarão o dia estipulado ao Serviço de Embarque do Pessoal do Ministério da Guerra que tificará, se houver vaga, ou designará a data mais próxima. (Aviso n.^o 943 de 20. — D.O. de 24-4-944).

SERVÍCIO POSTAL DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (Criado)

E' criado o Serviço Postal da Fôrça Expedicionária Brasileira, com por conta do Ministério da Guerra as despesas com a respectiva instalação e manutenção.

O Ministro de Estado da Guerra e o da Viação e Obras Públicas baixam instruções regulando o funcionamento do Serviço Postal ora criado. Decreto-Lei n.s 4.638 de 26-4-944 — D. O. de 28-4-944.

TERCEIROS SARGENTOS RESERVISTAS (Convocação).

— A fim de suprir a falta de operadores com que futa o Quadro de diotelegrafistas do Exército, ficam os comandantes de Região Militar autorizados a convocar para o serviço ativo os terceiros sargentos reservistas, servindo há mais de um ano à disposição dos Serviços de Transmíssoes, foram licenciados em face do Aviso n.^o 2.822, de 23 de Novembro de 1943.

Aviso n.^o 1.184 de 9 — D. O. de 11-5-944.

TRANSPORTE DE BAGAGENS DE OFICIAIS E SARGENTOS (Autorização)

— O Serviço Central de Transportes fica autorizado a efetuar o transporte de bagagens dos oficiais e sargentos quando transferidos, mediante denização, devendo, para isso, ser aumentada de 1.000 (mil) litros a cota de gazolina mensal.

Aviso n.^o 1.151 de 8 — D. O. de 10-5-944.

UNIFORME DAS ENFERMEIRAS DA R. DO EXERCITO (aprovo).

— O Diário Oficial n.^o 93 de 24 de Abril do corrente ano (pagina 7.230) publica o Aviso n.^o 941 de 20-4-944, que aprova o Uniforme das Enfermeiras da Reserva do Exército.

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Redação e Administração

Edifício do Ministério da Guerra

PRAÇA DA REPÚBLICA — Telef. 43-0563

Correspondência

Para a Gerência: Caixa Postal 32, Ministério da Guerra

Colaborações: Ten.-Cel. Lima Figueiredo, mesmo endereço

Publicidade

Bureau Interestadual de Imprensa

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.^o andar

Telefone 43-9918 e 23-1451

Assinaturas	Ano	Semestre
Associados da Cooperativa	Cr\$ 30,00	Cr\$ 15,00
Renovadas	Cr\$ 45,00	Cr\$ 25,00
Novas a partir de 25/2/44	Cr\$ 60,00	Cr\$ 30,00

A PUBLICIDADE

NA

A DEFESA NACIONAL

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e indústrias do país e aos nossos anunciantes do Rio de Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço de publicidade está a cargo, desta data em diante, do

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

com escritório à

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.^o andar

Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515

Caixa Postal, 365 — End. Telegr.: "Bureau"

Sucursais

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranápiacaba, 61 — 4.^o andar — Telefone 2-5841.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgar Proença, Edifício Bern (1.^o andar), Avenida 15 de Agosto.

Colaboram neste número:

Ten.-Cel. Lima Figueiredo
Ten.-Cel. Roger W. Moore
Major Lindolpho Ferraz Filho
Major Xavier Leal
Cap. Umberto Peregrino
Cap. Geraldo de Menezes Côrtes
Cap. Eduardo Domingos de Oliveira
Cap. Alvaro Lucio de Arêas
Cap. I. E. José Viégas
1.^º Ten. Luiz Gonzaga de Mello
1.^º Ten. Oswaldo José Leal



Cr\$ 5,00

**EDITORÁ HENRIQUE VELHO
(Empresa "A Noite")**

Mal. Floriano, 15 — Rio de Janeiro, D. F.